



Vidas paralelas migrantes

experiências de mediadoras
socioculturais na França

Maria da Graça Luderitz Hoefel
Denise Osório Severo
Claudia Washington
Ximena Pamela Díaz Bermúdez

EDITORA

UnB



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Vidas paralelas migrantes

experiências de mediadoras
socioculturais na França

Maria da Graça Luderitz Hoefel

Denise Osório Severo

Claudia Washington

Ximena Pamela Díaz Bermúdez

EDITORA

UnB

	Equipe editorial
Coordenação de produção editorial	Marília Carolina de Moraes Florindo
Assistência editorial	Jade Luísa Martins Barbalho
Revisão	Talita Guimarães Sales Ribeiro Denise Pimenta de Oliveira Emilly Dias
Projeto gráfico e diagramação	Wladimir de Andrade Oliveira
	© 2020 Editora Universidade de Brasília
	Editora Universidade de Brasília Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF CEP: 70910-900 Telefone: (61) 3107-3700 Site: www.editora.unb.br E-mail: contatoeditora@unb.br
	Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização formal da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UNB)

V649 Vidas paralelas migrantes [recurso eletrônico]:
experiências de mediadoras socioculturais na
França / Maria da Graça Luderitz Hoefel ... [et
al.]. – Brasília : Editora Universidade de
Brasília, 2023.
184 p.

Formato PDF.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5846-094-7.

1. Migrantes – Brasil - França. 2. Mediadores
(Pessoas). I. Hoefel, Maria da Graça Luderitz.

CDU 314.15

MASO RIO

Sumário

Préface / Prefácio 9



19 Apresentação

Projeto Vidas Paralelas (PVP)
Migrantes Capes/Cofecub

23

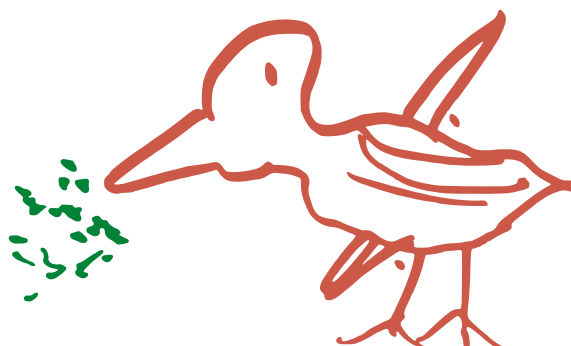


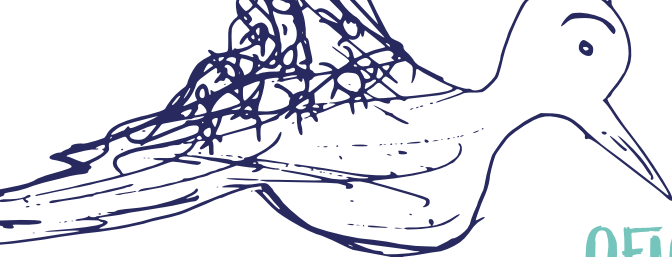
27

A Associação Arifa e o papel
das mediadoras socioculturais



Metodologia 31





OFICINA PVP: 37

direitos humanos e fotografia

Percorrer o mundo 38

40 Mostrar sua foto

- Aigle de Legge* . 41
- Jacamar Tridactyle* . 42
- Flamant Nain* . 44
- Fauvette Orphée* . 46
- Jaseur Boréal* . 48
- Sarcelle Élégante* . 49
- Prit à Collier* . 51
- Serin à Masque Noir* . 53

Escolher uma foto 56

57 Processo de criação

A partilha do sensível 58

- Através dos buracos, podemos passar para viver livres* . 59
- A ideia de voar, imaginar e realizar a nossa liberdade* . 60
- O preto e o branco* . 62
- Solidariedade da partilha* . 64
- Nós temos roupas bonitas* . 67
- O fechamento* . 70
- Os problemas (barcos)* . 71
- Até um outro sonho* . 73
- A imigração é a conexão* . 74
- Temos muita terra lá* . 76

Falar de nossos direitos 78

92 Refletir sobre o trabalho

- A precariedade e o sofrimento no trabalho* . 93
- Descrição de ações realizadas pelas mediadoras na Arifa* . 96

Propor ações 104

- Organizar a exposição e o catálogo* . 106
- Questionar* . 118



121 EXPOSIÇÃO PVP MIGRANTES FRANÇA 2018:

“l'atelier des oiseaux – mediadoras
socioculturais na Associação Arifa”



Avaliação **141**

Transcriptions en français du
discours des médiatrices

[Transcrições em francês das falas das mediadoras]



145



175 Referências

Ficha técnica **179**



Préface

Depuis maintenant plus de 30 ans, en France et dans différents pays européens, sont apparues dans les quartiers populaires de nouvelles figures professionnelles appelées indifféremment médiatrices sociales et culturelles, médiatrices interculturelles ou femmes-relais... De nouvelles figures professionnelles issues d'une catégorie qui n'avait pas ou peu accès à l'emploi : les femmes issues de l'immigration.

Dans un contexte économique et social marqué par les restructurations industrielles, une montée inexorable du chômage et des situations de précarité, différentes réformes favorisant l'accès à la propriété de son logement ont pour effet de rassembler majoritairement dans les grands quartiers d'habitat social les populations les plus en difficulté, et notamment les populations issues des migrations. Les habitants s'adressent alors à des femmes, des mères de famille bien souvent, dont ils se sentent proches par leur histoire et leur parcours migratoire, qui semblent plus en mesure de comprendre leurs difficultés et en capacité de les accompagner dans leurs droits.

L'activité de ces nouvelles intervenantes, les médiatrices sociales et culturelles, se structure autour d'un travail d'accueil, d'accompagnement



Prefácio

I

Há mais de 30 anos, na França e em diferentes países europeus, novas figuras profissionais apareceram nos bairros populares, indiscriminadamente chamadas de mediadoras sociais e culturais, mediadoras interculturais ou *femmes-relais*... Novas figuras profissionais de uma categoria que tinha pouco ou nenhum acesso a empregos: mulheres de origem imigrante.

Em um contexto econômico e social marcado pela reestruturação industrial, um aumento inexorável do desemprego e de situações precárias, diferentes reformas que favorecem o acesso à habitação têm o efeito de reunir, em grandes áreas de habitação social, populações em maior dificuldade e, em particular, populações advindas de migrações. Os habitantes então recorrem a mulheres, geralmente mães, com quem se sentem próximos de sua história e percurso migratório, que parecem mais capazes de compreender suas dificuldades e apoiá-los em seus direitos.

A atividade dessas novas intervenientes, as mediadoras sociais e culturais, está estruturada em torno de um trabalho de acolhida,

et d'orientation des femmes, des hommes ou des familles du quartier où, généralement, elles habitent elles-mêmes. Il s'agit d'un accueil qui nécessite une traduction des codes culturels, des usages et des mentalités françaises et étrangères. Ces médiatrices sont situées dans une position de tiers entre certains habitants des quartiers d'habitat social et les institutions, notamment parce qu'ils sont en difficulté d'accès à leurs droits.

Ces médiatrices vont prendre appui sur les professions existantes en utilisant, en reproduisant des gestes professionnels qu'elles ont repérés chez les travailleurs sociaux, mais elles vont également se construire en opposition, en ce sens que la confiance qui leur est accordée provient pour partie de leur capacité à se démarquer des assistantes sociales qui sont souvent vécues par les familles comme des agents de contrôle.

Que nous apprennent les médiatrices sociales et culturelles ?

Elles nous apprennent – ou nous rappellent – des dimensions essentielles de toute intervention qui met en relation deux personnes voire plus.

Le premier trait sur lequel ces nouvelles « figures professionnelles » nous interpellent, c'est sur ce qui fonde la connaissance et le savoir. Leurs compétences sont très majoritairement acquises dans leur parcours de vie : des valeurs et références culturelles acquises ailleurs, une histoire de la migration, la confrontation à des démarches administratives complexes, la vie dans un grand quartier d'habitat social, etc. Les médiatrices sociales et culturelles vont prendre appui sur l'ensemble de ces savoirs expérientiels, ces savoirs sociaux pour construire leur mode d'intervention. Leur communauté d'expériences avec les personnes, les familles qui font appel à elles, est la première source de leur légitimité.

Elles nous rappellent que la source de la connaissance est faite d'interactions culturelles, sociales, expérientielles, et nous invitent, souvent avec beaucoup de poésie, à une certaine relativité de nos propres certitudes: « Dans la dentelle, il y a des trous et par les trous, nous pouvons

acompanhamento e orientação de mulheres, homens ou famílias do bairro onde, geralmente, elas mesmas vivem. É um acolhimento que requer uma tradução de códigos culturais, costumes e mentalidades francesas e estrangeiras. Essas mediadoras ocupam uma posição intermediária entre certos habitantes dos bairros de habitação social e as instituições, principalmente porque estão em situação de dificuldade de acesso aos seus direitos.

Essas mediadoras se baseiam em profissões existentes, usando e reproduzindo gestos profissionais que identificam entre os trabalhadores sociais, mas elas também se constroem em oposição, no sentido de que a confiança que lhes é concedida provém em parte de sua capacidade de se diferenciar das assistentes sociais, que muitas vezes são vistas pelas famílias como agentes de controle.

O que as mediadoras sociais e culturais nos ensinam?

Elas nos ensinam – ou nos lembram – das dimensões essenciais de qualquer intervenção que conecta duas ou mais pessoas.

A primeira característica dessas novas “figuras profissionais” que nos desafia é no que diz respeito ao conhecimento e ao saber. Suas competências são majoritariamente adquiridas em seu percurso de vida: valores e referências culturais adquiridas em outros lugares, uma história da migração, o confronto com procedimentos administrativos complexos, a vida em um grande bairro de habitação social etc. As mediadoras sociais e culturais se apoiam sobre o conjunto desses saberes experienciais, desses saberes sociais, para construir seu modo de intervenção. Sua comunidade de experiências com as pessoas, as famílias que as procuram, é a primeira fonte de sua legitimidade.

Elas nos lembram que a fonte do conhecimento é composta de interações culturais, sociais e experienciais e nos convidam, muitas vezes com muita poesia, a uma certa relatividade de nossas próprias certezas: “Na renda existem buracos e através dos buracos podemos passar

passer pour vivre libre. Ces trous font une chose importante dans l'espace, ils donnent le mouvement » (témoignage du participant). « Elles nous disent l'importance d'un mode de connaissance qui ne soit pas seulement rationnel, construit, et qui met à distance l'expérience personnelle, la leur ou celle des personnes qui font l'objet des politiques sociales, notamment. La façon d'intervenir des médiatrices s'est, elle, construite à partir d'un savoir empirique acquis par l'expérience, par leur appartenance au groupe destinataire de la politique publique développée. Cela permet de faire « avec » les personnes et non pas « pour » elles ».

Elles nous montrent ainsi que les groupes sociaux, et notamment les groupes sociaux étrangers et issus de l'immigration – et plus généralement les groupes sociaux défavorisés – peuvent se construire eux-mêmes leur propre intérêt collectif, intervenir et peser directement dans le débat public.

Les médiatrices sociales et culturelles nous interrogent aussi sur la question du pouvoir ou, plus exactement, des différents types de pouvoirs qui s'affrontent dans le cadre de toute relation humaine. Elles imposent la nécessité de se confronter à des cultures différentes, avec des systèmes de valeurs distincts. Elles nous rappellent la force des symboles culturels qui ne sont pas les mêmes d'un lieu à un autre, qui peuvent changer dans un même lieu mais aussi dans le temps: « Chez nous, le blanc, ça peut être une couleur du bonheur comme la robe de mariée, comme ça peut être une couleur de deuil ou ça peut être une couleur de recueillement .../... une dame quand elle perd son mari, elle met du blanc de la tête aux pieds... » (témoignage du participant). La reconnaissance et le respect de ces symboles culturels, quels qu'ils soient, parce qu'ils nous structurent tous où que nous soyons nés, est un principe essentiel de l'accueil, de l'hospitalité. Plus encore pour les personnes déracinées, exilées, loin de leurs attaches familiales. Les médiatrices sociales et culturelles qui partagent souvent la même culture, les mêmes origines sociales, qui viennent parfois du même village que les personnes qui font appel à elles, favorisent alors les relations avec l'école, le médecin ou les administrations. La première fonction des médiatrices, c'est de remettre de la parole, des mots, de la compréhension entre des groupes d'appartenance différente, entre les familles et les institutions. La proximité culturelle

para viver livres. Esses buracos fazem uma coisa importante no espaço, eles dão movimento” (depoimento de participante). Elas nos falam da importância de um modo de conhecimento que não é apenas racional, construído e distante da experiência pessoal, delas ou das pessoas que são objeto de políticas sociais. A maneira de intervir das mediadoras é construída a partir de um saber empírico adquirido pela experiência, por pertencerem ao grupo que recebe a política pública desenvolvida. Isso torna possível fazer “com” as pessoas, e não “para” elas.

Elas nos mostram, assim, que os grupos sociais e, em particular, os grupos sociais estrangeiros e imigrantes – e em geral os grupos sociais mais desfavorecidos – podem construir seus próprios interesses coletivos, intervir e pesar diretamente no debate público.

As mediadoras sociais e culturais também nos interrogam sobre a questão do poder ou, mais precisamente, sobre os diferentes tipos de poder que se afrontam no contexto de qualquer relacionamento humano. Elas impõem a necessidade de confrontar culturas diferentes, com sistemas de valores distintos; e nos lembram da força dos símbolos culturais que não são os mesmos de um lugar para outro, que podem mudar no mesmo lugar, mas também com o tempo: “Para nós, o branco pode ser uma cor de felicidade como o vestido de noiva, como pode ser uma cor de luto ou uma cor de meditação. [...] quando uma mulher perde seu marido ela veste branco da cabeça aos pés...” (depoimento de participante). O reconhecimento e o respeito desses símbolos culturais, sejam eles quais forem, uma vez que estruturam a todos nós, onde quer que nascamos, é um princípio essencial do acolhimento, da hospitalidade. Ainda mais para as pessoas desenraizadas, exiladas, distantes de seus laços familiares. As mediadoras sociais e culturais que geralmente compartilham a mesma cultura, as mesmas origens sociais, que às vezes vêm da mesma cidade que as pessoas que as procuram, fomentam relacionamentos com a escola, o médico ou as administrações. A primeira função das mediadoras é levar uma palavra, um conselho, a compreensão entre grupos de diferentes afiliações, entre as famílias e as instituições. A proximidade cultural é,

est alors importante : elle va donner le temps nécessaire pour qu'émerge un compromis entre la culture d'origine et celle du pays d'accueil évitant les raidissements de part et d'autre ; elle crée des liens sécurisants pour les personnes et, permet à la médiatrice d'établir une passerelle culturelle entre l'institution et l'habitant.

On est des immigrées, on n'a pas le même parcours, peut-être des parcours différents, mais il vient d'un pays différent et nous aussi. Souvent, on vient du même pays, on a le même dialecte, on mange la même chose, on a les mêmes problématiques parce qu'on vit dans le même quartier, le problème de leurs enfants sont les problèmes de nos enfants aussi... (témoignage du participant).

N'est-ce pas cette « proximité de vie » des médiatrices qui leur permet de questionner la place des minorités issues de l'immigration dans les politiques dites d'intégration et dans la définition même de ces politiques ? Parce qu'elles aussi – ou leurs parents – ont fait ce parcours qui les ont menées d'un pays à un autre ?

En France, deux modèles s'affrontent. Un modèle où le groupe dominant va imposer ses valeurs, ses normes, ses modes de vie alors que le groupe minoritaire, celui de l'étranger, du pauvre, va devoir abandonner sa culture pour se faire accepter.

Et un second modèle où les minorités ethniques et les groupes sociaux défavorisés sont partie-prenantes de la société d'accueil, de ses politiques publiques, mais dont l'identité reste marquée par une différence, par des appartenances culturelles différentes qui ne signifient ni renforcement des inégalités, ni repli communautaire.

Les médiatrices ne sont-elles pas une formidable opportunité pour faire un pont entre ces deux modèles ?

Bénédicte Madelin
Fédération des associations de médiation sociale et
culturelle d'Île-de-France

portanto, importante: ela fornecerá o tempo necessário para emergir um compromisso entre a cultura de origem e a do país anfitrião, evitando o endurecimento de ambos os lados; ela cria vínculos seguros para as pessoas e permite à mediadora estabelecer uma ponte cultural entre a instituição e o habitante, como expressa a narrativa abaixo

A gente é imigrante. Nós não temos o mesmo percurso que essa pessoa, talvez caminhos diferentes, mas ela vem de um país diferente e nós também. Frequentemente são pessoas que vêm do mesmo país que a gente, temos o mesmo dialeto, falamos a mesma coisa, comemos a mesma coisa, temos os mesmos problemas, porque moramos no mesmo bairro. Temos filhos que vão para a escola juntos, os problemas dos seus filhos são também os problemas dos nossos filhos (depoimento de participante).

Não é essa “proximidade de vida” das mediadoras que lhes permite questionar o lugar das minorias de origem imigrante nas chamadas políticas de integração e na própria definição dessas políticas? Porque elas também – ou seus pais – fizeram essa jornada que as levou de um país ao outro?

Na França, dois modelos competem. Um modelo em que o grupo dominante impõe seus valores, suas normas, seus estilos de vida, enquanto o grupo minoritário, o de estrangeiros, os pobres, tem que abandonar sua cultura para obter aceitação.

E um segundo modelo em que minorias étnicas e grupos sociais desfavorecidos são partes envolvidas na sociedade anfitriã e em suas políticas públicas, mas cuja identidade permanece marcada por uma diferença, por diferentes afiliações culturais que não significam ou reforçam desigualdades, nem isolam a comunidade.

As mediadoras não são uma grande oportunidade de fazer uma ponte entre esses dois modelos?

Bénédicte Madelin
Federação de Associações de Mediação Sociocultural de Île-de-France



O Projeto Vidas Paralelas foi acolhido na Arifa depois de muitas idas e vindas, no sentido duplo entre o resgate e a busca. Sentido esse que inevitavelmente permearia a vida profissional e pessoal das mediadoras numa viagem profunda através das artes, tocaria em todos os seus estados de saúde e culminaria num novo despertar e transformação humana. Caberia aos administradores, assim como cada uma delas, aceitar e se permitir. Fazer parte de uma gama de exercícios, que proporcionaria um olhar mais íntimo sobre suas próprias convicções e refletiria em suas posturas profissionais, na perspectiva de poder construir, elas mesmas, seus projetos futuros, em meio à mediação social e cultural vivida nos dias de hoje.

No percurso de memórias da Arifa de 30 anos de ações entre a mediação social e cultural e as artes, a mediação voluntária engajada por mulheres da década de 1980, de forma intuitiva em seus primeiros anos, fundou-se em bases culturais, humanas, solidárias e, sobretudo, apoiou-se nas múltiplas necessidades de homens e mulheres de origem migratórias na França. O desafio, no entanto, era projetar como as manifestações de arte poderiam facilitar e impactar a saúde (em seu aspecto amplo e complexo) dessas profissionais na atualidade. Não exclusivamente de cada uma, mas, inclusive, da equipe que elas integravam e, conseqüentemente, dos habitantes e parceiros, beneficiários dos serviços da mediação social e cultural dos bairros da periferia de Paris.

Extrair essa reflexão e reencontrar a utilidade social de um trabalho ainda não reconhecido, mas essencial e insubstituível, não parecia algo facilmente palpável. Começar foi um processo lento e de muitas etapas. Necessário. Depois de tantos anos de evolução da profissão e perante uma nova realidade de serviço menos criativa, urgente e mais precária para a saúde das mediadoras e da população que necessita desse serviço, falar em “vidas paralelas” parecia se afastar de suas expectativas. Existia muita apreensão de como lidar com situações inesperadas e de revelar pontos frágeis sem poder e sem saber como contorná-los. Contudo, as palavras arte e saúde, bem conhecidas e

representadas por essas mediadoras como diplomas de experiência de campo, ganharam o primeiro passo.

Vidas Paralelas viria de encontro a um resgate muito mais profundo e íntimo do que esperávamos. O olhar voltado à necessidade do outro, à escuta, ao silêncio, à reformulação de histórias, de vidas pregressas, ao estado de saúde mental, físico e social de quem oferece e de quem recebe. Sobretudo, à projeção de um futuro humanizado de uma mulher, profissional, mãe e responsável de família, que arte nenhuma nunca mais tocou. Entre os cantos, as pinturas, o mapa, os desenhos, as esculturas, os risos, os choros, a comida, as fotos... dividimos tudo, nos alimentamos e nos nutrimos. Muito mais do que era esperado, muito mais do que podíamos imaginar alcançar.

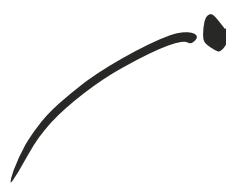
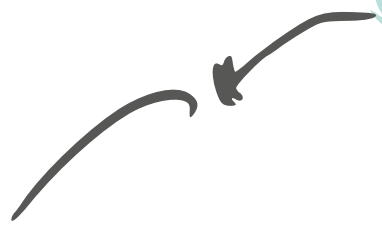
Trocas e experiências que remontam um processo esquecido no passado associativo como lembrança. Um desafio para a organização associativa, para seus responsáveis. Uma nova etapa proposta às mediadoras a ser planejada e construída com um ar renovado. Um horizonte, múltiplas possibilidades de se valorizar e de cuidar de tudo o que foi construído, reconstruído e revelado em tão pouco tempo!

O PVP, assim como seus orientadores e executores, permitiu, em seus encontros regulares, estabelecer-se uma relação de confiança entre todos os atores. Cada uma das mediadoras sociais e culturais, cada um de seus percursos e de suas histórias (muitas vezes confundidas e identificadas com as de seus usuários) viajaram ao encontro seguro onde navegava a saúde, a arte, os projetos pessoais e profissionais. O porto seguro do resultado esperado nos acolheu e encorajou.

Foi com grande alegria que sentimos e vivemos “Vidas Paralelas” e, daqui por diante, essa memória estará viva dentro de nós e de como nos projetaremos profissionalmente na mediação social e cultural desse novo tempo.

Tatiana Jennings
Diretora da Arifa

S



SEMENTARTE

Apresentação

Ressalta-se que esta publicação apresenta os resultados oriundos da implementação do Projeto Vidas Paralelas Migrantes no âmbito da Arifa, em parceria com a Universidade de Brasília e a Universidade Paris 13. As categorias analíticas apresentadas são emergentes dos olhares das mediadoras socioculturais em seu papel de apoio à população migrante.

Apresentar este livro não constitui tarefa simples, haja vista que ele expressa, antes de tudo, o desejo e a “[...] capacidade de sonhar, de denunciar e de anunciar” (Freire, 1983), tão bem colocada pela epistemologia freireana.

Assim, é preciso dizer que este livro representa, em primeiro lugar, uma espécie de mosaico, que foi sendo composto por centenas de mãos da classe trabalhadora, povos indígenas, camponeses e migrantes que contribuíram, cada um a seu modo, para a construção do método do Projeto Vidas Paralelas (PVP). Um método que constitui, portanto, uma colcha de retalhos tecida ao longo de mais de dez anos de caminhada e de contínuas adaptações que foram sendo operadas. Adaptações que são inerentemente intrínsecas à realidade social, cultural e política, fio condutor que nos mantém ligados e atentos à materialidade da vida.

De fato, é fundamental aqui mencionar que foi a materialidade do desejo de luta dos trabalhadores vinculados aos Movimentos de Saúde do Trabalhador e, posteriormente, à Rede Escola Continental em Saúde do Trabalhador (REC-ST), naquele longínquo e diametralmente oposto Brasil de 2007/2008, que conduziu à demanda pelo direito de incorporar o olhar dos próprios trabalhadores na construção de políticas públicas. Esses sujeitos históricos desejavam mostrar seu próprio mundo sem “filtros”, fossem eles técnicos, acadêmicos ou artísticos. Queriam eles próprios revelar o cotidiano de vida, trabalho e cultura vivenciado por cada um e cada uma na luta pela produção e reprodução da vida. Queriam desvelar para transformar.

Desse modo, a busca por revelar universos historicamente invisíveis e promover o protagonismo dos sujeitos e coletivos conduziu à construção do método pautado na imagem e na educação popular, dada a convicção nas potencialidades da imagem e da reflexão crítica para expressar e construir formas de transformar o mundo em que nos situamos, até mesmo quando este mundo é tão simbolicamente distinto da cultura originária, tal como vivenciado especialmente por indígenas, migrantes e refugiados.

Face à experiência do projeto e diante da emergência do fenômeno da elevação da migração, inicia-se em 2015 a elaboração da proposta do Projeto Vidas Paralelas Migrantes Brasil-França, o qual é contemplado em edital de financiamento Capes/Cofecub e implementado a partir de 2017, em ambos os países.

É, portanto, nesse contexto que se desenvolve a experiência plasmada no presente livro, realizada com mediadoras socioculturais vinculadas à organização Arifa, responsável por acolhimento de migrantes, situada nos arredores de Paris/França. Essa parceria propiciou a imersão em um universo de alteridades culturais, sociais e políticas, cujas histórias de vida, percursos migratórios e realidades foram reveladas a partir da imagem, possibilitando também a implementação e reflexão acerca dos caminhos metodológicos do Projeto Vidas Paralelas Migrantes.

Assim, o presente livro constitui um mosaico que apresenta e discute a metodologia do projeto percorrendo os caminhos trilhados com as mediadoras socioculturais, conectando suas narrativas imagéticas evocadas durante o processo e buscando estabelecer as relações com as bases teóricas e metodológicas que o fundamentam.





Projeto Vidas Paralelas (PVP) Migrantes Capes/Cofecub

O Projeto Vidas Paralelas (PVP) é um projeto de pesquisa-ação lançado em 2008 no Brasil que visa revelar o cotidiano da vida, trabalho e cultura, a partir do olhar de sujeitos pertencentes a diferentes grupos sociais, por meio da produção de imagens (fotografias, vídeos, expressões plásticas). Esse projeto também visa a partilha de expressões culturais em uma rede social e em espaços socioculturais que favoreçam a reflexão e a participação social (Hoefel *et al.*, 2016).

O projeto foi inicialmente desenvolvido com trabalhadores vinculados ao Movimento Sindical e Movimentos de Saúde do Trabalhador e foi implantado em 21 estados do Brasil. A experiência conduziu à criação de uma rede latino-americana denominada “Rede Escola Continental em Saúde do Trabalhador”, que articula universidades, movimentos sociais e gestores governamentais, bem como originou uma pesquisa desenvolvida em parceria com quatro países latino-americanos – Brasil, Argentina, Peru e Colômbia – intitulada “Políticas, Participación Social y Actores Sociales”. Esta pesquisa teve como produto a construção de uma matriz de análise da participação social, posteriormente publicada em periódico científico (Hoefel; Severo, 2014).

Em 2010 o projeto expande sua atuação em decorrência da demanda de estudantes indígenas da Universidade de Brasília (UnB),

que almejavam construir uma proposta que viabilizasse a construção participativa e contextualizada de ações que fossem ao encontro das expectativas e necessidades das comunidades indígenas, considerando e valorizando sua cultura, crenças, valores e cosmovisão. Assim nasce o Projeto Vidas Paralelas Indígena (PVPI), desenvolvido em oito aldeias indígenas pertencentes aos Povos Atikum, Potiguara, Pataxó, Piratapuaia, Fulni-ô, Macuxi, Tupinikim e Guarany, situadas em sete estados do Brasil. O PVPI deu origem a inúmeros outros projetos de pesquisa e extensão que contribuíram para o empoderamento dos estudantes indígenas e de suas comunidades, favorecendo a consolidação do Movimento Estudantil Indígena da UnB, a criação do Ambulatório de Saúde Indígena do Hospital Universitário de Brasília e a construção da interculturalidade (Hoefel *et al.*, 2015).

Posteriormente o projeto é também implementado com camponeses em 13 territórios rurais distribuídos em dez diferentes regiões do Brasil, intitulado Projeto Vidas Paralelas Campo, uma parceria entre a Universidade de Brasília e movimentos sociais do campo, tais como: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) e Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq). O PVP Campo propiciou espaços de reflexão e originou a produção de 47 vídeos que retratam as demandas e questões emblemáticas para os camponeses no Brasil. Além disso, originou também a construção coletiva do Memorial Zé Maria, um espaço sociocultural destinado à preservação da memória e da história de uma liderança camponesa assassinada, envolvida na luta contra os agrotóxicos.

Em 2015, o PVP desenvolveu uma experiência piloto na França, especificamente em Montpellier, em parceria com a associação Centre ABC, junto aos trabalhadores desempregados beneficiários do *Revenu de Solidarité Active* (RSA), cuja experiência conduziu a um importante engajamento desses sujeitos e foi socializada em uma Exposição Fotográfica do PVP, realizada junto a um Seminário científico na Université Paris Sorbonne, na qual os trabalhadores apresentaram suas produções e os significados da experiência para seus respectivos

processos de vida e reinserção profissional. Esse trabalho está descrito e analisado em um capítulo de livro publicado pela Editora da Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil (Hoefel *et al.*, 2016).

A imersão no contexto francês nesse período e a magnitude do fenômeno global da migração, bem como suas repercussões sociais e políticas, induziu o Laboratório de Saúde do Trabalhador e Saúde Indígena do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília e o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva a enfatizar os estudos sobre migrações, saúde e direitos humanos, fato que conduziu à elaboração conjunta da proposta de pesquisa intitulada Projeto Vidas Paralelas (PVP) Migrantes: perspectivas Brasil-França.

Em 2016, o PVP Migrantes foi selecionado para a cooperação internacional de pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior e Comité Français d'Évaluation de la Coopération Universitaire et Scientifique avec le Brésil (Capes/Cofecub), para desenvolver pesquisas com migrantes no Brasil e na França, numa parceria entre a Universidade de Brasília, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a Universidade Paris 13 e a Universidade Paul Valéry. As pesquisas se realizaram em quatro cidades: Brasília, Rio de Janeiro, Paris e Montpellier.

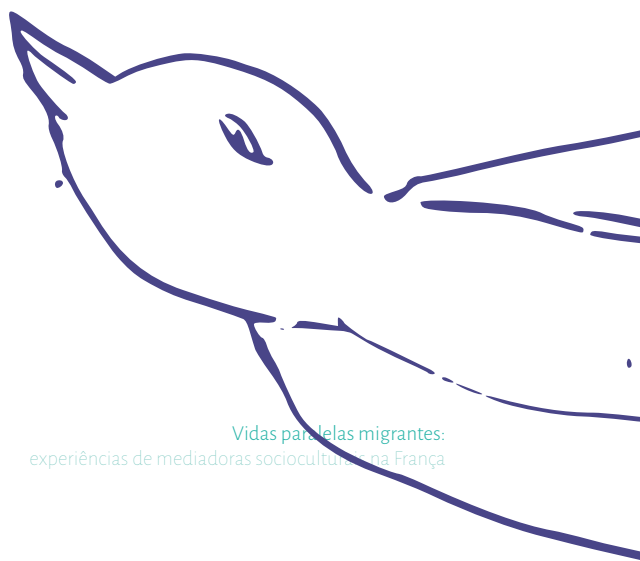
O objetivo geral do PVP Migrantes é, em primeiro lugar, conhecer o cotidiano de vida, cultura, trabalho e saúde dos migrantes na França e no Brasil, a partir do olhar dos próprios sujeitos, visando, assim, o fortalecimento das dinâmicas sociais no sentido da inclusão social. Em seguida, a missão do PVP Migrantes é gerar conhecimento e dar visibilidade a todo esse processo.

O Projeto Vidas Paralelas (PVP) Migrantes Capes/Cofecub é um projeto que favoriza a difusão, a construção de experiências e estratégias para a promoção de condições dignas de vida e saúde para as populações migrantes, aprofundando campos teóricos importantes para a compreensão do fenômeno da migração em diferentes contextos e contribuindo para a elaboração de políticas públicas que favoreçam a garantia dos direitos humanos dos migrantes.

No que tange à pesquisa em Paris, cabe assinalar que ela é implementada em parceria com quatro organizações da sociedade civil,

vinculadas às questões de migração. Entre abril e setembro de 2018, o projeto foi realizado na Associação Archives de l'Immigration Familiale (Arifa), com mediadoras socioculturais da referida instituição, por meio da realização de oficinas de direitos humanos e fotografia”, bem como demais instrumentos que fazem parte do método do Projeto Vidas Paralelas.

A importância do trabalho desempenhado pela categoria profissional das mediadoras socioculturais e o seu expressivo papel na inclusão social dos migrantes foi um critério central de inclusão dos sujeitos no PVP Migrantes. Isso possibilitou trazer à luz um universo carregado de saberes acumulados no cotidiano da práxis, que necessitam ser visibilizados e compartilhados não somente com a comunidade científica, mas com o conjunto da sociedade.



A Associação Arifa e o papel das mediadoras socioculturais

Como mencionado anteriormente, as atividades do projeto de cooperação conjunta Capes/Cofecub envolvem articulações e troca de experiências com associações francesas de base comunitária, que apoiam os migrantes na França. A Arifa foi criada em 1988 por iniciativa de um médico do *Protection maternelle et infantile* (PMI) que identificou o papel de intermediárias de algumas mulheres do bairro de Bosquets, as quais acompanhavam voluntariamente outras mulheres em suas relações com os serviços sociais e de saúde. Essas mulheres mediadoras queriam promover ações de solidariedade e profissionalizar os atores. Trinta anos se passaram desde as primeiras iniciativas cidadãs de mulheres voluntárias.

Conforme reflete Bénédicte Madelin (2007), precursora e líder emblemática desse movimento, a Arifa é hoje uma das maiores e mais antigas associações de mediação social e cultural em Île-de-France. Um símbolo reconhecido nesse campo de ação e uma referência histórica e de qualidade para os parceiros, voluntários e habitantes que apoiam a instituição. Durante todos esses anos, a Arifa passou por desenvolvimentos significativos, diversificou e estruturou suas atividades, multiplicou o número de seus parceiros e profissionalizou seus associados. Os pedidos estão sempre crescendo e o trabalho está

constantemente se adaptando às necessidades mutáveis das instituições e beneficiários, em conformidade com o código de ética, mediação social e o projeto associativo independente (Madelin, 2010).

A experiência das mediadoras socioculturais revelada por esta pesquisa oferece a possibilidade de articular, do ponto de vista teórico, o trabalho desenvolvido por elas e a relação com a categoria cultura, como uma dimensão que nos configura enquanto seres humanos e ao mesmo tempo nos situa na estrutura social junto a outros marcadores sociais, como classe e gênero.

Com efeito, aponta Bénédicte Madelin (em encontro com as mediadoras socioculturais de um projeto transnacional na Europa, com Alemanha, França e Holanda), um dos objetivos do ofício de mediação é fazer com que a palavra circule entre as autoridades e a população da cidade. Ao longo de 30 anos, na França, esse ofício foi sendo considerado uma *expertise* pautada na práxis e no saber popular, construída e acumulada cotidianamente nas suas inter-relações com os sujeitos, motivo pelo qual essa profissão gera um impacto profundo na inserção social dos migrantes e, conseqüentemente, no conjunto da sociedade francesa, embora ainda não seja regulamentada e não possua a valorização social e profissional que condiz com seu papel.

Assim, o trabalho concreto das mediadoras tem como base uma dimensão territorial dentro dos *quartiers* e é nesses espaços que as mediadoras apoiam os migrantes nas diversas necessidades apresentadas e que demandam níveis diferenciados de resolução entre as estruturas do Estado e a população. Elas operam como uma espécie de agentes de acesso, desvendam códigos culturais que favorecem o conhecimento dos equipamentos institucionais disponíveis no território de atuação em benefício de uma melhor inserção social dos migrantes.

Esses processos também incluem a resolução de conflitos e de interesses, por exemplo, na negociação de contratos de aluguel, no entendimento das normas e das leis, nos dilemas entre os papéis sociais das instituições e da família. Em um sentido mais amplo, a colaboração abrange diversas ações que promovem o exercício da cidadania. Na França, o mediador sociocultural intervém não apenas na resolução do conflito,

mas também em sua prevenção. Isso inclui a abordagem de uma série de aspectos da vida social que passam pelo reconhecimento da dimensão cultural incorporada como um elemento central da socialização. Portanto, visando oferecer suporte aos migrantes, cabe às mediadoras o exercício sensível da gramática de tradução no formato das novas vidas que se constroem nos processos migratórios.

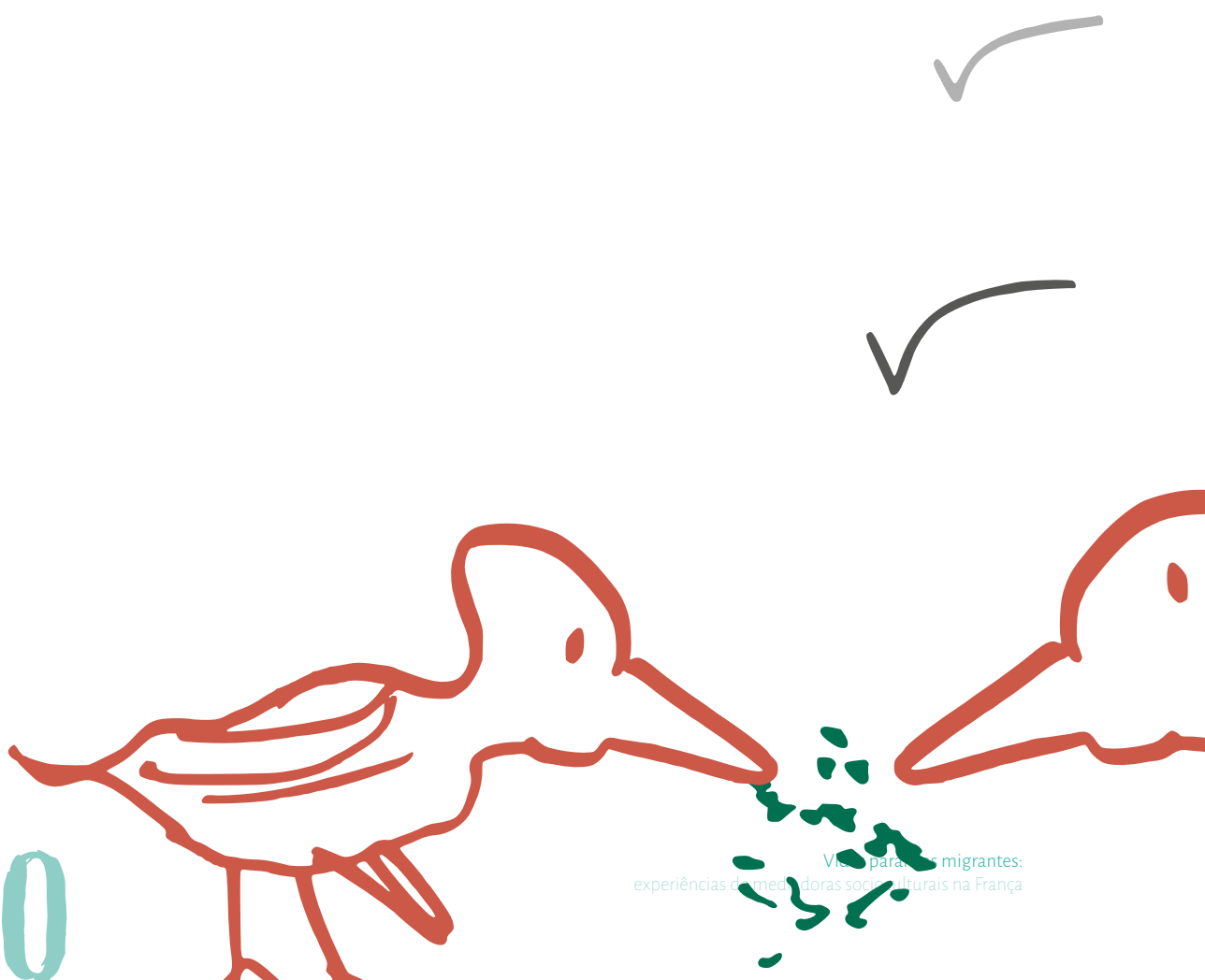
Os depoimentos das mediadoras revelam o reconhecimento de que a migração envolve uma tensão entre os sistemas culturais de origem face aos desafios de inserção no novo contexto cultural no território francês. Em uma perspectiva abrangente, os relatos das mediadoras socioculturais acerca de seu trabalho sugerem que esse ofício carrega consigo o pressuposto da dimensão cultural como elemento central da experiência humana e, ao mesmo tempo, como recurso para o conhecimento e entendimento da realidade.

Nesse sentido, sinalizam um conceito que engloba várias dimensões estruturais dos indivíduos e dos grupos. A apropriação cultural se expressa em trajetórias, identidades, valores, crenças, ideologias, símbolos, códigos, linguagem, estética, moral e nas condições materiais que são produzidas pelas pessoas em seus processos sociais.

O papel das mediadoras socioculturais observado na França mostra a possibilidade de se criar respostas sociais ao problema da migração a partir do favorecimento da inserção social. Esse tipo de experiência também foi registrada em outros contextos, como as denominadas *femmes-relais* em Montreal e outras categorias de apoio em países como Alemanha e Holanda. A bagagem de sucesso dessas experiências pode ser aproveitada em países como o Brasil, que começa a ser destino de fluxos migratórios oriundos de diversos países da América Latina, especialmente da Venezuela, devido aos conflitos políticos e econômicos que vem sofrendo.


Finalmente, o trabalho realizado pela Arifa e pelas mediadoras socioculturais pode servir de inspiração para outros países interessados no desenvolvimento de experiências similares de acolhimento e apoio aos migrantes, capazes de promover o sentido de pertença necessário para a significação e reprodução da vida. Nesse horizonte,

a cooperação internacional entre países constitui um instrumento fundamental para a criação e ampliação de redes que possam favorecer a promoção de vínculos entre a diversidade de grupos socioculturais que coabitam o mundo. Da mesma forma, esse tipo de cooperação pode também colaborar com a consolidação de redes de saberes e práticas que subsidiem a construção de políticas públicas centradas no direito à diversidade cultural e na garantia dos direitos humanos dos migrantes.

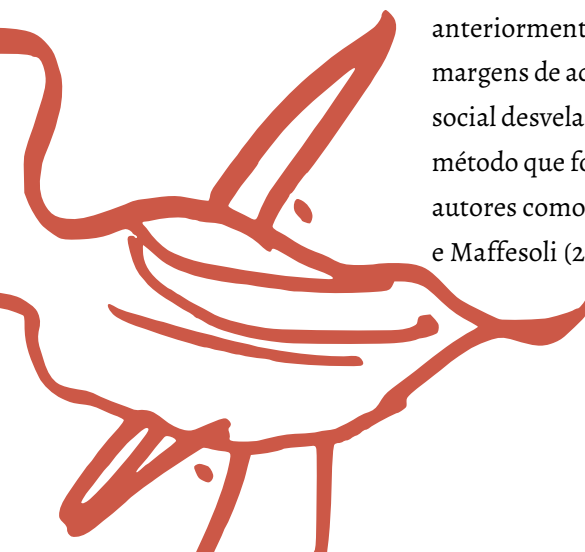


DOLEÇA

Metodologia



Trata-se de uma pesquisa-ação (Thiollent, 1986), de abordagem qualitativa, realizada em Paris entre abril e setembro de 2018, com mediadoras socioculturais da Associação Arifa, por meio da realização de cinco oficinas PVP de direitos humanos e fotografia. Este estudo adota o método construído pelo Projeto Vidas Paralelas – PVP, coordenado pela Universidade de Brasília e implementado desde 2008 no Brasil (Hoefel *et al.*, 2012; Hoefel; Severo, 2014; Hoefel *et al.*, 2016; Hoefel; Severo; Shimizu, 2017), que apresenta alguns princípios teórico-metodológicos estruturantes, tais como: a) centralidade do “olhar” dos próprios sujeitos da ação; b) linguagem imagética como elemento metodológico norteador dos processos; e c) perspectiva da educação popular com base em Paulo Freire (1994).



É importante assinalar que, ao longo de todo o processo de construção do método do PVP, e em consonância com os princípios anteriormente mencionados, o projeto sempre comportou algumas margens de adaptações e buscou autores capazes de iluminar o cenário social desvelado, bem como elementos explicativos acerca do próprio método que foi se construindo. Assim, o PVP Migrantes ancora-se em autores como Freire (1987), Rancière (2012), Didi-Hubermann (2008) e Maffesoli (2008), para citar alguns.

As ferramentas de pesquisa adotadas foram: 1) Oficinas PVP de direitos humanos e fotografia; 2) Caderno de campo; e 3) Registro de imagens e voz. Ressalta-se que o Projeto Vidas Paralelas Migrantes é composto por cinco fases: 1) Articulação, debates e construção da rede de apoio; 2) Realização das oficinas de direitos humanos e fotografia, a fim de resgatar a memória, a construção da história e de observar o cotidiano de vida, cultura e trabalho; 3) Transcrição e análise de oficinas fotográficas e de vídeos; 4) Desenvolvimento e partilha do relatório de pesquisa preliminar e elaboração coletiva do relatório final; e 5) Elaboração coletiva do catálogo e realização da exposição fotográfica do PVP Migrantes.

As oficinas PVP de direitos humanos e fotografia obedecem à seguinte metodologia:

a) Percorrer o mundo: registro de rotas migratórias sobre o mapa-múndi;

b) Mostrar uma foto: apresentação, partilha da foto escolhida por cada sujeito migrante e debate sobre as imagens e sentidos evocados das fotografias;

c) Escolher uma foto: escolha de uma foto e discussão aprofundada;

d) Desenvolver um processo de criação: produção de expressões plásticas;

e) Compartilhar o sensível: apresentação, compartilhamento de expressões artísticas realizadas por cada migrante e debates sobre os significados evocados por essas expressões;

f) Falar dos nossos direitos: refletir sobre os direitos humanos;

g) Propor ações: construção de estratégias de ação.

A análise dos dados é realizada com base na metodologia de análise de imagens (Hoefel *et al.*, 2016) e na análise de conteúdo de Bardin (1977), que possui três etapas: 1) fase de análise coletiva desenvolvida durante as oficinas de direitos humanos e fotografia; 2) Fase de análise realizada pelos pesquisadores; e 3) Fase de análise coletiva.

Após a organização das oficinas, a etapa de análise realizada pelos pesquisadores se inicia. Essa etapa inclui a preparação de relatórios e análise de conteúdo, bem como a análise de imagens e gravações de

voz. A última etapa é a de análise coletiva, que inclui a apresentação e debate sobre os resultados sistematizados no relatório preliminar de pesquisa, a realização das possíveis mudanças, bem como a elaboração coletiva do Relatório Final.

Com relação à metodologia de Análise de Imagem de Hoefel e Severo (2016), ela é alicerçada na discussão teórica da articulação entre “espaços de experiências do comum sensível”, com base em Rancière (2008), “liberdade estética” de Didi-Huberman (2008) e “razão sensível” de Maffesoli (2008). Tais eixos teóricos levaram à hipótese de que a metodologia do Projeto Vidas Paralelas (PVP) está centrada na concepção de espaços de experiência do comum sensível (Rancière, 2012), onde é possível a emergência de experiências e de interações entre imagens, espectadores e os sujeitos autores de produções imagéticas, cujo processo, acredita-se, conduz a uma espécie de emancipação estética.

Ao mesmo tempo, esses são espaços de “liberdade estética” que, conforme assinala Didi-Huberman (2008), permitem a implicação dos sujeitos e, por consequência, levam às transformações e à aparição de novos pensamentos e atitudes a partir da relação com imagens e do ato de sentir, interagir, refletir, criar e agir. Esse espaço parece suscitar a “razão sensível” da qual trata Maffesoli (2008), uma vez que seu elemento disparador não parte da razão instrumental. Ao contrário, são as emoções, os sentidos e o desejo de partilha disparados pelas imagens que parecem amalgamar o processo, em ressonância com apontamentos de Maffesoli (2008).

Além disso, notamos também que há um alinhamento com as concepções que aparecem no livro *O espectador emancipado*, do qual Rancière (2012) é o autor, na medida em que os participantes das oficinas do PVP se reconhecem como principais agentes de seu processo de emancipação, a partir da interação com a arte e das produções imagéticas criadas pelos sujeitos. Para Rancière, a emancipação não depende da posição dos atores, mas sim do “caminho que vai daquilo que ele já sabe àquilo que ele ainda ignora”, no sentido da abolição da “hierarquia das posições” (2012, p. 15-16). A relação entre protagonista e espectador é discutida por Rancière no sentido de que, indiferentemente da

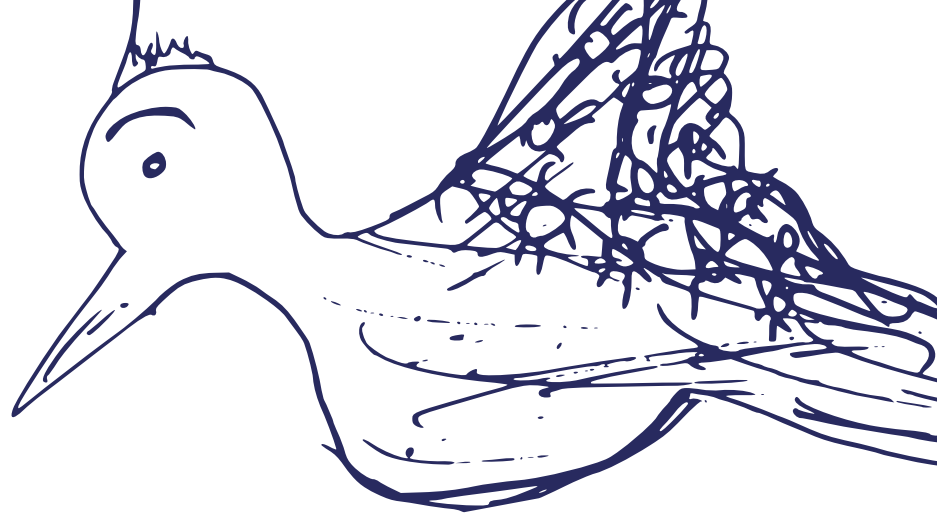
posição dos participantes, o importante é a distância percorrida entre o que é de conhecimento do sujeito e aquilo que ele pode alcançar numa relação de aprendizagem. Dessa maneira, esse pensamento converge com questões centrais assinaladas por Freire (1987), sobretudo no que tange à importância da promoção da emancipação social como papel central da educação. Assim, a educação popular com base em Freire assume a prática pedagógica como uma ação eminentemente política e intrinsecamente vinculada a intervenção na realidade e à superação das classes dominadas. Nesse sentido, Freire (1987) assinala que, quando os oprimidos descobrem-se sujeitos, deflagram em si um processo de libertação no qual vão desvelando o mundo da opressão e comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação.

Ademais, a abolição da hierarquia de saberes é também um pressuposto Freireano, inscrito no livro *Pedagogia do oprimido* e discutido ao longo de toda a sua obra, plasmado em sua célebre frase: “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p. 68)

Com base nesses pressupostos e em diálogo com os demais autores anteriormente abordados, acredita-se que as oficinas do PVP constituem espaços capazes de conduzir, a partir da estética e do sensível, a processos de afirmação de identidades, autonomia, valorização dos distintos saberes e criação de coletividades que podem favorecer a luta por garantia dos direitos humanos. Ou seja, acredita-se que as oficinas do PVP conduzem a um processo de emancipação estética, entendido enquanto um processo de libertação, necessariamente político, que tem como força motriz a estética.

Dito isso, a seguir aborda-se detalhadamente a metodologia do Projeto Vidas Paralelas Migrantes desenvolvido com as mediadoras socioculturais vinculadas à Arifa. Assinala-se que será enfocada especialmente a fase do projeto relativa à realização das oficinas de direitos humanos e fotografia, por tratar-se de elemento central e diferencial do método criado pelo PVP Migrantes.






OFICINA PVP:

direitos humanos e
fotografia






As cinco oficinas PVP de direitos humanos e fotografia tiveram como fio condutor a reflexão a partir de imagens fotográficas produzidas. Guiado pelo tema da migração, o grupo de trabalho abordou questões relativas à habitação, cultura, educação, saúde, trabalho, com foco nas mulheres, na mediação, no futuro, nas fronteiras, entre outros aspectos que serão abordados neste livro.

Com base na Metodologia de Análise de Imagens (Hoefel *et al.*, 2016), as mediadoras socioculturais seguiram o caminho analítico da imagem da migração, compartilhando suas fotografias e história. Elas elaboraram suas narrativas pessoais por escrito, oralmente ou em formas plásticas – a propósito dos significados da imagem e do contexto evocado pela imagem. Esses significados foram então confrontados com as noções de direitos humanos (Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948) gerando o debate sobre os direitos respeitados e os que não o são, no que se refere à vida cotidiana das mediadoras e da população. Esse caminho analítico percorrido levou à proposição de ações, que serão descritas detalhadamente nos seus respectivos capítulos.

Conforme anteriormente mencionado, foram realizadas cinco oficinas PVP de direitos humanos e fotografia, com duração de cinco dias, no decorrer dos quais foram realizadas as seguintes etapas metodológicas: 1) Percorrer o mundo; 2) Mostrar uma foto; 3) Escolher uma foto; 4) Processo de criação; 5) Partilha do sensível; 6) Falar de nossos direitos; e 7) Propor ações. Nas próximas páginas serão descritas cada uma dessas etapas, por meio de seus aspectos teóricos, relatos e imagens produzidas durante as oficinas. Trata-se, portanto, de uma proposta que visa compartilhar o método construído pelo Projeto Vidas Paralelas Migrantes e trazer à luz alguns fragmentos da realidade do cotidiano de vida e trabalho das mediadoras socioculturais da Arifa, contribuindo para a visibilidade de realidades veladas e para novas experimentações teórico-metodológicas que permitam a compreensão e a transformação social.



Percorrer o mundo

A primeira etapa do método das oficinas PVP de direitos humanos e fotografia busca iniciar o processo de construção do espaço do comum sensível (Rancière, 2005) a partir da imagem do percurso, com intuito de identificar “algo em comum”, algum elemento capaz de ser uma espécie de amálgama entre sujeitos aparentemente tão diversos e advindos de contextos tão díspares.

Por esse motivo, o método propõe uma etapa para “percorrer o mundo”, no sentido de propiciar conexões por meio da representação cartográfica (mapa-múndi), facilitando a reflexão acerca das aproximações entre origens, trajetos, memórias e significações por meio da imagem. Assim, os participantes são convidados a traçar no mapa-múndi os seus percursos e compartilhar brevemente suas origens e trajetos.

No mapa geográfico do mundo, foram traçadas as rotas migratórias de cada mediadora. Essa atividade possibilitou repensar os caminhos de um lugar para outro, identificar os itinerários que se cruzam, comparar rotas, conhecer outros lugares por meio do relato de viagem, compartilhar experiências ao redor do mundo e tratar de antigas migrações que deram origem a populações contemporâneas. Percorrer o mundo demonstra a diversidade de origens e culturas que compõem o grupo de mediadoras e facilita, por outro lado, o estabelecimento de relações colaborativas.

Muitas mediadoras deixaram seus países de origem para chegar à França: Sri Lanka, Mali, Turquia, Argélia, Congo-Kinshasa, Marrocos, Brasil. Embora os territórios de origem sejam geograficamente distantes, parece haver um encontro nas narrativas imagéticas.

O mapa é, portanto, um recurso que permite chegar ao território, mas é também um instrumento que permite, simultaneamente, que o espaço se refaça pelo mapa (Heidrich, 2010). Desse modo, percorrer o mundo é uma ação que possibilita a interação e a identificação, iniciando as conexões rumo ao comum sensível.

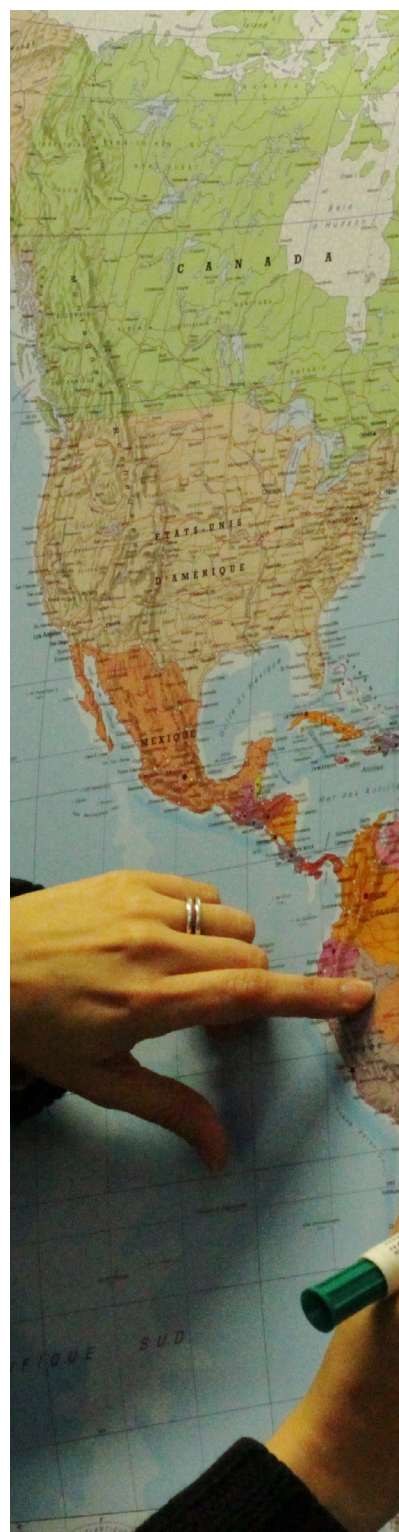




Figura 1: Intervenção sobre o Mapa-múndi, Oficina PVP—Migrantes, etapa “Percorrer o mundo”, 9 de março de 2018, Arifa, França.

Mostrar sua foto

A segunda etapa das oficinas do PVP busca favorecer o desvelar do cotidiano de vida dos sujeitos migrantes a partir da fotografia e de seus próprios olhares, provocando a evocação das subjetividades e afirmação de identidades, mas também a reflexão coletiva da partilha do sensível, cujo ponto de partida é a representação imagética do tema da migração.

Para tanto, cada participante leva para a oficina uma fotografia que representa para si mesmo a migração. A imagem é de livre escolha, podendo ou não ser produção própria. Então, cada um dos sujeitos apresenta e fala sobre sua foto.

Desse modo, no segundo dia, as mediadoras escolhem uma foto ou imagem fotográfica da migração, pessoal ou apropriada, para ser compartilhada com os participantes da oficina. A partilha de imagens começa com uma breve explanação sobre o contexto da produção da imagem e as razões da escolha.

Surgem histórias e memórias evocadas pelas imagens que revelam significados e contextos no campo da tradição, cultura, origem, interculturalidade, trabalho, violência, exploração. Esse momento leva a uma grande implicação dos sujeitos no processo, na forma como as participantes tratam os elementos fotográficos, no fortalecimento da confiança, no estabelecimento de laços solidários, no modo pelo qual se mostram, como se apresentam e agem frente ao outro, tendo como pressuposto a horizontalidade nas relações. Esse momento conduz ao fortalecimento do lugar da experiência do comum sensível (Rancière, 2012).

A seguir apresentam-se as imagens fotográficas trabalhadas e os relatos que as acompanham.

Aigle de Legge

Quando eu tinha cinco anos, minha irmã se casou com um sueco, foi seu primeiro casamento. Ela veio à nossa casa. Antes a gente não tinha construído a casa, morávamos em uma pequena, como se diz? Num pequeno telhado coberto de palha... de folhas de coco. A gente faz assim... como uma esteira para a entrada, atrás da minha casa, uma pequena cabana com as folhas de... folhas de coco, é isso. Lá, a gente constrói as cabanas, constrói a casa, com areia ao redor, areia, lá em cima, se não houver meios. Essa aí na frente a gente construiu. Por trás há uma árvore, essa aí é uma bananeira. Sim, é isso, bananeira, atrás do meu irmão (risos). Eu estou lá, quando eu tinha cinco anos, minha irmã ela estava se casando, ela veio com o marido e naquele dia nós tiramos a foto. Mas quando eu faço essa expressão quando ela vai tirar a foto, eu tive medo quando fez o flash, é por isso que... Ah

Sarcelle Élégante: Você abriu a boca?

(risos)

Sarcelle Élégante: Mas você estava muito fofa.

Flamant Nain: A foto é muito bem-sucedida. Você tinha cabelo curto... e você tem um ponto no rosto, isso simboliza.

Aigle de Legge: Sim, é isso, isso se chama *pottu*, se alguém é uma senhorita ela usa o preto, se alguém se casa com ela, ela usa vermelho.

Figura 2:
Foto partilhada
por Aigle de Legge,
Oficina PVP –
Migrantes, etapa
“Mostrar uma foto”,
30 de março de
2018, Arifa, França.



*Jacamar
Tridactyle*

Quando eu morava na Amazônia e trabalhava... ah, normalmente eu fazia expedições com os índios e morava na capital. Bem, eu morei um pouco, só um pouquinho, na capital, mas estava sempre em expedição. Ficava um mês, dois meses na floresta com os índios, com a equipe de saúde para atender os índios. E este é um dia de celebração de uma tribo de índios chamada Kaxinawa. Havia várias outras, e foi isso que me fez lembrar muito das migrações. Diferentes comunidades indígenas, vizinhos de diferentes etnias que vieram para a festa, e também a equipe de pessoas convidadas, que vieram de diferentes países, ou de cidades diferentes. E pela primeira vez eu vi o fogo, alguém fez fogo com madeira, porque isso é algo que você vê nos livros, coisas assim, desenhos animados, e eu nunca tive a oportunidade de ver e acreditar que era possível, sabe. E levou muito tempo, foi um ritual para pegar fogo. A gente vê o primeiro acender a chama e o fogo que começa. Tinha paus de madeira na festa, é preciso acender todos os círculos para dançar, a dança indígena com esse fogo lá, é o começo do círculo, foi realmente ritual, foi muito bonito. E eu peguei a foto porque me diz muito sobre a migração, sobre a origem das coisas. Normalmente, é a pessoa, é o representante da tribo quem faz, tem gente que canta também, porque é necessário evocar para fazer o fogo, não é só um gesto físico, é preciso cantar, é um ritual. É preciso cantar e toda a comunidade... e os curiosos, como nós, estávamos lá também para ver o fogo emergir.

Serin à Masque Noir: Além disso o pé lá, é preto... ah, é preto... é preta, a pele.

Jacamar Tridactyle: Ah, sim, porque você sabe que no Brasil é muito misturado, tem brancos, negros, de diferentes tipos, também existem índios muito negros, muito negros, os índios que são misturados, diferentes tipos de cores que você vê, é... sim, existem índios... e é isso, a foto é muito reveladora, foi muito emocionante.

Figura 3: Foto partilhada por Jacamar Tridactyle, Oficina PVP– Migrantes, etapa “Mostrar uma foto”, 30 de março de 2018, Arifa, França.



Esta é a gastronomia marroquina. Quando falamos de Marrocos, falamos de gastronomia. São as saladas que fazemos quando reunimos a família. É para festas ou reuniões de família, então são vários legumes da estação [...] tem cenoura, e tem pimentão e... azeitonas, os espinafres do Marrocos, eu não sei como chamamos isso, não é o verdadeiro, é outro tipo, é um primo do espinafre, é isso. [...] E depois a batata, então se cozinha no vapor e aí está, isso reflete a família, a festa, a partilha. [...] Quando tem festa é uma pessoa da família, uma pessoa, vamos dizer a mais velha, que a gente respeita muito, é ela que cozinha e depois, as outras moças estão lá para ajudar, para aprender sobre o casamento. Porque era importante se casar. Tem que saber como cozinhar, era a bagagem para qualquer moça da época. Hoje não, mas na época era isso. Então, o objetivo é aprender, é transmitir as receitas marroquinas de geração, porque essas receitas datam de séculos e séculos... ah, essas não são as novas receitas, não! São realmente as antigas que a gente transmite. Por exemplo, eu... é raro que eu faça saladas assim, essas são as saladas que minha mãe faz, que minha irmã mais velha faz, minha sogra. É importante, é a cultura delas, são as raízes que elas herdaram de suas mães, de suas avós, é isso. Não é qualquer pessoa que cozinha isso, não é dado a todo mundo, é isso. A gente faz com produtos locais, nada é importado, são as coisas que temos, de estação e o que temos. [...] Depois disso é cuscuz, é o símbolo do Magrebe, é uma refeição. Muito simbólica, simboliza a religião, o Islã. Então, às sextas-feiras é importante, praticamente em todas as casas, a refeição, a refeição do meio-dia até agora, deve-se dizer, em geral. [...] E é a refeição da família. Então, a mãe, se os filhos são casados, ela deve reunir todo mundo, porque no Magrebe na sexta-feira a gente não trabalha, então é uma refeição que reúne todo mundo. Pode ser uma refeição de comemoração e luto. Então, quando alguém morre é importante fazer cuscuz, não podemos fazer outra coisa. Hoje em dia isso está mudando. Então quando há luto, os vizinhos fazem o cuscuz e levam para a casa do falecido. E que quando tem um nascimento, é a mesma coisa, temos que fazer cuscuz.

Figura 4: Foto partilhada por Flamant Nain, Oficina PVP – Migrantes, etapa “Mostrar uma foto”, 30 de março de 2018, Arifa, França.



Fauvette
Orphée

Então, havia três, quatro dias que eu estava na França, era Paris. Então, eu vinha quase a cada dois ou três anos para Paris, e aí eu vim [...] não para me estabelecer, eu não tinha a ideia de vir para ficar, eu vim para terminar meus estudos... E então eu estava muito feliz e tudo. [...] Foi o marido da minha prima (quem tirou a foto). [...] Ela é minha prima, que agora voltou para a Argélia, ela não está mais na França. O que eu posso dizer sobre esta foto? Eu disse que eu estava muito feliz, e tudo, eu pensei que fosse o El Dorado... vir para a França [...] Eu já conhecia, vinha sempre, mas... oh, eu digo que é... a gente tem sempre a ideia de vir. Tudo é fácil e depois... Mas não é esse o caso. [...] Então, eu vim fazer longos estudos, mas... depois é... eu fiz, de qualquer maneira, um ano? Mas depois, depois não foi mais possível, porque eu já estava na casa de uma tia, a tia tinha outras ambições para mim.

Flamant Nain: Sim, (risos)... como todas as tias.

Fauvette Orphée: Sim. Então, ela tinha outras ambições para mim, não era para ela. “Os estudos não, você fica em casa, você encontra um marido, e tudo”. E eu não estava não, não estava na minha cabeça vir para me casar... Eu disse desde o início que eu, meu pai nunca me impôs, me forçou, ou me disse para me casar, eu tinha um pai muito compreensivo, de espírito muito aberto, não é minha tia quem vai me empurrar para... [...] Então, eu saí da casa dela e fiquei algum tempo na casa da minha prima, depois com outra prima, depois na casa do meu primo. Depois eu encontrei meu marido, eu não o encontrei, mas me apresentaram a ele, é o destino. [...] É o destino, e dois meses depois eu me casei, não demorou muito e eu ainda estou casada.

Flamant Nain: É verdade, são incríveis as nossas histórias de casamento, são um capítulo à parte também... (risos) é verdade, podemos fazer um filme sobre isso.

Fauvette Orphée: Depois dos dois primeiros anos [...] nos dois primeiros anos foi muito difícil, a distância dos meus pais.

Figura 5: Foto partilhada por Fauvette Orphée, Oficina PVP – Migrantes, etapa “Mostrar uma foto”, 30 de março de 2018, Arifa, França.



Jaseur Boréal

Fauvette Orphée: Então, isso é um chapéu. É um chapéu de origem turca.

Flamant Nain: Para a gente ele é reto, meu pai tinha um do avô dele, como aquele *tarboush*.

Fauvette Orphée: Existe de todos os tipos. Então, essa é a origem da família da Jaseur Boréal. E é por isso que a família da Jaseur Boréal também vem da migração, porque eles vêm da Turquia.

Flamant Nain: É lindo... é verdade, nós o guardamos até agora com a gente, ele deve ter mais de cem anos de idade, o nosso chapéu.

Figura 6: Foto partilhada por Jaseur Boréal, Oficina PVP – Migrantes, etapa “Mostrar uma foto”, 30 de março de 2018, Arifa, França.



*Sarcelle
Élégante*

Este é meu irmão mais velho, minha irmã mais velha, meu pai e minha mãe. Minha irmã mais velha, ela devia ter o quê? Quatro anos, cinco anos, eu não sei, e meu irmão mais velho, eu acho que... eu não sei se foi... eu não sei, eu não poderia dizer... dois anos... Esta foto foi, não, não tinha nada escrito, eu não sei em que ano foi. Minha irmã, ela nasceu em 71 e ele nasceu em 73, então, isso deve ser em 75, ele deve ter dois anos... eles chegaram na França em 72. E aí, essa deve ser uma foto, é isso, esta é uma foto de família que foi feita nos... nos fotógrafos, então, tinha, um pequeno, um pequeno ritual, e era muito estruturado, é isso, não há sorriso, minha mãe não sorri.

Flamant Nain: É como fotos de identidade, é um pouco oficial.

Fauvette Orphée: Não era espontâneo.

Sarcelle Élégante: Não, não, não foi espontânea, foi realmente isso... foi apenas uma vez. [...] Tem só duas, só duas dessas, não existem outras e é a única que temos em família... do meu irmão mais velho e da minha irmã mais velha. Aí ele tinha dois anos, deve ter sido em 73, porque depois, minha irmã mais velha, meu irmãozinho e meu irmão mais velho, eles foram levados, porque depois do meu nascimento minha mãe ficou doente. Ela ficou doente e eles foram colocados em uma família de acolha. [...] Então, eu acho que ela deu à luz o meu irmão mais velho Mohammed, e ele estava no berçário com quase um ano de idade, e ele ficou lá até a idade de sete anos, porque minha mãe estava doente. E eles foram levados. [...] Essa deve ser uma foto de antes, antes de serem levados, antes de a minha mãe ficar doente de tuberculose. Foi tuberculose, após ser internada e ficar seis meses no hospital, após seis meses, isso se transformou em doença crônica e ela teve asma. [...] Ela não queria se casar com meu pai porque na época, foi a minha tia, a irmã de meu pai quem disse sim, e minha mãe, ela não queria, e ela disse: “Eu não quero”. Porque minha mãe era jovem e ela não tinha estudado. [...] Tem uma grande diferença de idade... Minha mãe, ela tinha o quê? Vamos lá, talvez 19 anos. Ela se casou aos 20 anos, eu não sei, ela era jovem, minha mãe...



Figura 7: Foto partilhada por Sarcelle Éléante, Oficina PVP – Migrantes, etapa “Mostrar uma foto”, 30 de março de 2018, Arifa, França.

Você vê a conexão com a migração, porque no dia desta foto estávamos indo a uma reunião, porque a cidade onde nasci, somos uma associação aqui, a gente se encontra todos os meses, uma vez por mês, no segundo domingo ou no segundo sábado, depende. Depois a gente faz uma reunião com todo mundo, damos uma contribuição de dez euros e colocamos em uma caixa, caso haja problemas no país. Na minha cidade onde nasci, se houver problemas com a água, se houver problemas com medicamentos ou durante, por exemplo, o mês do Ramadã, que é um momento muito importante, retiramos o dinheiro da conta e enviamos para as pessoas carentes. Também durante as festas, a gente compra uma vaca ou um touro, que a gente corta e depois damos às famílias carentes que não podem comprar carne no dia da festa. [...] Eu nasci no Mali, foram meus pais que organizaram o casamento, eu vim no caso de reagrupamento familiar. [...] Eu tenho irmãs aqui. Meu marido viu minha foto na casa da minha irmã e ele disse: “Quero me casar com ela”. Não pediram minha opinião, e é isso (risos). Eu também já estava preparada para isso, porque é cultural, eu tenho minhas irmãs que se casaram assim. É isso, um dia eu venho da escola, e meus pais me dizem: “Você vai se casar, o seu marido virá da França em alguns dias”. Eu nunca vi a foto dele, nunca falei ao telefone com ele. Ok, na minha cabeça era normal. Quando cheguei, eu estava em um apartamento sozinha com uma TV, era a TV, porque na minha cidade havia TV, mas era preciso ir nas famílias que podiam pagar para assistir TV, e eu tinha uma televisão só pra mim. Foi impressionante. [...] Além disso, onde eu nasci é o Sahel, é onde há mais problemas de água. Quando você é jovem assim, e é o período de seca, você tem que ir procurar água, a gente lavava a roupa e tudo mais. Isso me choca até agora, acho difícil desperdiçar água, quando lavo a louça eu não consigo deixar a torneira assim, cantar e tudo. É preciso desligar a água porque a água, é impressionante, nós temos, fazendo isso, mas há pessoas que vão quilômetros para buscar a água, e eu vi isso... E até meus filhos, eu digo a eles quando eles vão tomar banho que fechem a água! Meu filho me diz que a gente não está no Mali e eu digo a ele que eu não me importo. É preciso fechar... A água eu não posso desperdiçar. Então, quando eu tomo banho, eu não fico horas e horas cantando, é isso, um pequeno parêntese.



Figura 8:
Foto partilhada
por Pririt à Collier,
Oficina PVP –
Migrantes, etapa
“Mostrar uma foto”,
30 de março de
2018, Arifa, França.

*Serin à
Masque Noir*

De fato, quando eu vim para a França, meu objetivo era me tornar médica, queria estudar e me tornar médica. Quando cheguei, tive problemas com os documentos. Eu vim em 1999, 6 de agosto, era meu aniversário, e eu fiquei com a minha família, fiquei com alguém que fala o mesmo idioma que eu e comecei a falar com ele porque ele perguntou: “O que você veio fazer?”. Expliquei meu projeto para ele e ele disse: “Ei! você veio estudar? Aqui a gente não vem para estudar, a gente vem para trabalhar, então, primeiro é preciso procurar trabalho”. Eu digo: “Não posso estudar?”. (Ele diz:) “Não, porque você tem que contribuir em casa, você não pode ficar assim, nós pagamos o aluguel, pagamos tudo, então você tem que contribuir”. E eu fiquei na casa desse senhor, então eu disse para mim mesma: “Eu realmente não posso fazer nada, como vou trabalhar, se eu não tenho documentos?”. E ele me diz: “Sim, eu vou procurar alguém que tenha documentos, que vai te dar e você vai trabalhar”. Então, os documentos que me deram, eram de uma senhora muito mais velha. Toda vez que tinha algum procedimento administrativo, o que acontecia? Ela sempre me perguntava: “Senhora, quantos anos você tem?”. E eu dizia: “nasci em 51”. E ela sempre me dizia: “Estou perguntando a idade, não o ano”. E eles não aceitavam, ela me dizia: “Olhando para você, não parece ter a idade que diz”. Quando notei, eu disse para mim mesma: “Tenho que sair e eu vou para a França”, eu estava na Suíça. Eu vim para a França porque toda a minha família estava em Paris. Cheguei em Montreuil, minha prima que foi me buscar, eu fiquei lá, e ela me disse a mesma coisa: “Como você não tem documentos, eu vou te dar outros documentos para que você possa trabalhar”. E eu disse: “Não, eu não vim para trabalhar, vim para continuar meus estudos”. E ela me disse: “Mas aqui, a gente não estuda, a gente veio para trabalhar e enviar dinheiro para o país (de origem), porque tem os pais, sabe?”. E eu disse: “Sim, eu sei”. Eu passei momentos muito difíceis com a família. Tinha um senhor que costumava ir em casa e ele me disse: “Bem, eu vou te trazer de volta, precisamos ir pedir asilo político”. E eu disse a ele: “Mas eu não tenho problemas políticos”. E ele me disse: “Sim, temos que inventar”. E eu disse: “Como eu vou inventar?” E ele disse: “Bem, aqui vamos dizer o seguinte: você teve problemas com tal e tal”. A gente

inventou as coisas. Até eu ir à prefeitura, eu pedi asilo e depois de um mês e meio ele foi rejeitado. E ele disse: “Tem polícia em todo lugar, você não pode sair porque tem polícia”. Eu disse: “Bem, não posso ir para a Bélgica?”. Ele disse: “Sim, você também pode ir para a Bélgica”. Eu disse: “Bem, tenho que ir para a Bélgica e talvez lá isso funcione”. [...] Chego a Liège. Eu me encontrei com um senhor que conheci do Congo. E ele me disse: “Eu tenho minha casa, se você quiser, pode ir morar comigo”. Então eu disse: “Mas eu não vim para um casamento, eu quero estudar”. E ele me disse: “Mas você não tem documentos, como vai fazer isso?” E o senhor me levou a um centro de treinamento, foi aí que eu comecei a aprender, a estudar. É um pouco complicado, não gosto muito de dizer o que eu vivi, eu não gosto muito.



Figura 9: Foto partilhada por Serin à Masque Noir, Oficina PVP – Migrantes, etapa “Mostrar uma foto”, 30 de março de 2018, Arifa, França.

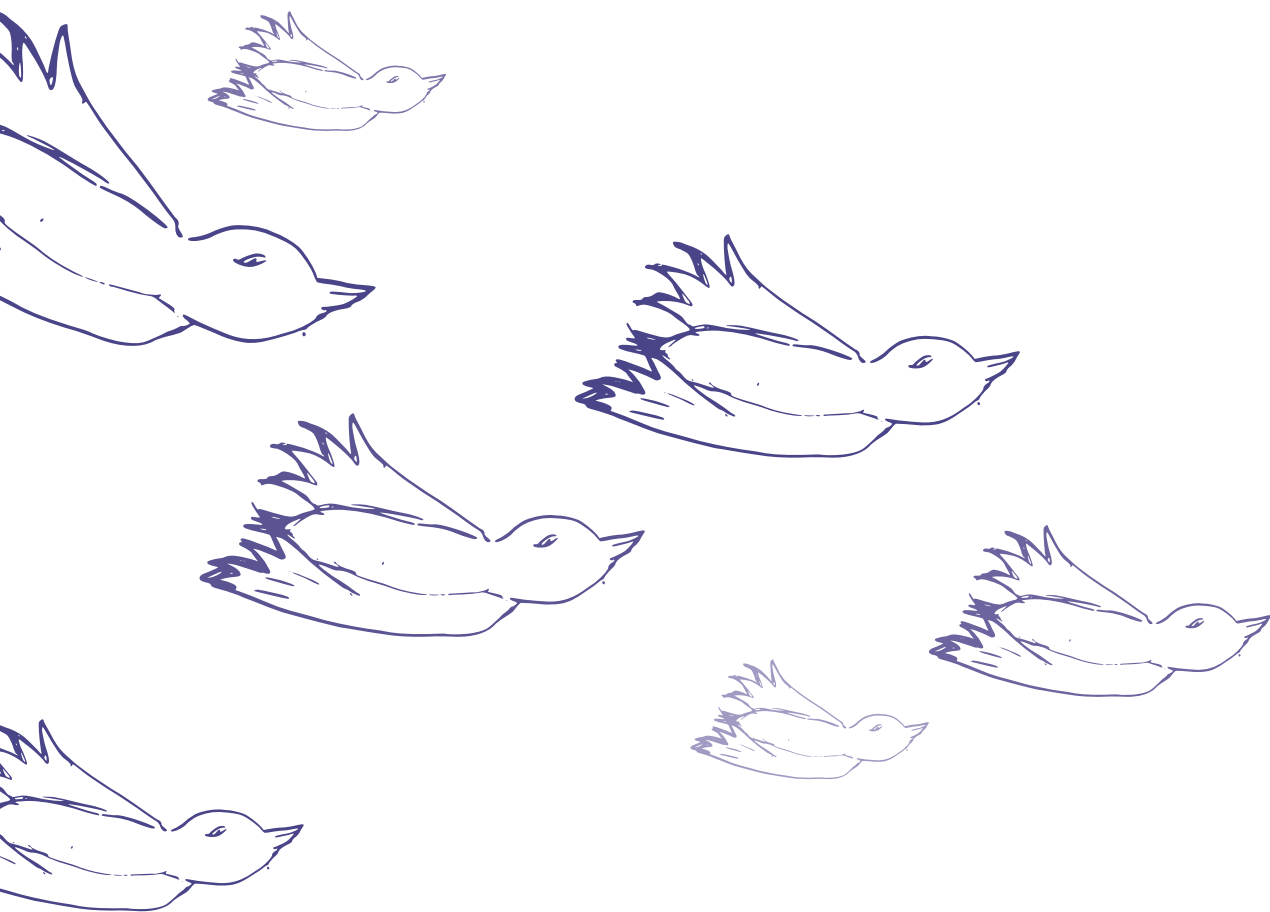


Escolher uma foto

Ainda no segundo dia de oficina, após a finalização da partilha e reflexão acerca de cada uma das fotografias apresentadas pelas mulheres migrantes, o grupo foi convidado a escolher uma fotografia, dentre todas as apresentadas, com o objetivo de realizar uma análise coletiva e reflexão aprofundada da imagem.

O processo estimula a emergência do comum sensível por meio da escolha de uma única imagem que una a todas. Trata-se, portanto, de encontrar as convergências sem ocultar as diferenças.

A imagem escolhida, foco dos demais desdobramentos da oficina foi a partilhada por Aigle de Legge (figura 2).



Processo de criação

A terceira etapa do método das “Oficinas de fotografia e direitos humanos”, normalmente realizada no terceiro dia, é destinada ao trabalho de expressão artística dos significados evocados pela fotografia escolhida pelo grupo na etapa anterior. São utilizadas produções plásticas, performances, expressão escrita, oral e outras formas.

No terceiro dia, é solicitado às mediadoras que observem a foto escolhida relacionada ao tema da migração e que, com base nos dias anteriores da oficina, expressem, com os materiais disponíveis, significações e o contexto evocado pela imagem.

Esse é um momento de escolha, no qual emerge um olhar, um posicionamento, uma forma de interagir, um mover-se que interroga e reordena o espaço. Uma especificidade dessas oficinas é o movimento entre práticas verbais e corporais como meio de inscrever o sentido da comunidade (Rancière, 2005).

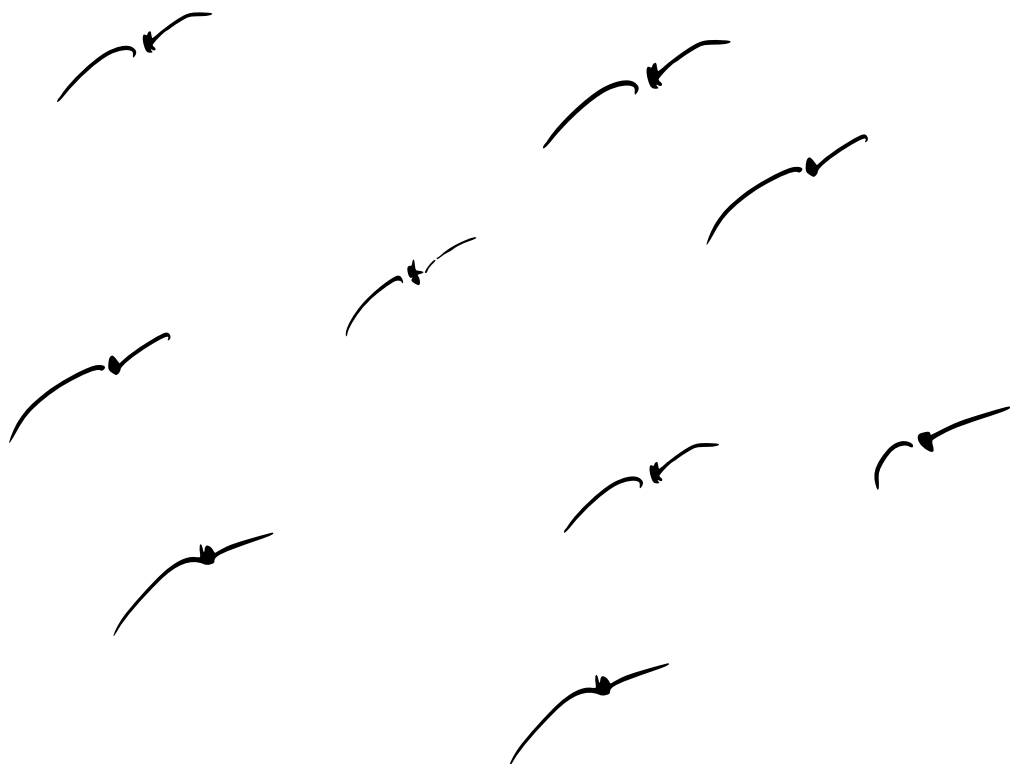
Esta etapa põe em jogo uma esfera individual da criação na relação sujeito-imagem-conceito e uma esfera coletiva da criação que agrega à primeira as relações interpessoais e ambientais. Ambas trabalham no sentido do fortalecimento de um comum sensível, pelo balanço entre o individual e o coletivo.



A partilha do sensível

No terceiro dia, logo depois do processo criativo, o grupo compartilha suas expressões oralmente. Esse momento evidencia o que Jacques Rancière (2005) denomina de partilha do sensível, ou seja, o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. O comum se expressa inicialmente com a escolha da foto a ser trabalhada. Ele se desdobra em objeto plástico, texto ou desenho; se intensifica por meio da fala e do gesto que compõem a partilha dos sentidos pessoais em relação à escolha coletiva. É o lugar do comum sensível, onde se estabelece também a diferença.

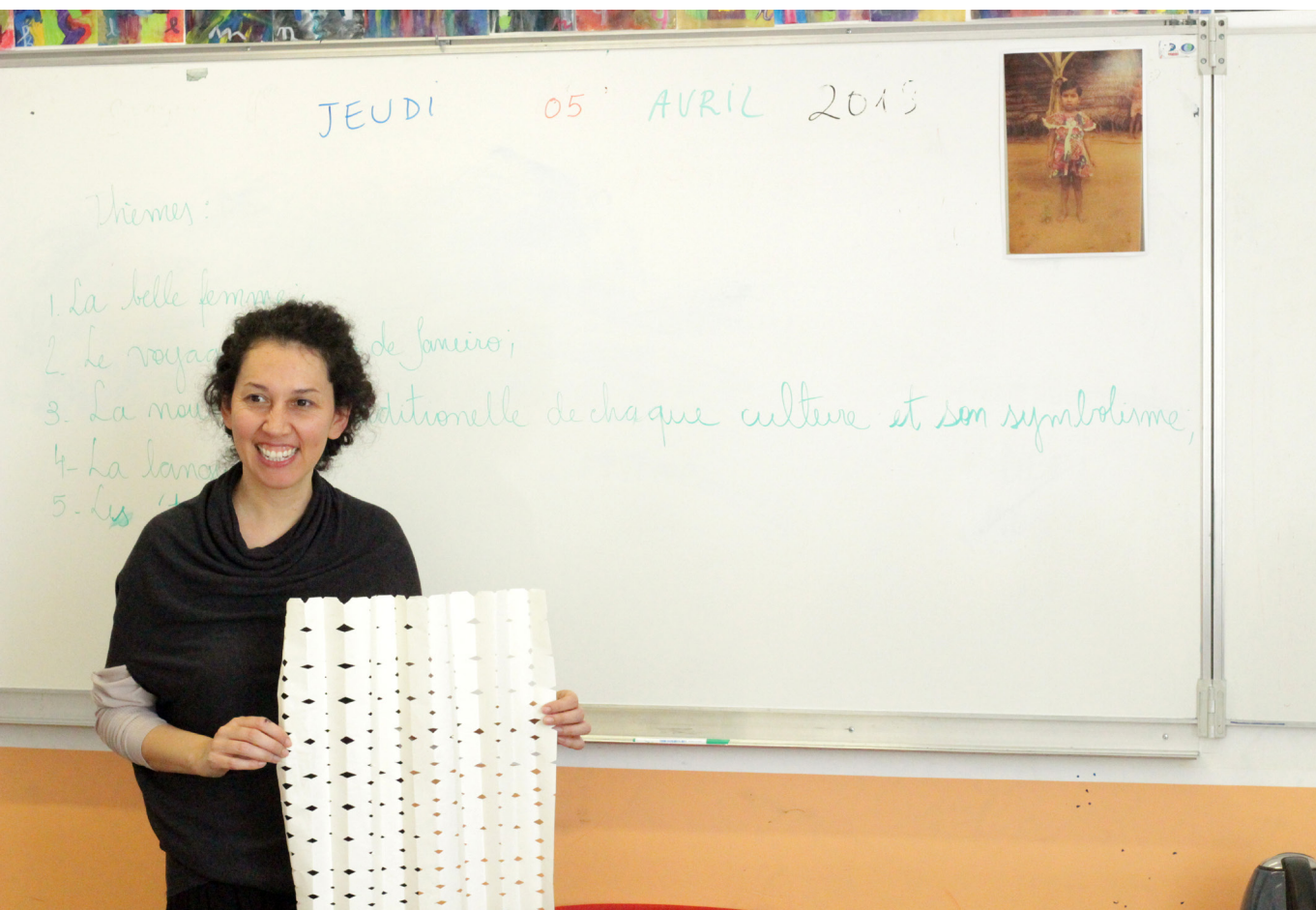
Seguem as imagens das produções plásticas e textuais com seus respectivos comentários.



Através dos buracos, podemos passar para viver livres

Caique Chauve: Pensei nesse detalhe do vestido da menina, a renda, porque é um detalhe, mas é algo que transforma o vestido em um vestido especial. Na renda existem buracos e através dos buracos podemos passar para viver livres, esses buracos fazem uma coisa importante no espaço, eles dão movimento.

Figura 10: Registro do sensível (elaboração pessoal) suscitado pela imagem foco, objeto criado por Caique Chauve, Oficina PVP – Migrantes, etapa “A partilha do sensível”, 6 de abril de 2018, Arifa, França.



A ideia de voar, imaginar e realizar a nossa liberdade

Ara de Lear: Eu fiz um passarinho, algo que se mexe. E a ideia que me inspirou foi a liberdade de conhecer outros caminhos desconhecidos, eu acho que é um símbolo interessante. A ideia de voar, imaginar e realizar nossa liberdade.

Caïque Chauve: Quando você falou sobre o pássaro, para mim parece ter uma relação com a nossa criança mesmo... pode ser divertido.

Flamant Nain: Para mim, o pássaro é a criança. É muito simbólico, porque é uma criança e um dia ela voará com as próprias asas, como um pássaro. Ele vai sair, como Aigle de Legge, ela estava lá, foi para a Suécia, veio para Paris, foi para o Sul, voou.

Ara de Lear: Uma criança, quando tem um pedaço de madeira, imagina um avião, por exemplo, e começa a voar imediatamente. Todas as crianças, elas têm a capacidade de transformar a realidade com muita facilidade. É fácil para uma criança imaginar outras coisas, mas não é apenas imaginação, ela realiza o desejo quando começa a brincar.

Flamant Nain: Mas para brincar... a gente não brinca de passarinho... é preciso estar motivado, ele ainda não voa por ele mesmo. Para ativá-lo, é preciso lhe dar um impulso, ele é muito pequeno para voar sozinho, o seu pássaro... É muito filosófico...

Figura 11: Registro do sensível (elaboração pessoal) suscitado pela imagem foco, objeto criado por Ara de Lear, Oficina PVP – Migrantes, etapa “A partilha do sensível”, 6 de abril de 2018, Arifa, França.



O preto e o
branco

Astrild Ondulé: Uma imagem não é triste, Aigle de Legge, ela não está triste, mas eu, vendo a imagem, me fez pensar em pobreza, guerra... precariedade...

Flamant Nain: Não necessariamente, tem um lindo vestido aí... Tem um contraste entre o lindo vestido e o quadro.

Sarcelle Élégante: E você vê os pés descalços...

Flamant Nain: Bem, as crianças geralmente tiram os sapatos para se divertirem... Elas se divertem. Ela está brincando, está feliz com seu vestido, é isso.

Astrild Ondulé: Isso me lembra o país (de origem), como vivemos na cidade grande, como a gente vive no mato, de repente tem pobreza, tem tudo, tem guerra.

Serin à Masque Noir: O preto representa a pobreza?

Astrild Ondulé: Para mim, o preto não é algo bonito.

Serin à Masque Noir: Não, mas... para nós, é sempre negativo?

Astrild Ondulé: Depende.

Flamant Nain: Para nós, o branco pode ser uma cor de felicidade, como o vestido de noiva, ou pode ser uma cor de luto ou uma cor de meditação. Por exemplo, no norte da África, quando uma mulher perde seu marido ela veste branco da cabeça aos pés, mesmo a roupa de baixo, até a meia... tudo, durante quatro meses e dez dias, é o branco. Não é o bege, é o branco...

Serin à Masque Noir: Para mim, o preto não significa, porque eu acho que o preto pode explicar algo além da miséria, da pobreza e do luto, porque durante o próprio luto a gente pode usar o branco, como você acabou de dizer... A gente, não usa o preto... Para nós não é o preto. É tudo branco, quer dizer, mesmo as crianças, a família, elas usam apenas o branco, não o preto, então, o branco acompanha a pessoa com a felicidade e tudo. A gente não veste preto.

Flamant Nain: É a cultura de cada país. Quando você vai para o Egito, é o preto, não é o branco.

Pririt à Collier: No Mali, por outro lado, uma menina, quando se casa, depois do casamento, depois de uma semana, volta para a casa

dos seus pais e coloca algo preto, não é escuro, escuro, mas coloca preto, se é uma coisa branca, mas sempre um pano preto na cabeça.

Serin à Masque Noir: É muito bonito, não é sombrio ou algo assustador.

Astrild Ondulé: O preto é bem-feito, não é?

Figura 12: Registro do sensível (elaboração pessoal) suscitado pela imagem foco, desenho criado por Astrild Ondulé, Oficina PVP – Migrantes, etapa “A partilha do sensível”, 6 de abril de 2018, Arifa, França.



Solidariedade da partilha

Flamant Nain: É a terra. É a argila que a gente sempre utiliza para comer, para fazer muitas coisas, para fabricar coisas úteis para cozinhar, beber água. É higiênico, é orgânico, com produtos naturais, é feito à mão. Então, isso é terracota. Ainda é terra, mas é em terracota. Então aqui, isso parece uma panela de pressão que a gente usa atualmente, porque a fechamos e não colocamos água e isso cozinha no vapor. Não adicionamos uma gota de água, colocamos tudo ao mesmo tempo, carne, legumes, tudo o que queremos e fechamos. E então, em geral, há como um pequeno buraco ali, como um difusor. Então, em cada casa, até agora, encontramos isso. Tradicionalmente a gente usa com carvão, que é chamado de braseiro. Ou seja, um prato onde colocamos carvão e ele cozinha, muito suavemente, naturalmente. Hoje em dia quando você vai à loja tem um pequeno difusor que colocamos na boca do fogão. A gente não pode colocar isso direto no gás, ele pode estourar. Compramos um difusor, como um prato com furos que absorve suavemente o calor. Então, é muito bom para a saúde. Antigamente havia pobreza, não tinha muitos pratos, não tinha loja, tinha guerra, as pessoas não tinham condições de comprar pratos, cada um tinha o seu prato e é esse prato que a família rodeia para comer com pão.

Pririt à Collier: Eu poderia interpretar que não é pobreza, por exemplo, no Mali a gente faz a mesma coisa, comemos no mesmo prato, não é uma questão de pobreza. Por exemplo, se tem muita gente numa família e se eu não tenho meios de alimentar minha família, é o meu irmão, se ele tiver meios, quem vai alimentar toda a família. Tem apenas uma pessoa que alimenta a família, a gente come todos juntos.

Flamant Nain: É a solidariedade da partilha.

Pririt à Collier: Quando você come junto todos os dias, amanhã, por exemplo, somos dez e comemos o dia todo, da manhã até a tarde eu não estou lá, mas se eu estivesse, eu comeria. E você vai fazer a pergunta: “Por que ela não está aqui?”. Eu posso estar doente, eu posso ter ido a algum lugar. Tudo isso para dizer que, quando as pessoas ocidentais comem cada um no seu prato e tudo isso, quando vamos ao Mali e a gente come junto é hospitalidade, isso não é pobreza e é assim que a gente interpreta isso. A questão não é que “a gente é pobre”.

Flamant Nain: E até agora nós comemos, quando eu cozinho *tagine* com meu marido e as crianças, temos que comer todos juntos. É algo que reflete a família.

Pririt à Collier: Na minha casa a gente não come cada um no seu prato. Tem pratos, massas e outros, o que não é fácil de comer, cada um pega o seu prato e tudo, mas, por exemplo, os pratos tradicionais que eu faço no sábado, a gente come junto no mesmo prato, se você quiser comer com a mão também, você é livre para fazer o que você quiser.

Pririt à Collier: É por isso que eu coloquei isso: partilhar, sofrimento. Sim, existe um sofrimento e tem sobrevivência. Partilhar, por exemplo, a imigração em um país como o Mali, pela questão da fome. Antes, quando as pessoas saíam para a migração, era a família que decidia quem ia partir. Seria o mais jovem ou o mais engenhoso, quem fosse necessário que partisse. A pessoa não vem apenas para ela. Ela vem pela família, ela vem por toda a família. Quando ela vem, é certo que foi a família que contribuiu para que ela pudesse vir, com sua passagem de avião, é a família que vai contribuir para que a pessoa venha. Mas se ela também vier, é para a família, ela não está lá: “Eu sou afrancesado, não me importo com o que está acontecendo no Mali, vim apenas por mim”. E isso é tudo o que é necessário, você tem que compartilhar com a família, é a família que decide se você vem. É verdade que existe um serviço, porque nós todos estamos em serviço e o salário que a gente tem, é preciso partilhar com as pessoas do país (de origem), isso é importante... como ela diz, se você não enviar tem algo que te falta. Já está no seu orçamento, mesmo que seja pouco, você precisa enviar um pouquinho, mesmo que seja pouco que você tem, é preciso partilhar, você deve partilhar. É isso, sobreviver é a mesma coisa... Quando eu vi a imagem da Aigle de Legge, também me fez pensar na minha juventude, na sorte que eu não tive. São casos, você vê, tem certas aldeias que a gente vê muitas coisas assim. Isto é palha e esta é a terra, faz o buraco e tudo e a palha por cima e as pessoas dormem em baixo. Na imigração, eu acho que tem gente que escolhe, mas tem gente que também... é um pouco por obrigação, porque no país que a gente tem... não tem emprego, tem problemas. Você é jovem, você

quer sonhar, você tem vontade de vir. Não é só para você. Há muitas pessoas que partiram, que entram no barco, em coisas como essas e sabem que arriscam suas vidas... elas sabem, elas não são estúpidas dizendo: “não, mas...”. É uma escolha, elas vão partir, se uma tenta, ela tenta por todo mundo, para morrer também, é um sofrimento e é isso.

Astrild Ondulé: Mas casa como essa é fresca por dentro, muito fresca por dentro, é como se você tivesse um climatizador.

Privit à Collier: É porque é a terra, a argila... não sei como eles fazem com a terra.

Flamant Nain: Um climatizador natural.

Figura 13: Registro do sensível (elaboração pessoal) suscitado pela imagem foco, objeto criado por Flamant Nain, Oficina PVP – Migrantes, etapa “A partilha do sensível”, 6 de abril de 2018, Arifa, França.



*Nós temos
roupas bonitas*

Prit à Collier: É em terracota e em nosso país, no Mali, qualquer um pode fazer isso. Eu faço, eu tive, mas a pessoa que faz isso para vender é de outra cultura. Eles fazem isso e quando você quer você o seca e depois coloca no fogo, para queimar bem e tudo e depois você compra. Em todas as casas existe isso, no mínimo. Isso está começando a se modernizar, mas as pessoas... E mesmo as outras que não têm forno, eles compram algo cheio de madeira para queimar.

Flamant Nain: É a argila, de verdade, é a argila e você coloca no forno e ela se torna louça.

Prit à Collier: Nós podemos cozinhar. Tem algumas que são pequenas, tem também a vapor, [...] tem buracos, buracos como uma peneira. Como uma cuscuzeira... minha mãe, ela tinha isso e você cozinha cuscuz, coisas como essas.

Serin à Masque Noir: A gente faz também com caçarolas, já as caçarolas... quando você prepara com elas, por exemplo, os feijões que eu preparo, com a terracota e tem uma pessoa que também preparou os mesmos feijões com inox... não tem o mesmo gosto.

Flamant Nain: É como o *tagine*, você faz em uma panela de pressão e não tem nada a ver. Nós nos acostumamos com o *tagine*, então o resto é para fazer rápido, a panela de pressão, a caçarola, é para fazer rápido. Mas quando é férias, nos fins de semana, você deve fazer a cozinha doce, bastante suave, tranquila, a cozinha verdadeira.

Prit à Collier: Isso é para fazer especiarias. Mas não é terra, é madeira, o pilão...

Flamant Nain: Na casa da minha mãe é de cobre, pesa 20 kg, ela o trouxe da casa da avó e deve ter mais de cem anos.

Prit à Collier: A gente coloca o milho para pilar e depois tem todo um processo pra fazer.

Flamant Nain: É melhor que o liquidificador. Quando você prepara para o peixe, a gente, por exemplo, o alho, a salsa, o... tudo com temperos, e quando eu faço no pilão não é a mesma coisa, nem o mesmo sabor, porque ele deixa o sabor. Os grandes cozinheiros... é com o pilão, hein? Chefe de cozinha...

Pririt à Collier: Em 2013, eu fui ao Mali, eu trouxe um na mochila do meu filho e teve um senhor que me perguntou: “Mas por que você não faz tudo isso no liquidificador?”

Caique Chauve: E a boneca?

Pririt à Collier: Sim, a boneca! Esta é a Umo Djalo. Fizemos isso juntas (com Jaseur Boréal). Esse é o tênis de festa... E isso é um *foulard*. Nós temos roupas bonitas lá, você precisa colocar um *foulard*... é muito bonito, é um acessório e você coloca o seu acessório.

Flamant Nain: Se não tem *foulard*... não tem valor.

Pririt à Collier: Depende, mas se você sai com mais elegância, é o conjunto e tudo. Quando você faz, o tênis, o *boubou* e o *foulard*.

Astrild Ondulé: Eu digo que o *foulard* também é o sinal da mulher casada.

Pririt à Collier: Mas você vê, todo mundo com véu, todo mundo usando o *foulard*. Mas no Mali, quando a gente era pequena, uma menina, você não vai usar o *foulard*, você não é... uma vez que você se casa, você deve colocar um *foulard* na cabeça. É o símbolo do casamento. Não é um *hijab*.

Flamant Nain: E quando você se divorcia, tira?

Pririt à Collier: Não, a gente não tira. Não é o *hijab*... eu me lembro que, quando eu me casei, no começo os meus sogros me cobriam com o *foulard*, porque eu não tinha o hábito de vestir e toda vez que eu estava em casa com a cabeça descoberta e tinha alguém que eu dizia bom dia, eles diziam: “Bom dia, mas vá primeiro colocar seu *foulard* e depois você diz bom dia”. Foi difícil de me adaptar, mas depois...

Flamant Nain: É difícil colocar algo na sua cabeça. É muito difícil lá.

Astrild Ondulé: Mesmo quando você dá à luz, você tem que colocar o lenço na cabeça, porque se o ar tocar na sua cabeça, você sentirá enxaquecas.

Flamant Nain: Quando você tira isso?

Pririt à Collier: Quando você dá à luz, depois de dar à luz, você precisa usá-lo.

Flamant Nain: Mas é o que costumávamos dizer no Marrocos. Eu, quando dei à luz, eu andava de minissaia, eu podia sair, andava de camisa, eu arrumava meu cabelo, escovava meu cabelo no hospital e eu não tive nada, na França. Mas quando eu disse que saio assim eles ficaram com medo: “Não, mas você estava aberta a tudo, com a cabeça descoberta”.

Astrild Ondulé: Mas veja, já aqui, quando você dá à luz, você sai, mas no país (de origem) são 40 dias.

Flamant Nain: Sim, 40 dias. Elas são mimadas no Marrocos, elas não têm nada e são princesas por 40 dias, a gente sabe bem.

Pririt à Collier: Sim, mas é normal. Isso é para você descansar, descansar, para você se cuidar...

Astrild Ondulé: E o bebê é cansativo.

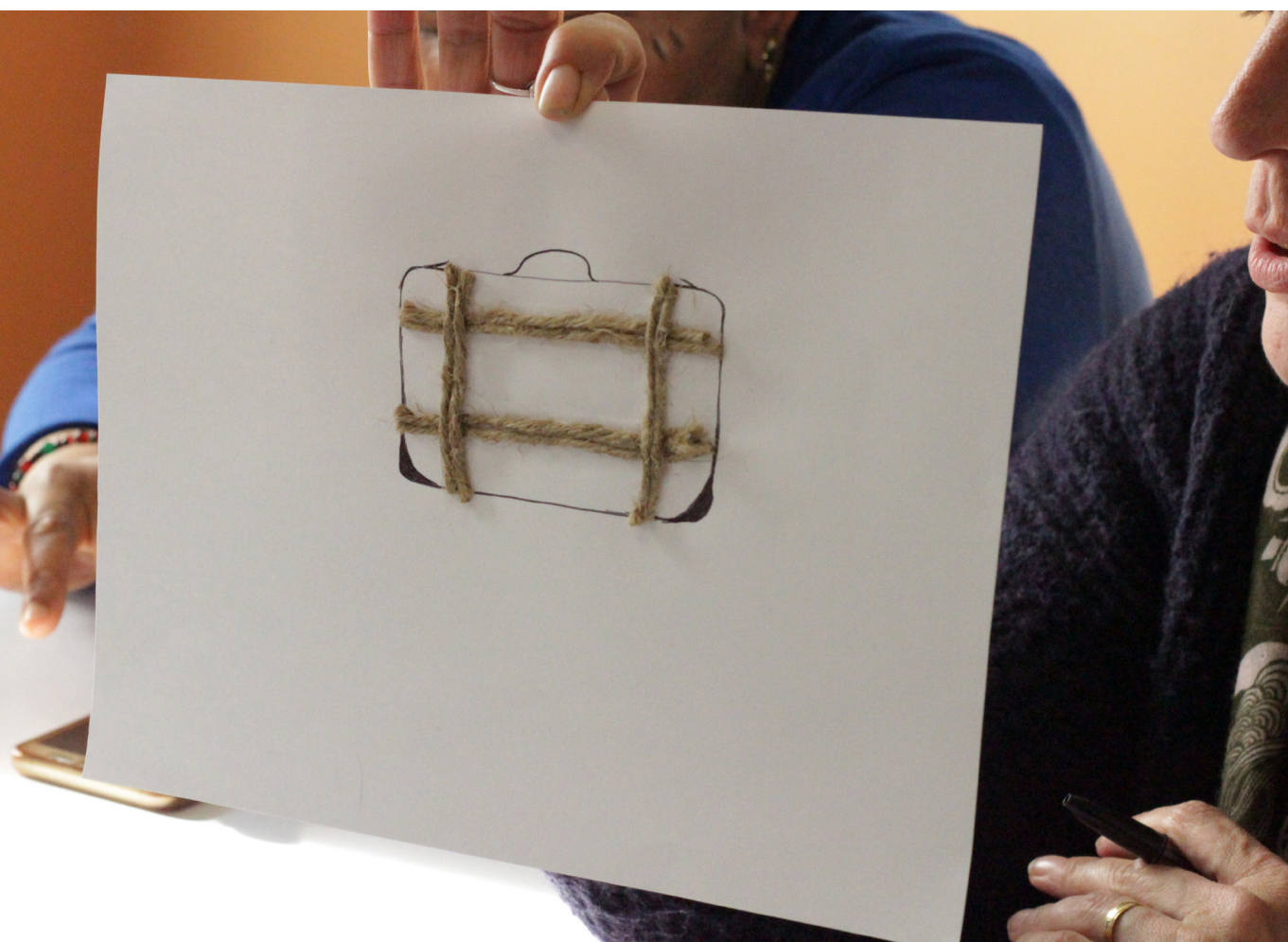
Figura 14: Registro do sensível (elaboração pessoal) suscitado pela imagem foco, objetos criados por Pririt à Collier e Jaseur Boréal, Oficina PVP – Migrantes, etapa “A partilha do sensível”, 6 de abril de 2018, Arifa, França.



O fechamento

Jaseur Boréal: Isso representa uma mala. Como eu não sou imigrante, vai ser um pouco difícil de falar. Então, eu pensei nisso em relação ao fechamento, em princípio eles usam corda, eles apertam bem tudo para quem passar o que quer que seja, que isso não desmonte e tudo. Muitas vezes, quando as pessoas vinham de outros países, quando eles tinham suas malas, elas enrolavam cordas nas suas malas para não perderem suas roupas.

Figura 15: Registro do sensível (elaboração pessoal) suscitado pela imagem foco, desenho criado por Jaseur Boréal, Oficina PVP – Migrantes, etapa “A partilha do sensível”, 6 de abril de 2018, Arifa, França.



Os problemas
(barcos)

Serin à Masque Noir: É a imigração. Então, as pessoas vêm às vezes, bem, ultimamente a gente tem tido muitos problemas com o transporte aéreo, porque não há muitas famílias que podem pagar a passagem, ter o visto, o visto é difícil, então eles preferiram vir com... não sei o nome...

Jaseur Boréal: São os barcos?

Serin à Masque Noir: Os barcos, é isso, são meninos, também têm mães lá dentro e esse é o mar...

Flamant Nain: Que os rodeia.

Astrild Ondulé: O risco... é muito grande...

Serin à Masque Noir: E muitas vezes jovens que vêm agem assim na família, a gente procura alguém que seja corajoso, alguém que vá ajudar a família, uma vez que a gente possa vender... a louça... joias, algo que é muito importante, é preciso ter os meios para que a gente possa... vir para a Europa. E quando você viaja assim, com essa condição, uma condição muito, muito difícil... a gente sabe bem que, ou eu chego ou não chego. A gente aceita vir mesmo assim, tem quem chega, tem quem não chega, como vocês já sabem tudo o que está acontecendo agora. Mas eu falo do mar.

Astrild Ondulé: Como ela disse, é a família que escolhe a pessoa que vem, mas agora eu vejo que há mesmo bebês, crianças de três anos... Eu não sei qual é a razão de arriscar colocar um filho de três anos, de sete anos, de trazê-lo aqui para a Europa...

Pririt à Collier: Pode ser de países onde há guerra.

Sarcelle Élégante: Sim, mas o problema da guerra é de países que sabemos que estão em guerra, mas quando se fala, por exemplo, entre aspas, da "África em si", eu digo que pode ser a falta de trabalho que os faz vir aqui, eles vêm porque têm a família que está aqui e talvez a família se foi e eles querem segui-los... Tem todo um caminho. Eu acho que é isso, não é o fato de ser um país em guerra, é o fato de que tem uma pessoa, duas pessoas que foram embora, então elas precisam se juntar e tem todo esse processo e é por isso que as pessoas correm o risco de deixar tudo para trás.

Privit à Collier: É verdade que existem certos lugares que não têm nada, a cultura não funciona, não tem emprego, há muito desemprego. A gente não vai pegar um barco, aqueles que são largos e tudo. Mas ao mesmo tempo tem a comunicação, a gente vê tudo o que está acontecendo, porque essas pessoas sabem que se elas ficarem lá... Elas não têm nada a perder... Porque se você não tem o que comer no seu país, você está em um determinado condicionamento, mesmo que não seja o melhor, você vai pegar um barco com toda a sua família, você sabe que pode afundar e tudo.

Figura 16: Registro do sensível (elaboração pessoal) suscitado pela imagem foco, objeto criado por Serin à Masque Noir, Oficina PVP – Migrantes, etapa “A partilha do sensível”, 6 de abril de 2018, Arifa, França.



*Até um outro
sonho*

Sarcelle Élégante: Eu pensei apenas no caminho, no percurso, em comparação com a partida e o caminho, a distância que percorremos do ponto de partida, por onde a gente passou, quero dizer, o plano, até um outro sonho. O barco lá é todo um caminho, o começo era entrar num barco... o destino é todo um percurso quando a gente chega aqui na França e há todo um processo que se passa. Pensei nisso, mas para representá-lo eu não vi... é por isso que eu prefiro dizer com a boca, a expressão oral, dizer que é todo um... É isso, é tudo, é o “caminho”, entre aspas, o caminho de Aigle de Legge em relação ao ponto de partida de seu país até aqui, e também em relação ao caminho que ela viveu aqui, tudo o que ela fez desde a sua chegada na França. Você vê, tem muitas coisas que aconteceram, como pessoas que vêm de outros países de barco, tem muitas coisas que aconteceram até a chegada deles, para chegar ao seu destino ainda tem muitas coisas para fazer, porque a gente não conhece o país. Como vai ser e quem a gente encontra, com quem a gente deve estar também. Porque, como ela disse, você pode vir aqui e ter família, você sabe a quem recorrer. Mas as pessoas que não têm ninguém, o que elas fazem? O que elas fazem? Eu diria: “vá, sim, de acordo”?



A imigração é
a conexão

Jacamar Tridactyle: Eu pensei em uma ponte em relação à imigração, porque é uma ponte ligada também ao desenho da fotografia, porque tem cordas e isso dá um suporte, uma estrutura, como a casa. É como Jaseur Boréal também disse, a ponte também liga, os sonhos, eles também conectam... porque a imigração é a conexão, na minha opinião, todos vêm da imigração, mesmo quem não tem realmente, a história tem o avô e a imigração acontece de uma cidade para outra e está no espírito da vida.

Flamant Nain: A ponte é muito simbólica.

Jacamar Tridactyle: Bem, isso é para a ponte, para a imigração, porque quando você passa, faz a transição, não sabe exatamente o que vai acontecer. É como Aigle de Legge, alguém tirou sua foto e talvez fosse a primeira vez que alguém fez uma foto dela, você não sabe o que fazer. Ela era assim e a imigração é isso, quando você decide partir, por opção ou talvez há algum perigo ou não, ou você está na água, você não sabe exatamente o que vai acontecer... muitos...

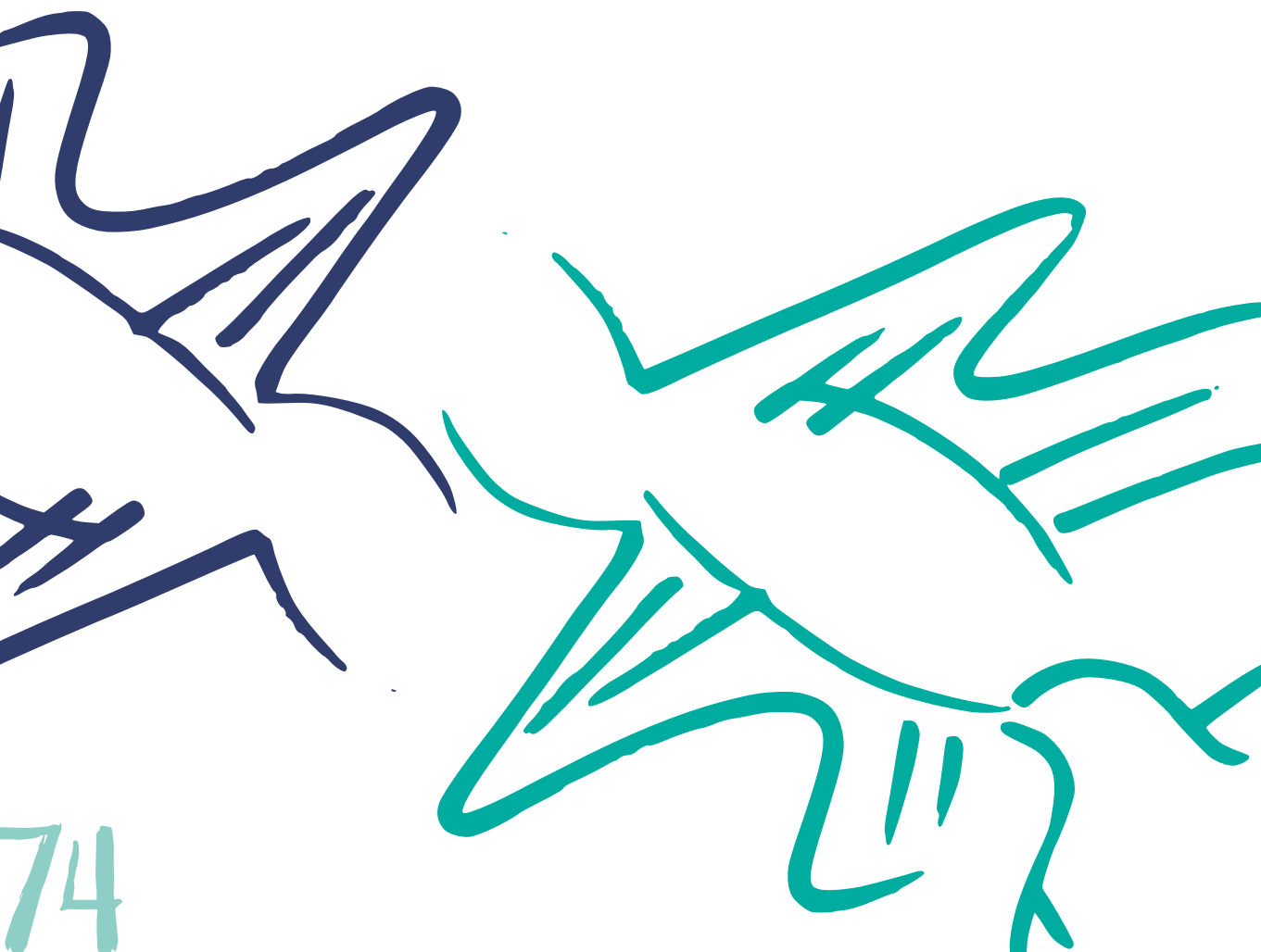
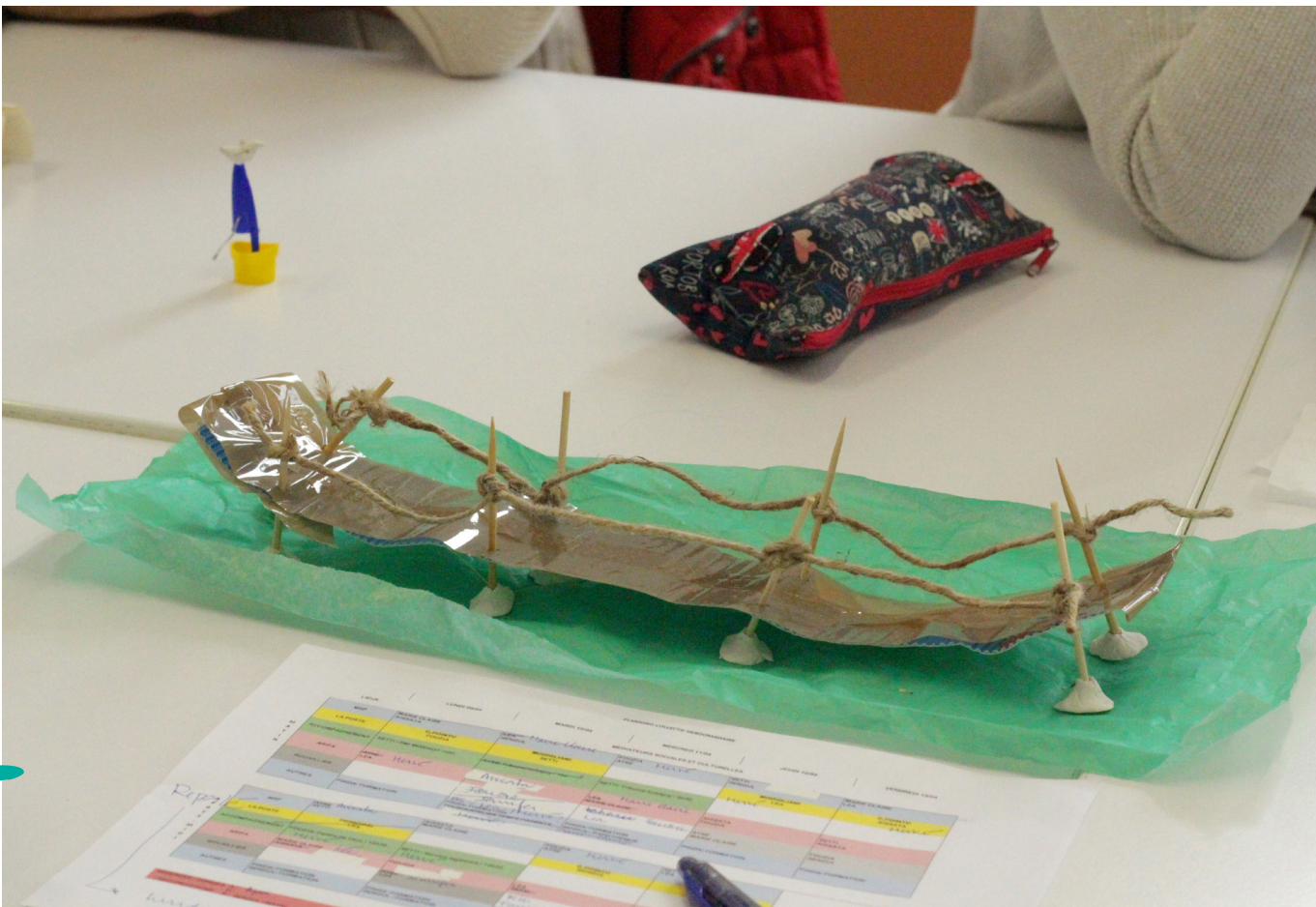


Figura 17: Registro do sensível (elaboração pessoal) suscitado pela imagem foco, objeto criado por Jacamar Tridactyle, Oficina PVP – Migrantes, etapa “A partilha do sensível”, 6 de abril de 2018, Arifa, França.

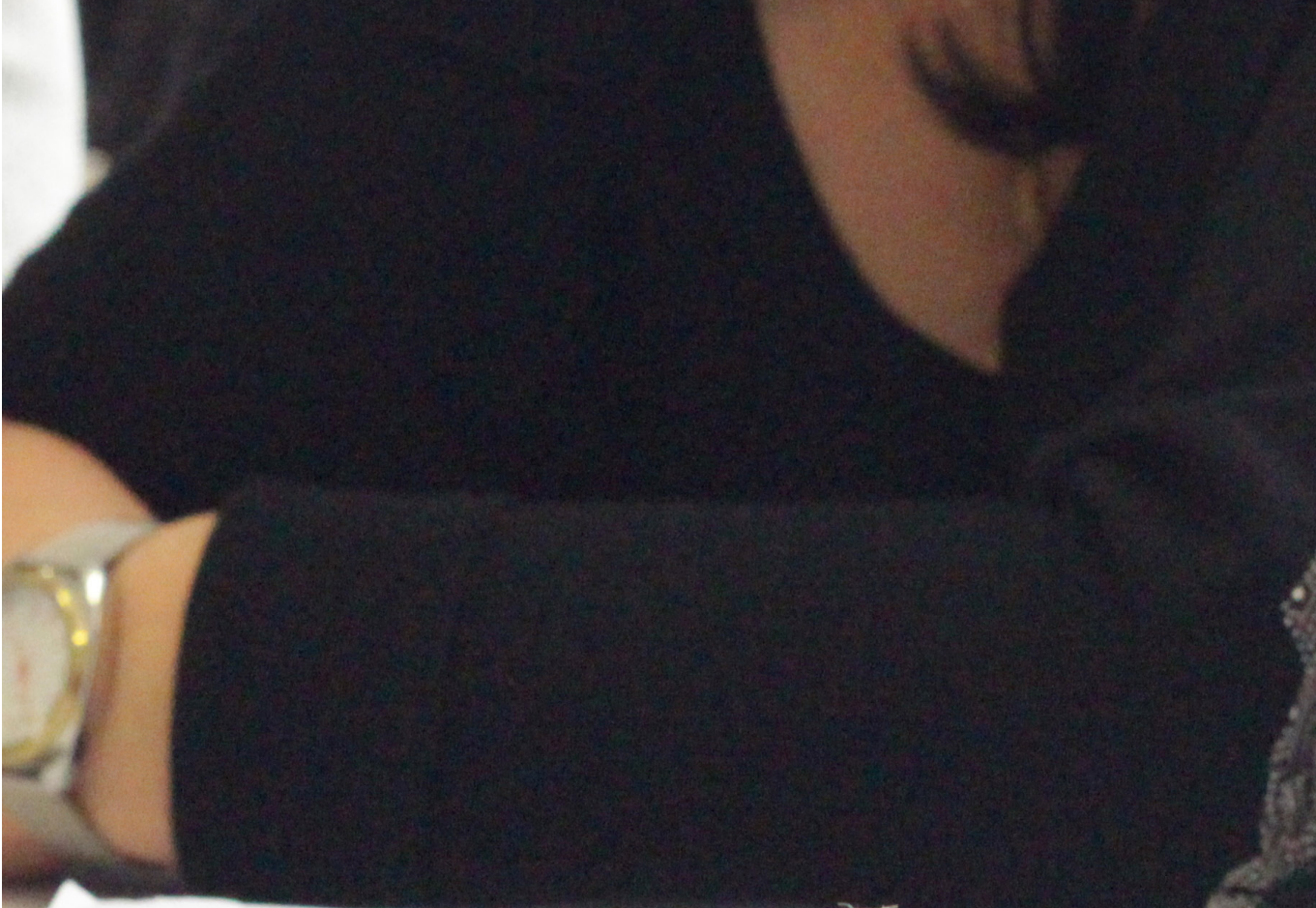


*Temos muita
terra lá*

Aigle de Legge: Pensei em quando a gente era pequeno em casa. Como Pririt à Collier diz, no interior (da casa), a gente diria que tem ar condicionado, fora a gente também sentia calor. Mas quando a gente está em outro país, fora é muito, muito quente e é isso. Por dentro, não sentimos o calor, é muito fresco por dentro. A gente tem muita terra lá para viver, para brincar, o espaço... a gente pode andar sem sapatos, a natureza é limpa. E se a gente tem que calçar os sapatos, a gente calça, se não para onde vai tudo isso? Quando eu passei por isso tinha muita terra e uma casinha e a gente era feliz. A gente dormia juntos, a família inteira, se cada um dorme no seu quarto a gente não sabe o que está acontecendo. Lá tem um quarto, quando você está na entrada tem apenas uma porta, a gente dorme juntos. Lá embaixo (no piso) tem areia de todos os lados, é areia, é terra, a gente mistura bem a lama, depois a gente faz como uma parede com a lama, no topo a gente coloca só as folhas, não é não palha, são as folhas de coco... sim é assim.

Jacamar Tridactyle: Uma coisa que esqueci de dizer é que aqui na foto, Aigle de Legge não está sozinha. Tem alguém e eu acho que na imigração nunca estamos sozinhos. Sempre tem algo, seja algo que nos motiva, seja alguém, e isso é também relações humanas. Tem alguém lá...

Figura 18: Registro do sensível (elaboração pessoal) suscitado pela imagem foco, objeto criado por Aigle de Legge, Oficina PVP – Migrantes, etapa “A partilha do sensível”, 6 de abril de 2018, Arifa, França.



Falar de nossos direitos

A quarta etapa visa realizar a reflexão crítica sobre os direitos dos migrantes, levando em conta as narrativas imagéticas evocadas nos dias anteriores. Assim, o quarto dia de oficina na Arifa teve como ponto de partida a reflexão acerca dos direitos humanos. A abordagem foi baseada na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e nos depoimentos das mediadoras. Foi escolhida uma palavra-chave de cada parágrafo do texto dessa Declaração, articulando-as com as narrativas das mulheres migrantes, referentes à etapa de compartilhamento de imagens. Essa “transtextualidade” (Genette, 1982) nos trouxe três grupos de palavras: pretas, vermelhas e magenta.

O grupo de palavras pretas é originário exclusivamente da Declaração Universal dos Direitos Humanos; as vermelhas são palavras coincidentes entre as falas das mediadoras e a Declaração; já o grupo magenta sinaliza a coincidência de ideias entre as falas das mediadoras e a Declaração. Com essas palavras sobre uma mesa, as mediadoras escolheram os termos para formular uma frase ligando as dificuldades identificadas ao conteúdo da Declaração.

As imagens a seguir mostram todas as palavras discutidas e o início da atividade de reflexão sobre os direitos. As mediadoras fazem suas escolhas de palavras para compor frases que expressam seus pensamentos sobre o que está em questão, formando novos arranjos.

Por fim, foi produzido um gráfico com a diversidade de palavras-chave: cada mediadora indica uma palavra-chave que é escrita e distribuída de maneira equilibrada em um painel de papel; cada mediadora, por sua vez, descreve um novo caminho entre as palavras-chave. Isso produz caminhos que se cruzam e se distanciam, linhas paralelas e convergentes, uma rede.

Figura 19:
(painel de palavras):
Transtextualidade
resultante do
cruzamento
entre os relatos
das mediadoras
e a Declaração
Universal dos
Direitos Humanos
(1948), Oficina
PVP – Migrantes,
etapa “Debate –
Significações”, 1 de
junho de 2018,
Arifa, França.

LIBERTÉ OBLIGATIONS RELIGION SANTÉ ENFANCE

DIGNITÉ ÉQUITÉ OPINION ALIMENTATION ÉDUCATION

ÉGALITÉ PERSÉCUTION EXPRESSION COMPRÉHENSION

SÛRETÉ ASILE FRONTIÈRES LOGEMENT TOLÉRANCE

ESCLAVAGE MARIAGE VOLONTÉ HABILLEMENT AMITIÉ

SERVITUDE FAMILLE TRAVAIL MALADIE PAIX

TORTURE ÉTAT CHÔMAGE INVALIDITÉ CULTURE

RECONNAISSANCE PROPRIÉTÉ REPOS VEUVAGE DEVOIRS

DISCRIMINATION PENSÉE LOISIRS VIEILLESSE MORALITÉ

DROITS CONSCIENCE CONGÉS MATERNITÉ DÉMOCRATIE



Figura 20: Transtextualidade, escolha de palavras, Oficina PVP – Migrantes, etapa “Debate – Significações”, 1 de junho de 2018, Arifa, França.



Figuras 21 a 29: Transtextualidade, novos arranjos, Oficina PVP – Migrantes, etapa “Debate – Significações”, 1 de junho de 2018, Arifa, França.

MARIAGE

MATERNITÉ

FAMILLE

VIEILLESSE

ÉGALITÉ

LOISIRS

AMITIÉ

REPOS

DRO

FAMILLE

OBLIGATIONS

TRAVAIL

MALADIE

ÉDUCATION

SANTÉ

DROITS

RELIGION

COMPRÉHENSION

TOLÉRANCE

ÉTAT

PERSÉCUTION

ASILE

*La religion est de con
et il ya des état que
poussent les g*

FAMILLE

DEVOIRS

OBLIGATIONS

ÉDUCATION

TRAVAIL

ALIMENTATION

EXPRESSION

ASILE

CULTURE

DIGNITÉ

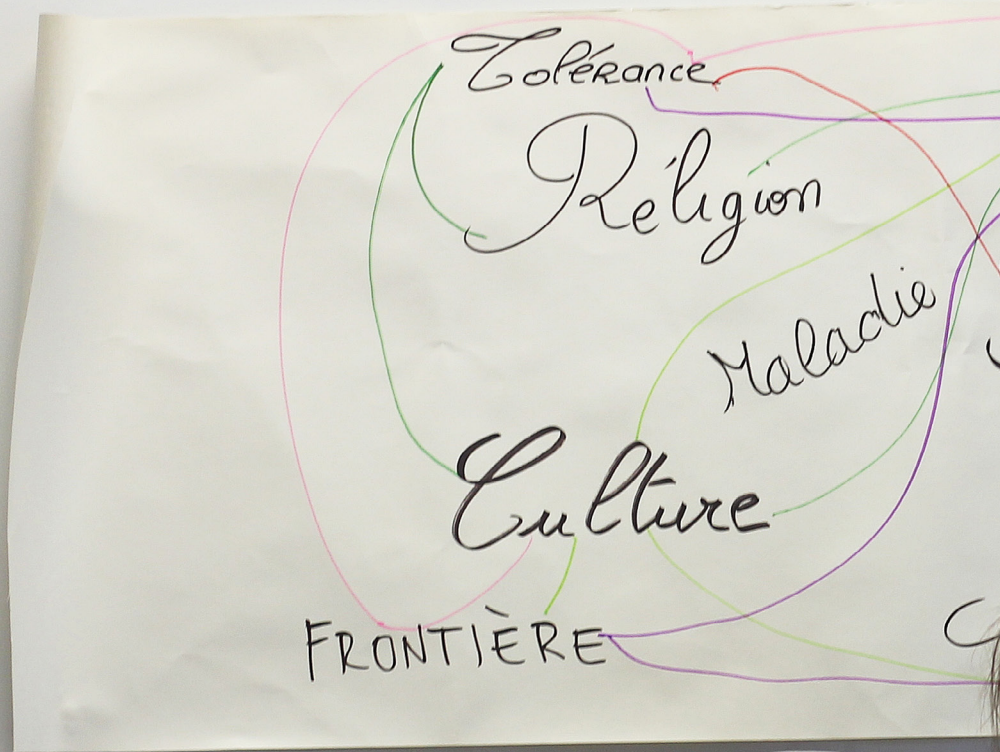


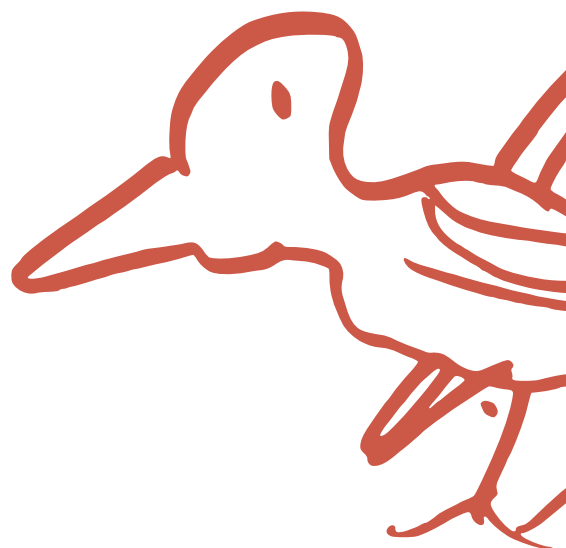
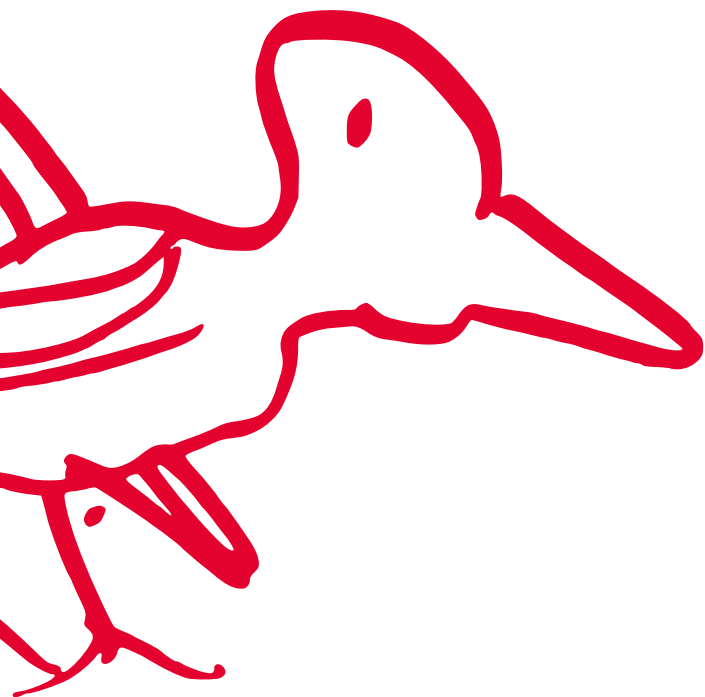
Figura 30:
Transtextualidade,
construção
gráfica coletiva da
síntese dos novos
arranjos e suas
relações, Oficina
PVP – Migrantes,
etapa “Debate –
Significações”, 1 de
junho de 2018,
Arifa, França.



Refletir sobre o trabalho

Ainda no quarto dia de oficina, após o trabalho realizado em torno dos direitos humanos, foi desenvolvida uma atividade centrada no debate acerca do direito ao trabalho, a partir da demanda das mediadoras socioculturais. Tendo em vista que a Declaração dos Direitos Humanos traz questões específicas sobre o trabalho, o grupo optou por explorar mais profundamente essa temática, fundamentada no debate em torno dos artigos 23 e 24 da referida declaração.

Portanto, esse dia da oficina foi dedicado ao cotidiano de trabalho das mediadoras, cada uma delas falou um pouco sobre o que faz e quais são as suas dificuldades. Nesse sentido, as mediadoras expressaram que suas condições de trabalho levam à precariedade e ao sofrimento. A seguir apresentamos extratos das falas das mediadoras que revelam essa realidade.



*A precariedade
e o sofrimento
no trabalho*

“Uma vez por mês, a gente tem o que chamamos de análise da prática com um psicólogo. A gente esvazia o nosso saco, a gente relaxa e tudo para esquecer os problemas...”

“A gente pode dizer já que nós, nossa situação, é precária. Nós, as mediadoras, a gente tem uma situação precária, porque praticamente todas moram no bairro, nossa situação financeira e nossos salários não se acompanham. Então, recebemos o salário mínimo por todo o trabalho que realizamos. Quando falamos de nossa situação, nos dizem: ‘Vocês, em primeiro lugar são precárias, porque a situação de vocês é... bem’. Nós somos precárias e a gente recebe pessoas precárias, isso são duas coisas que pesam sobre o nosso trabalho. Nossa vida pessoal também, porque a mediação não é um trabalho fácil, porque recebemos muitas misérias de outras pessoas e aceitamos isso todos os dias, às vezes nós rachamos e às vezes suportamos. Às vezes nos abatemos, mas é muito, muito difícil. Felizmente, como ela disse, tem momentos em que temos a análise da prática, quer dizer, a psicóloga está lá para nos aliviar um pouco desse fardo pesado que a gente carrega, porque carregamos os problemas de outras pessoas também, os outros nos trazem... é isso que nos esvazia de nós, depois nós, como profissionais, sabemos contornar isso em outro lugar, mas às vezes é muito pesado”.

“Às vezes não passa, principalmente no começo. A primeira vez para a mediadora, assim como para mim, foi muito, muito difícil. Às vezes a gente recebe pessoas em situações muito difíceis, bem, a gente não mostra para a pessoa, porque senão... é uma questão de trabalho, mas quando a gente chega em casa, desmoralizadas, a gente está cansada, não falamos nem mesmo com a família, não queremos mesmo que falem com a gente, porque são estados muito... isso mexe muito (com a gente), mas depois a gente aprende a superar tudo isso, a informação e tudo...”.



“No começo, você não é treinada. A gente não sabia como superar tudo isso, mas agora a gente teve várias formações, então, a gente sabe como ser... como dizer... conhecer, não é simpatia, mas é empatia, a gente sabe como dividir as coisas, como fazer um jogo de paredes entre nós e os quadros difíceis”.

“A gente sabe como lidar com uma senhora que vem em uma urgência, em lágrimas. É necessário buscar todas as possibilidades, mesmo a delegacia, o hospital e tudo. A gente acolhe situações muito, muito difíceis. Ao mesmo tempo, você não deve mostrar suas emoções. Você vê alguém que te conta coisas muito, muito, muito graves, mas você tem que ficar neutra, sair, a gente não tem o direito de mostrar as emoções, mostrar que você quer chorar, que você está triste... é preciso ficar neutra, isso é o mais difícil. Você guarda isso em você e não é simples”.

“Sim, a gente pode dizer isso, mas não é possível. A gente se identifica com essa pessoa, necessariamente, porque a gente é imigrante. Nós não temos o mesmo percurso que essa pessoa, talvez caminhos diferentes, mas ela vem de um país diferente e nós também. Frequentemente são pessoas que vêm do mesmo país que a gente, têm o mesmo dialeto, falam a mesma coisa, comemos a mesma coisa, temos os mesmos problemas porque moramos no mesmo bairro. A gente tem filhos que vão para a escola juntos, os problemas de seus filhos são também os problemas dos nossos filhos. Muitas vezes, mesmo entre colegas, a gente sabe que ela costuma dizer “tenho o irmão deles em casa”. Mas a gente não mostra à pessoa, porque sabe que as coisas não estão indo bem. A gente tem o mesmo problema, tem o mesmo sentimento, mas ao contrário da pessoa, a gente não precisa mostrar isso. A gente pode compreender a pessoa, a gente se identifica interiormente, mas não mostra para a pessoa a nossa dificuldade, também, porque se a gente mostra a nossa dificuldade e um outro problema para essa pessoa, será que a gente pode ajudá-la? Essa pessoa pode vir nos ver?”.

“Às vezes é a mesma história que você viveu. Então você não pode mostrar, você ouve e se é preciso dar conselhos você dá, mas isso permanece. Na verdade, isso te afeta. Você diz: ‘Aqui está, mas espere, é a mesma história que a minha’. Então, você não pode mostrar isso, mas você está lá como neutra. Dizemos que é como neutra, mas isso afeta de qualquer maneira”.

“Você passa para outros colegas. A gente tem o sentimento, a gente vive a mesma coisa aqui... Somos humanas. Felizmente, a gente faz a formação para que a gente não traga coisas e problemas sobre você. Porque existe apenas problemas, é como todo mundo disse, no saco tem muitos outros sacos que vêm conosco, então é preciso saber como esvaziar esse saco, a gente não pode levar isso para casa, a gente não pode fazer hipocrisia, mas a gente é, de qualquer maneira, humana, e isso é todo dia”.

“Ao mesmo tempo, tem as análises das práticas, a gente faz com psicólogas uma vez por mês, a gente conta nossas dificuldades, tentamos mudar, aceitamos tudo isso e isso ajuda”.



Descrição
de ações
realizadas
pelas
mediadoras na
Arifa

Fauvette Orphée

Existem atores específicos e, se não, elas têm o mesmo trabalho para todas e toda a população... E então, depois de tudo isso, a gente está frequentemente nas cidades para participar de eventos que ocorrem no território quando tem as jornadas. Somos todas *steps* também presentes no fórum, para informar as pessoas e para conversar com a população. A gente também está presente quando tem festas de bairro, festas de vizinhos, festas entre dois bairros, qualquer evento que ocorre no território, a gente está presente. E lá a gente trabalha muito com o Bas-Clichy, é tudo o que tem lá para resolver os problemas habitacionais do bairro. Então, a gente vai de porta em porta, nós, as mediadoras, subimos nos prédios para bater em cada porta para informar o que se passa, é uma ação que a gente vai começar na próxima semana. A gente pode dizer que o nosso trabalho é realmente enorme.

Assiette de vie – Prato de vida

Atelier Vélo – Oficina de bicicleta

Aigle de Legge

A gente acolhe as pessoas, nem todos na comunidade, e eu fiz a oficina de culinária: como é preciso comer uma refeição equilibrada, é necessário mostrar às pessoas diferentes alimentos, pratos tradicionais. A gente fez outras oficinas também, oficina de bicicleta, para pessoas que não sabem andar de bicicleta, assim como para quem anda de bicicleta, como forma de melhoria, tem um objetivo em relação à saúde. Existe uma ligação entre a oficina *Assiette de vie* e a oficina *Vélo*. A pessoa que participa das oficinas da *Assiette de vie* também participa da oficina *Vélo*.

Atelier Parcours maternité et partenariat avec la Cpm (Caisse Primaire d'Assurance Maladie) et la CAF (Caisse d'allocations familiales) – Oficina percurso maternidade e parceria com Cpm (Caisse Primaire d'Assurance Maladie – Fundo de Seguro de Saúde Primário) e CAF (Caisse d'Allocations Familiales – Fundo de abonos familiares)

Atelier Papothèque – Oficina Papoteca

Astrild Ondulé

Eu faço a oficina *Parcours maternité*, é uma oficina que tem parceria com o Cpm, a Seguridade Social. É para gestantes, o acompanhamento da gravidez, do descanso até o parto e à criança de até três anos. Então, a gente fala de tudo, o que é o desenvolvimento, a gravidez. O dia das oficinas também tem a Cpm pelos direitos. Tem muitas mulheres aqui que são jovens e que não conheciam o direito da previdência social. Então, tem a Cpm por trás e a CAF também, que intervêm em tudo o que é de direito. Depois, também, a terceira parte é o autocuidado com um fonoaudiólogo ou um médico. Isso trata sobre tudo o que é de alimentação para a mulher grávida e a alimentação para as crianças, e o desenvolvimento da linguagem também para as crianças de zero a três anos de idade.

Atelier Papothèque – Oficina Papoteca

Goéland Cendré

É com o psicólogo da escola, com a presença da mediadora e da assistente social, para o sucesso educacional... É uma vez por mês, em diferentes momentos. É o primeiro sentido de uma escola francesa positiva e bilíngue. A cada mês há um tema diferente escolhido pelas animadoras. Por exemplo, a volta às aulas, a laicidade, a escola francesa, a experiência dos pais. Cada um narra como era a escola primária no seu país em diálogo com a vida na escola na França. Sobre o asseio das crianças... por exemplo, se as crianças que estão

no primeiro ciclo acabaram de sair das fraldas e vão à escola, para que sejam asseadas. É em várias escolas diferentes... por enquanto é uma escola... Porque lá tem muitas comunidades que ficam longe da idade escolar, elas não podem ir à escola, eles estão longe, é por isso que preferimos esta escola.

A programação

Fauvette Orphée

Eu sou a coordenadora, então meu trabalho é coordenar, ou seja, assistir todo o trabalho das mediadoras. Meu trabalho consiste em fazer o planejamento para a mediadora, porque elas têm permanências em outros lugares, para poder ver onde está cada pessoa naquele dia. A gente tem os acompanhamentos, se elas vão fazer os acompanhamentos, se elas vão fazer as ações para cada semana. Cada mediadora tem sua agenda para saber onde ela está e o que ela faz. Depois eu preparo também as ações das mediadoras com os parceiros, vou a reuniões, respondo e-mails de parceiros e às solicitações de parceiros também... basicamente, é isso.

Engie et partenariats – Engie (Grupo industrial francês de energia) e parcerias

La Poste et partenariats – La Poste (operador de serviço postal e bancário) e parcerias

Pirit à Collier

A oficina Engie é em parceria com a Engie, empresa encarregada da eletricidade, gás e tudo isso. Antes era Gaz de France, agora se tornou Engie. A gente trabalha com o acompanhamento de famílias pela gestão da energia em função do meio ambiente, por exemplo. As famílias vêm nos ver quando aumentam as contas, eles têm problemas para pagar... a gente tenta fazer uma oficina para tudo o que

concerne à energia. Quando você está em uma “arapuca” do aquecimento, não deve exceder, é preciso limpar os dutos de ventilação, também precisa de lâmpadas de energia e tudo, a gente trabalha nisso. Eu tenho quadros, a gente tem filmes, e assim as pessoas assistem, também *quizzes* quando as pessoas fazem a pergunta: “Quando cozinhamos a massa?”; “Quando precisamos deixá-la aberta?”; “Devemos deixar aberta?”. Por exemplo, máquinas de lavar, quando é preciso colocar a 90 graus, eles colocam a 60... Para que a conta seja um pouco mais leve... gestos para fazer em casa, que é muito simples, que podem também reduzir a conta e são bons para o meio ambiente. Há coisas que eles não conhecem e agora eles tentam fazer em casa. Às vezes eles têm problemas com a fatura... para alguns eles não enviam a fatura, a gente faz uma estimativa, você paga 50 euros todo mês, mas no final do ano eles fazem os cálculos. Se os cálculos são feitos, pode ser que você tenha consumido mais, você vai pagar um pouco mais, se você tiver consumido a média, eles te reembolsam. Dá um pouco de trabalho ensinar as pessoas a dominar tudo isso e saber como ler a fatura, como ligar para o número de referência e tudo isso. É isso. A gente também trabalha na La Poste, nós todas. A gente faz as permanências ainda, porque agora, com a informática, tudo se tornou digital e o público que temos aqui, em geral, tem quem saiba ler, mas a maioria não sabe ler para usar as máquinas. A gente está lá quando, por exemplo, você faz um depósito em cheque, quando faz um cheque no caixa eletrônico, quando vai fazer um *western-union*, porque tem muitas pessoas que enviam dinheiro para o país (de origem). E lá nessa oficina, eu faço com um grupo também que faz o curso de francês. Eu imprimo o *western-union*, a comanda, a gente dá para eles para que escrevam, porque agora na La Poste eles não escrevem, você tem que fazer tudo sozinho, e se as pessoas não sabem fazer isso, fica mais complicado. Eu faço fotocópias das comandas e dou para eles e depois a gente escreve, remetente e destinatário. Eu explico, eles escrevem, colocam seus endereços. E tem outras oficinas em que eu os levo para a La Poste, mostro como sacar dinheiro, quanto dinheiro têm na conta, eles trazem o CAT (*compte de dépôt à terme* – conta de depósito a prazo), porque

agora, na La Poste, se você quiser ter dinheiro, você deve ter o cartão, algumas horas na recepção e tudo mais. Se eles querem depositar é simples, eles vão para a máquina, eu mostro a eles como depositar o dinheiro, como depositar um cheque. E a gente tem 15 pessoas, uma vez por mês. E realmente eles estão contentes.

Permanências – Ajuda às pessoas em suas demandas

Serin à Masque Noir

Eu sou nova na Associação Arifa, eu faço permanências, como minha colega acabou de dizer e todo mundo... Eu ajudo as pessoas com suas solicitações da CMI (*carte mobilité inclusion* – cartão de mobilidade inclusão), elas não sabem como preencher o formulário, então, eu estou aqui para preencher o formulário, seus pedidos. Às vezes tem cartas, me procuram para explicar a carta, às vezes cartas que vêm da CAF, da La Poste, da prefeitura, então eu estou lá para explicá-las e depois também faço agendamento na prefeitura para as pessoas que desejam renovar seus documentos de identidade [...] Eu faço só permanência. Na La Poste, faço como todo mundo, então tomamos nossa dimensão [...] As pessoas nem falam. Agora são os aparelhos que demandam [...] As pessoas realmente têm muita dificuldade para... só para enviar, para fazer uma carta... para comprar um selo, para preencher... Mesmo que seja uma demanda, mesmo para comprar comida, é sempre na internet e há muitos pedidos, como encomendar coisas, marcar uma consulta... sempre na internet. Mas, de qualquer maneira, a população tem grandes dificuldades em se adaptar ao momento e eu estou aqui para ajudar essas pessoas.

Acesso aos direitos

Bruant Auréole

Ela se concentra no acesso à lei, então ela não faz mais oficina, ela faz muito acompanhamento, ela participa do PMI (Centro de Proteção Maternal e Infantil), é o centro materno infantil. Você conhece CPMI (*Centre de Protection Maternelle et Infantile* – Centro de Proteção Maternal e Infantil)? É um local onde as pessoas, assim que sabem que estão esperando um bebê, são acompanhadas nesse centro do PMI, até cinco meses ou seis meses, depois de irem ao hospital e darem à luz. Eles levam seu bebê nesse centro para que ele seja acompanhado até os seis anos de idade. Sim, é para a vacina, com o pediatra, e até a mãe, ela é acompanhada pela ginecologista no pós-parto. Isso significa que quando ela dá à luz, para ver como ela está e tudo, isso é no Centro PMI. Bruant Auréole, uma vez por mês ela está *in loco* no PMI e uma vez a gente encontra pessoas que vêm do CPMI para que a gente converse, é um diálogo com a população para ver se há algum problema ou outras situações.

Sorties culturelles – Saída cultural

Temps parents – Hora dos pais

Cramif (*Caisse Régionale d'Assurance Maladie d'Ile-de-France* – Fundo Regional de Seguro de Saúde de Ile-de-France)

Flamant Nain

Tem a oficina *Temps parents*. Então, é um momento para os pais, é muito interessante, é com um psicólogo, é para valorizar o papel dos pais na França. Os pais viviam em outro país e eles educam seus filhos em um ambiente francês, por isso é para valorizar seus papéis de pais, seus direitos e deveres como pais na França. E depois tem a oficina Cramif. Cramif é conhecer seus direitos e seus deveres em termos de saúde e cuidados na França. Além disso, a gente faz a mediação com o público, a gente os acolhe, o acesso ao direito... A *Sortie culturelle* é um

encontro mensal. A gente sensibiliza as pessoas para descobrirem a riqueza da França. Tem gente que está na França há quase 30 anos, mas nunca viu um museu, um lugar cultural, tem alguns que não sabem como ir. Então, tem a descoberta e ao mesmo tempo, tem uma autonomia para que eles possam voltar outra vez para fazer suas famílias descobrirem. Eles não sabem como usar, por exemplo, o transporte. [...] A *Sortie culturelle* tem todo um objetivo, tem o passeio cultural, mas tem muitas coisas ao redor: como chegar lá, o que é que a gente faz lá, o que aprendemos, tem todo um trabalho ao redor. Então, tem o antes, o durante e o depois. Antes a gente explica o que vai ver, o que é, por que vamos lá, qual é a temática que a gente vai trabalhar, porque a gente não faz uma visita turística, trabalhamos nisso por uma hora e meia. Às vezes com uma conferencista, às vezes a gente está sozinho e trabalha. Fazemos um trabalho cultural. Respeitamos a história dos outros e tentamos usá-la para alcançar algo, a gente não pode ignorar a história da pessoa. Vejam, tem coisas que não são simples, por exemplo, a gente não pode... quando fomos à Notre Dame de Paris, a gente não pode impor a eles que entrem na igreja, tem muçulmanos, portanto se respeita isso. Tem os que entraram e os outros aproveitaram a oportunidade para fazer outras coisas, para que isso seja respeitoso. É esse tipo de coisa, por exemplo.

Atelier Numérique à Defi – oficina digital no Defi (*Développement de l'Emploi et de la Formation dans l'Industrie* – Desenvolvimento de Emprego e Treinamento na Indústria)

Sarcelle Élégante

Eu dou a oficina digital no Defi. É uma oficina digital da CAF... (os abonos familiares) e era para explicar às pessoas, como ela disse, o digital. Como usar a internet, acessar a conta da CAF, solicitar novos serviços, os pássaros... Para consultar uma conta, era necessário ensinar, se tem mensagens da CAF, como enviar mensagens para a CAF e como a CAF responde negativamente às vezes, quando dizem “você

não tem o direito”, e todas as mensagens que são importantes no site da CAF, que são importantes e que as pessoas precisam saber... Para que elas sejam autônomas, fazer tudo sozinhas, acessar sua conta, consultar seu telefone.

Secretariado

Jaseur Boréal

Eu sou a secretária da Associação Arifa.



Propor ações

A quinta e última etapa da oficina transpõe as reflexões e criações oriundas da dimensão sensível e da discussão em torno dos direitos humanos e gera outras formas de criação que configuram alternativas de intervenção no cotidiano da vida. Desenvolvem-se processos de construção de estratégias de ação capazes de intervir socialmente.

Dessa forma, o quinto dia de oficina é um momento que busca avançar no sentido da emancipação estética, desencadeando processos de participação mais amplos. É um momento no qual o comum se amplia até a dimensão macrossocial e política.

Cabe ressaltar que, no âmbito da presente proposta, o conceito de estética é compreendido enquanto ato de “vibrar em comum, experimentar coletivamente” (Maffesoli, 2008). Assim, a emancipação estética relaciona-se com a possibilidade de participação em um plano comum onde a dimensão da política surge como perspectiva de construção de sentidos, de sujeitos e de caminhos.

As decisões dos caminhos a serem tomados são definidas coletivamente e cada oficina tem desdobramentos específicos, a depender do perfil do coletivo. É um momento de decisão coletiva em relação à continuidade de nossas ações em conjunto. Um dos processos que compõem as oficinas de direitos humanos e fotografia é o encorajamento à proposição de ações que possam de alguma forma solucionar um problema e/ou amplificar uma reflexão em comum.

Nesse sentido, cabe destacar que o método do Projeto Vidas Paralelas sempre incluiu a proposição da realização de um catálogo e uma exposição fotográfica como produto final da experiência, com o intuito de dar visibilidade ao olhar dos próprios sujeitos sobre seu cotidiano de vida e sensibilizar o conjunto da sociedade acerca de realidades historicamente veladas. Essa proposta visa ser um instrumento de ação política que estimule os sujeitos e coletivos a construir outras estratégias de luta que favoreçam a organização social e a garantia dos direitos humanos.

Por essa razão, esta etapa inicia-se com a tomada de decisão do coletivo acerca da proposição e prossegue com a elaboração de novas ações, haja vista que a decisão final cabe ao coletivo. No caso da Arifa, o grupo optou pela organização da exposição, conforme observa-se nos seguintes relatos extraídos da oficina e na descrição subsequente do processo.

Sim, é uma boa ideia.

A gente traz tudo amanhã, algo de nossas oficinas e fazemos...

Essa partilha é para fazer um registro mesmo (para) mostrar às pessoas.

Folhetos, fotos, receitas da Aigle de Legge da *Assiettes de Vie...*

Fotos de arquivos

Os planejamentos?

Sim

Boa ideia!

Todo mundo está de acordo?

Sim, sim.

“Eu acho que a exposição falará mais do que... mesmo o catálogo, não é ruim, mas depois tem a conversa... sim, isso traria necessariamente um debate porque eles são... mesmo eles... pelo fato de terem feito esse trabalho, isso fala com eles também, então haveria necessariamente algo, teria algo que necessariamente se conectaria, teria coisas que nós necessariamente... isso seria uma faísca, haveria, de qualquer maneira, algo em comum quando eles chegassem, pelos percursos, pela maneira como eles vivem, pela forma como nós vivemos aqui, pelo problema, por tudo isso que a gente tem quando a gente está em um país que não conhece. Como dissemos no início, quando nós conversamos sobre nós, quando você chega em um país que você não conhece e (também tem o problema) de se fazer compreender, é complicado também. Então, eu acho que isso se relaciona com quando eles chegam, porque haverá um vínculo”.

“É só... mas talvez eu esteja na oficinas dos pássaros. É mesmo a oficina dos pássaros. Sim, oficinas dos pássaros, pombos, papagaios...”.

Organizar a exposição e o catálogo

A atividade ocorreu em uma sala ampla que possibilitou a visualização do conjunto da produção do ateliê. A disposição integral da produção dos ateliês, imagens fotográficas, gráficos, frases e objetos plásticos permitiu a criação de novas relações entre esses elementos e possibilitou novas interpretações e conexões. As mediadoras trabalharam sobre o conteúdo e a forma da exposição. Esse processo também foi registrado fotograficamente e faz parte do conteúdo da exposição, do catálogo e deste livro, como se observa nas próximas imagens, que remetem a esta etapa.

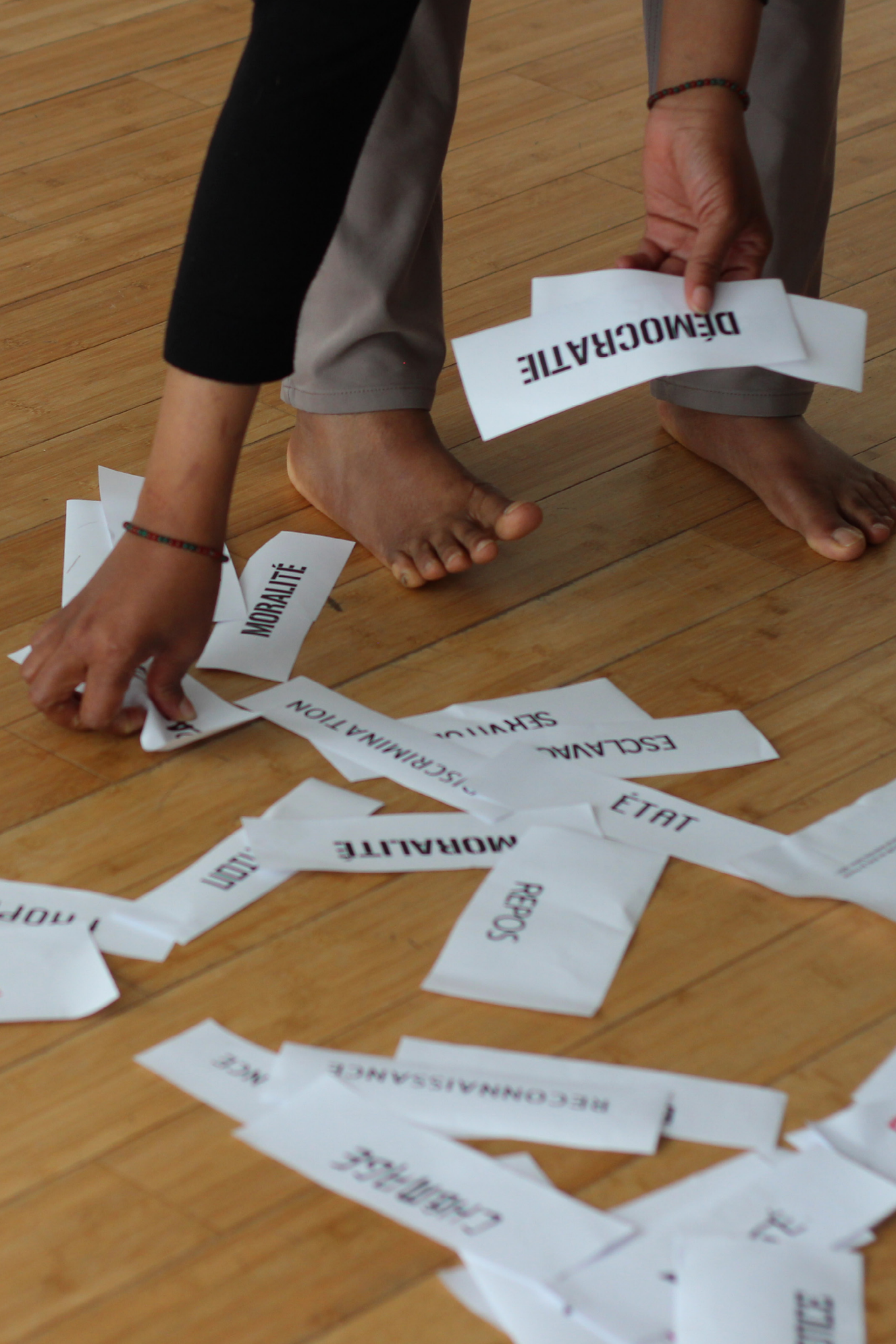
Figuras 31 a 43: Organização da exposição e do catálogo, Oficina PVP – Migrantes, etapa “Coleta de registros e Debate – Significações”, 8 de junho de 2018, Arifa, França.











DÉMOCRATIE

MORALITÉ

ESCLAVAGE
DISCRIMINATION

ÉTAT

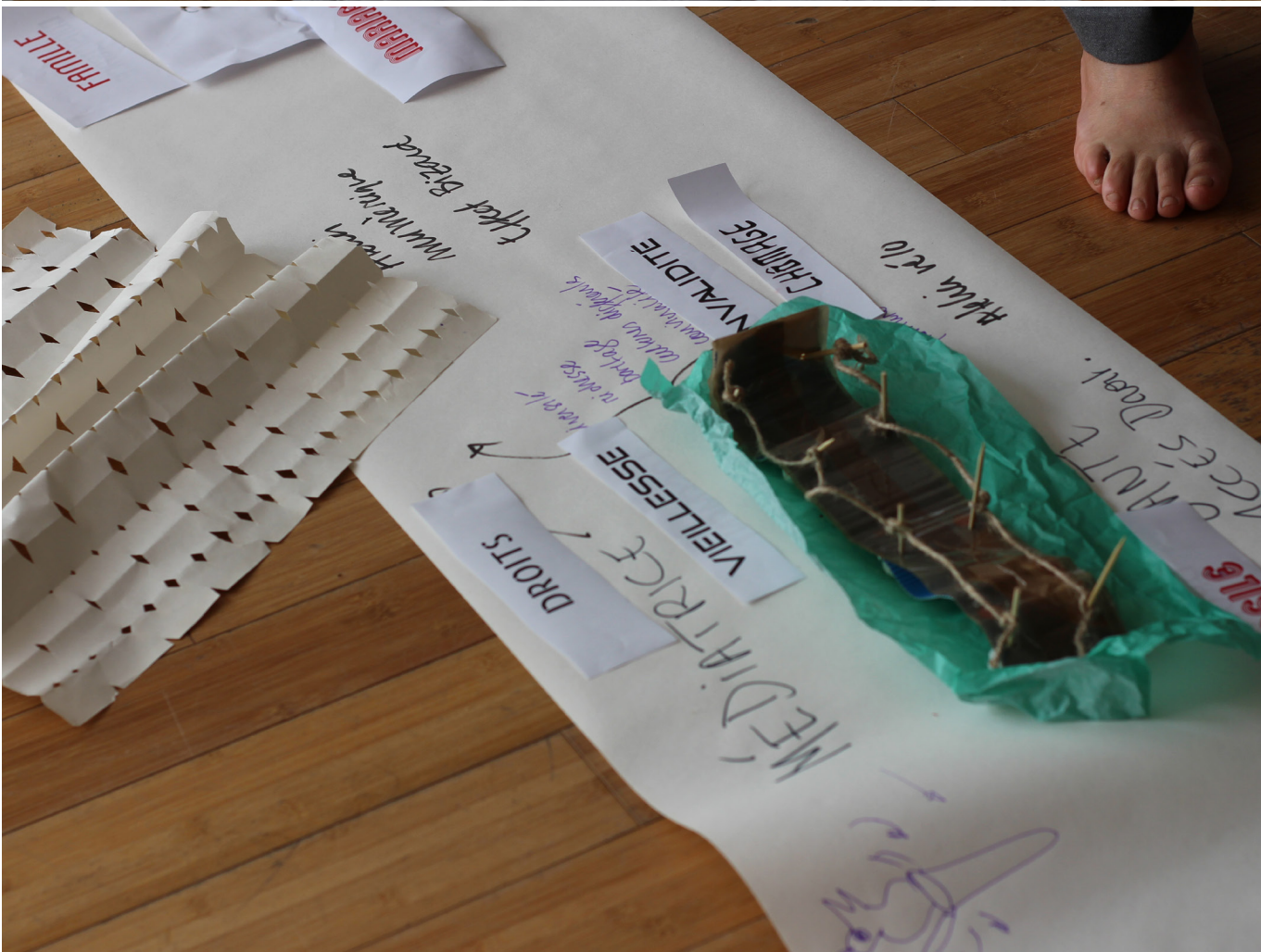
MORALITE

REPOS

RECONNAISSANCE

CREDIT

JUSTICE



TORTURE

ENFANCE

MALADIE

DROITS

- Energie

bilan de
santé
ramif
cette a
vie

- Sortie
Culturelles
- Parcours
maternité



TRAVAIL

OPINION

RECONNAISSANCE

Atelier Petek

Association

ARIFA

MSP

Forale

Bitous



Atelier Energie - maitrise d'energies, gas, de li.

Fete de partenaires

Temps Pa

Temps Fer

de Assieterve

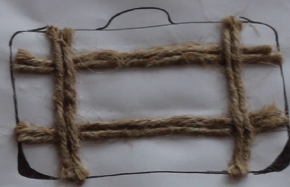
Sectre culturelle

Bilam samfé

DEVOIRS

DEVOIRS

FAMILLE



MARIAGE

MATE

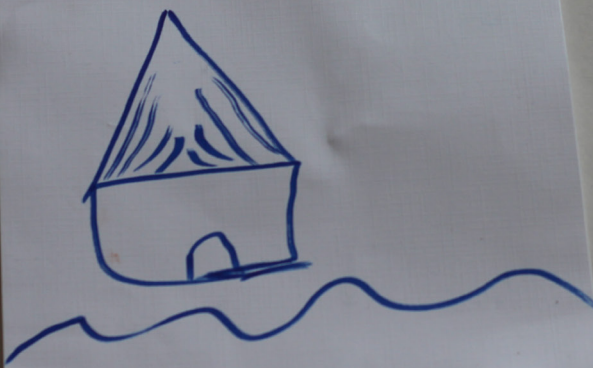
CULTU

PARCOURS MATERNITÉ

bagage de médiatrices
à connaissance professionnelle

TEMPS PARENTS

PARTAGER
SOUFRANCE
SURVIE



confidentia lité

quelque
chose que
bourse



V
COMPRÉH

Figura 44:
Equipe de
mediadoras
socioculturais
e do Projeto
Vidas Paralelas
Migrantes, durante
a organização da
exposição e do
catálogo, Oficina
PVP – Migrantes,
etapa “Coleta de
registros e Debate
– Significações”,
8 de junho de
2018, Arifa, França.





Questionar

É interessante notar que, durante a organização coletiva da exposição, deflagrou-se um processo de questionamento acerca de algumas ações inicialmente pactuadas entre a Arifa, as mediadoras e a equipe do projeto, tal como a replicação futura da metodologia com os sujeitos migrantes acompanhados pelas mediadoras socioculturais da associação.

Desse modo, durante a organização da exposição, o grupo começou a sessão questionando a realização da oficina com a população. A principal questão trazida por eles foi a desestabilização emocional vinda pela lembrança de eventos tristes e marcantes da vida da migração. As mediadoras afirmaram que a população sofre cotidianamente e que falar dessa dor pode causar mais sofrimento, porque os problemas são profundos e difíceis de serem resolvidos. Outro fator levantado por elas foi a proximidade com a população atendida, visto que, por morarem no mesmo bairro, as histórias pessoais compartilhadas coletivamente durante a oficina poderiam gerar comentários entre vizinhos e expor seus participantes ao julgamento público.

Esses questionamentos foram determinantes no planejamento das estratégias de ação das mediadoras. Elas optaram por adiar a proposta de replicação com os migrantes e propuseram primeiramente desenvolver exposições fotográficas itinerantes, com o objetivo de conferir maior visibilidade acerca de seu cotidiano de trabalho, ampliar o diálogo e a troca de experiências entre as mediadoras, abrindo caminhos para um processo mais amplo de fortalecimento dessa categoria profissional e valorização social do trabalho por elas desenvolvido.

Esse posicionamento por parte das participantes do projeto, de certa forma, materializou alguns fundamentos teóricos do PVP Migrantes, no sentido de provocar a reflexão crítica e a participação ativa dos sujeitos nos processos decisórios, inclusive no que tange aos rumos do projeto.





EXPOSIÇÃO PVP MIGRANTES FRANÇA 2018:

“l'atelier des oiseaux –
mediadoras socioculturais na
Associação Arifa”



A exposição PVP Migrantes França 2018 “l’Atelier des Oiseaux – Mediadoras socioculturais na Associação Arifa” é composta por 16 fotografias, uma vídeo-animação, obras plásticas, de áudios e textos, realizados entre abril e setembro de 2018, na França, durante as oficinas PVP de direitos humanos e fotografia na Associação de Mediação Sociocultural Arifa. O conteúdo da exposição trata do cotidiano de trabalho de mediadoras socioculturais que realizam atividades com a população migrante de duas comunas da Grande Paris (Clichy-sous-Bois e Montfermeil). A exposição foi realizada em 26 de setembro de 2018 no CSID - Centro Social Intercomunitário da Dhuy, um dos espaços de atuação da Associação Arifa em Clichy-sous-Bois.

Como mencionado anteriormente, a exposição é um dos produtos de pesquisa do Projeto Vidas Paralelas: Perspectivas Brasil/França, financiado pela Capes/Cofecub e cujo objetivo é aumentar a visibilidade do cotidiano, cultura e trabalho dos participantes, bem como a valorização sociocultural e a promoção da autonomia das mulheres. Quanto à proposta estética dessa exposição, deve-se notar um elemento poético, os pássaros (*les oiseaux*), que permeiam as manifestações registradas neste livro.

Os pássaros habitaram o cotidiano das oficinas do PVP Migrantes. Eles estavam presentes na música lembrada por Flamant Nain no primeiro dia de trabalho, no pequeno objeto voador criado por Ara de Lear, na foto de Aigle de Legge (eles estão lá transfigurados em criança), no poema de Bruant Auréole sobre os pássaros e a fronteira, no sorriso engraçado de Sarcelle Elegant ou, até mesmo, na explicação de algo que não pode ser dito. Assim, no âmbito dessa exposição, os pássaros são uma espécie de ícone, uma expressão imagética capaz de plasmar o profundo desejo de liberdade evocado pelas mediadoras culturais participantes do PVP Migrantes.



Figura 45 a 55: Exposição “L’Atelier des Oiseaux – Mediadoras socioculturais na Associação Arifa”, Oficina PVP – Migrantes, etapa “Sentimento Estético e Debate – Significações”, 26 de setembro de 2018, Arifa, França.

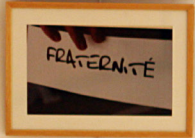
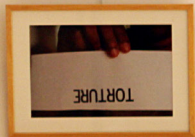
























Figuras 56 a 61: Visita de estudos da cidade de Wiesbaden (Alemanha) e empresa social Bauhauss à Exposição “L’Atelier des Oiseaux – Mediadoras socioculturais na Associação Arifa”, Oficina PVP – Migrantes, etapa “Sentimento Estético e Debate – Significações”, 26 de setembro de 2018, Arifa, França.









Exposição PVP Migrantes França 2018:
"l'atelier des oiseaux – mediadoras socioculturais na Associação Arifa"





Exposição PVP Migrantes França 2018:
"l'atelier des oiseaux – mediadoras socioculturais na Associação Arifa"





Avaliação

Após um período de seis meses da implementação das oficinas, o grupo de mediadoras socioculturais e a equipe brasileira do projeto realizaram um encontro de avaliação final da experiência. Por meio da utilização adaptada do método avaliativo FODA, que identifica fortalezas, oportunidades, debilidades e ameaças, foi sistematizada a opinião das participantes acerca dos fatos mais significativos desse processo à luz de sua própria experiência.

Esse tipo de metodologia tem como objetivo central registrar as percepções das participantes no projeto. Por outro lado, neste caso, envolve também a identificação de uma memória retificada das participantes por meio de narrativas que expressam a construção social de relatar uma vivência relacionada a eventos significantes em suas vidas.

Embora as falas tenham sido individuais, do ponto de vista do PVP Migrantes, essa atitude corrobora com o estabelecimento de processos profícuos de diálogos e construção de estratégias de desenvolvimento social capazes de incorporar as perspectivas e demandas dos sujeitos migrantes, na busca pelo reconhecimento da autonomia dessas mulheres. Essa reflexão acerca da experiência grupal de avaliação gera outras narrativas, do que se registra, por que se registra e como se fala ou se escreve.

As participantes relataram que no início do processo elas não tinham a compreensão da importância de realizar as oficinas e do impacto que o projeto teria em seu trabalho enquanto mediadoras socioculturais. Foi no próprio processo de narração crítica da intervenção em sua realidade que a iniciativa foi sendo inteligível para elas e superou suas dúvidas sobre o trabalho proposto. Quando o significado da ação foi incorporado e fez sentido para elas, o fluxo da construção coletiva tornou-se passível de ser expresso nos seus relatos.

Elas destacaram dois elementos que consideraram centrais no desenvolvimento das oficinas do PVP Migrantes: a liberdade da palavra e o princípio do trabalho coletivo. Essas concepções foram avaliadas como essenciais para se construir um espaço onde elas se sentiram livres para colocar questões, realizar críticas e escutar a voz “das outras”.

Foi esse tipo de condução e envolvimento que permitiu a criação de condições para se desenvolver um trabalho em equipe que olhasse para o fazer coletivo delas enquanto mediadoras socioculturais frente à própria experiência. Também revelou-se a diversidade de percursos e os passos dados nos processos migratórios. Uma migração que acompanha a história e faz parte da experiência humana. Um processo que oferece ao mundo a grandiosidade do mosaico cultural que ele comporta, abrindo caminhos para um infinito devir. Por isso os discursos trataram de formas de vida, gastronomia, símbolos materializados na areia, estética, cultura, maneiras diversas de se viver em família, roupas, música. Esses diversos repertórios de vida foram sintetizados na expressão: *nous somme comme les oiseaux, on vole !* [Somos como os pássaros, nós voamos!].

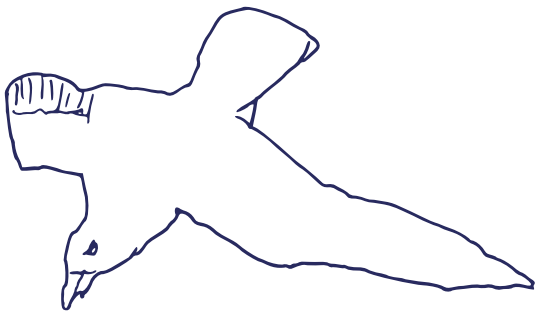
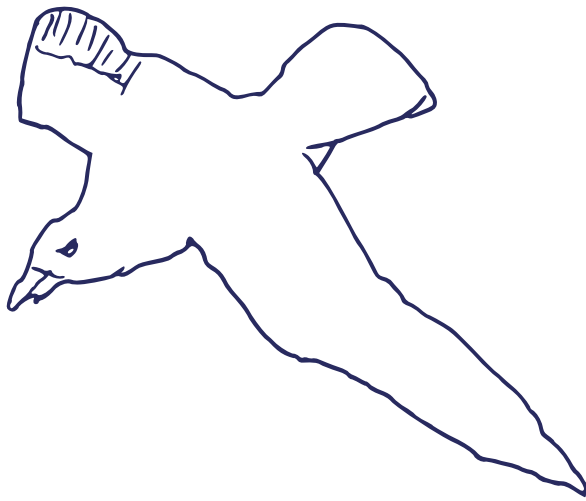
Do ponto de vista das fortalezas e oportunidades, as mediadoras participantes assinalaram suas próprias capacidades para o trabalho coletivo. Nesse sentido, valorizaram o esforço de cada uma no que tange à contribuição pessoal para o trabalho e à colaboração com a equipe. Ao ir desvendando seus trajetos e suas próprias perspectivas existentes quando chegaram à França com suas famílias, puderam compreender novos significados da migração em sua dimensão individual e coletiva. Foi a possibilidade de entender no tempo, *a posteriori*,

o que foi o início e como foram essas origens. É nesse sentido que a memória retificada emerge plenamente e novos significados vão sendo agregados aos eventos vividos.

Em termos das debilidades e das ameaças, fica claro nas narrativas das mediadoras a concepção diferenciada da migração, suas causas e possibilidades. A dimensão temporal é um marcador no fenômeno migratório. Para elas, o tempo hoje é outro, não se faz migração como antes. Destacam que a migração mudou, seja no que se refere às razões ou às formas de migrar. Exaltam que hoje os riscos de morte ameaçam a possibilidade dos deslocamentos.

Por outro lado, o trabalho delas abrange uma parcela limitada de pessoas que chegam às comunidades, grandes contingentes não são alcançados. Desse modo, como continuar com esse trabalho? Esta é uma grande questão e um dos desafios apontados, haja vista a capacidade instalada das associações, os recursos humanos disponíveis e os recursos financeiros que implica um trabalho dessa natureza. Fortalecer e ampliar o trabalho em rede é uma estratégia a ser reforçada para se alcançar novos atores e potencializar o trabalho desenvolvido.

Por fim, compartilhar a experiência do PVP Migrantes com demais associações e sistematizar a bagagem das mediadoras socioculturais em outras regiões da França pode ser também uma estratégia profícua que propicie a sensibilização da sociedade francesa quanto à importância do papel social das mediadoras socioculturais. Segundo elas, a exposição itinerante pode ser uma maneira de fazer chegar aos olhos de tantas outras mulheres que podem se ver e reconhecer, como elas, na experiência desses eventos vividos. Nas palavras das mediadoras: *Au fin c'est nous* [No final, somos nós].



Transcriptions en français du discours des médiatrices

[Transcrições em francês das falas das mediadoras]

Montrer ta photo

Aigle de Legge

Quand j'avais cinq ans, ma sœur s'est mariée avec un suédois, c'était son premier mariage. Elle est venue chez nous. Avant on n'avait pas construit la maison, on vivait dans un petit, comment on dit ?, dans un petit abri couvert de paille... des feuilles de coco. Voilà comment on fait : une sorte de natte pour l'entrée ; derrière ma maison, une petite cabane avec les feuilles, les feuilles des noix de coco, c'est ça. Là bas, on construit les cabanes, on construit la maison, avec du sable autour, du sable, là haut, si on n'a pas les moyens. Celle-là, avant, on l'a construite. Derrière il y a un arbre, celui là est un bananier. Oui, c'est ça, un bananier, derrière mon frère (rires), je suis là, j'ai cinq ans, ma sœur elle s'est mariée, elle est venue avec son mari et ce jour on a pris la photo. Mais quand je fais cette expression quand elle va faire la photo, je prends peur à cause du flash, c'est pour ça que... Ah.

Sarcelle Élégante : T'as ouvert la bouche ?

(rires)

Sarcelle Élégante : Mais tu étais toute mignonne.

Flamant Nain : Elle est très réussie la photo... tu avais les cheveux courts... et tu as un point sur le visage, c'est un symbole.

Aigle de Legge : Oui, c'est ça, ça s'appelle le *pottu*, ça s'appelle le *pottu*, et si c'est une demoiselle elle utilise le noir, si c'est la mariée, elle met le rouge.

Jacamar
Tridactyle

Quand j'habitais l'Amazonie, et que je travaillais, ah, normalement, je faisais des expéditions avec les indiens et j'habitais la capitale. Bon, j'habitais, juste un peu dans la capitale, mais j'étais toujours en expédition. Je restais un mois, deux mois dans la forêt, avec les indiens, avec l'équipe de santé pour apporter des soins aux indiens. C'est un jour de fête, d'une tribu indienne qui s'appelle Kaxinawa – il y en a plusieurs autres, et c'est ça qui m'a beaucoup fait penser aux migrations. Différentes communautés indigènes, des voisins des différentes ethnies, qui sont venues pour la fête, ainsi qu'un groupe de personnes invitées là. Ils viennent de différents pays, et de différentes villes. Et là, pour la première fois je vois le feu, quelqu'un fait un feu avec du bois, parce que ça c'est quelque chose qu'on voit dans des livres, des choses comme ça, des dessins animés, et je n'ai jamais eu l'opportunité de voir et de croire que c'était possible, tu vois. Et ça, ça a pris un temps fou, c'était un rituel en train de prendre feu. On voit le premier qui allume la flamme et le feu qui commence. C'est une fête avec des bâtons de bois, il faut allumer tous les cercles pour danser, la danse indigène avec ces feux là, c'est le début du cercle, c'est vraiment rituel, très beau. Et j'ai pris la photo parce que ça m'a dit beaucoup sur la migration, et aussi sur l'origine des choses. Normalement, c'est la personne, c'est le représentant de la tribu qui fait, il y a des personnes qui chantent aussi, parce qu'il faut évoquer pour faire le feu, ce n'est pas qu'un geste physique, il faut chanter, c'est un rituel. Il faut chanter et toute la communauté... et les curieux comme nous, on était là aussi pour voir le feu surgir.

Serin à Masque Noir : En plus le pied là, il est noir ah, il est noir... c'est noir, la peau.

Jacamar Tridactyle : Ah oui, parce que tu sais qu'au Brésil c'est très mélangé, il y a des blancs, des noirs, de différents types, il y a des indiens aussi qui sont très noirs, très noirs, les indiens qui sont métissés, différents types de couleur tu vois, c'est... ouais, il y a des indiens... et c'est ça et la photo est très parlante, c'était très émouvant.

Là c'est la gastronomie marocaine. Quand on évoque le Maroc, on évoque la gastronomie. Il y a les salades qu'on fait quand on rassemble la famille. Pour les fêtes ou les réunions de famille, il y a plusieurs légumes de saison [...] Il y a la carotte, et puis il y a les poivrons et puis eh... les olives, les épinards du Maroc, je ne sais pas comment on appelle ça, ce n'est pas des vrais, c'est une autre sorte, c'est la cousine des épinards, voilà. [...] Et puis la pomme de terre, donc ça cuit à la vapeur et puis voilà, ça reflète la famille, la fête, le partage. [...] Quand il y a la fête c'est une personne de la famille, une personne, on va dire la plus âgée qu'on respecte beaucoup, c'est elle qui cuisine et puis, les autres, les jeunes filles sont là pour aider, pour apprendre pour leur mariage, parce que c'est important pour se marier, il faut savoir cuisiner, c'est le bagage pour toute jeune fille à l'époque. De nos jours non, mais à l'époque c'était ça. Donc, le but c'est apprendre, c'est transmettre les recettes marocaines des générations, parce que ces recettes là ça date des siècles et des siècles ah, c'est pas les nouvelles recettes, non ! C'est vraiment les anciennes qu'on se transmet. Par exemple, moi de... c'est rare que je fais des salades comme ça, ça c'est les salades que ma mère fait, que ma grande sœur fait, ma belle-mère. C'est important, c'est leur culture, c'est les racines qu'elles ont hérité de leurs mamans, de leurs grands mamans, voilà. Et ce n'est pas n'importe qui, qui cuisine ça, ce n'est pas donné à tout le monde, voilà. On fait avec les produits du terroir, aussi, il n'y a rien qui est importé, ce sont les produits de saison qu'on a chez nous... [...] Après ça c'est le couscous, c'est le symbole du Maghreb, c'est un repas. Très symbolique, ça symbolise la religion, l'Islam. Donc, les vendredis c'est important pratiquement dans toutes les maisons, c'est le repas, le repas de midi, jusqu'à maintenant, il faut le dire, en général. [...] Et c'est le repas de famille. Donc, la maman, si ses enfants sont mariés, elle doit rassembler tout le monde parce que dans le Maghreb le vendredi on ne travaille pas, donc c'est un repas qui rassemble tout le monde. Ça peut être un repas de fête et de deuil. Donc, quand quelqu'un est décédé c'est important de faire le couscous, on ne peut pas faire une autre chose. Par nos jours ça commence à changer, donc quand il y a un deuil, les voisins font le couscous et ils l'amènent dans la maison du défunt. Et voilà, quand il y a une naissance c'est pareil, il faut qu'on fasse le couscous.

Fauvette
Orphée

Donc là, ça faisait trois, quatre jours que j'étais en France, c'était Paris pourtant. Donc, je venais pratiquement tous les deux, trois ans à Paris, et là j'étais venue [...] pas pour m'installer, je n'avais pas l'idée de venir m'installer, j'étais venue pour finir mes études... Et puis j'étais très contente et tout. [...] C'est le mari de ma cousine (qui a pris la photo). [...] C'est une cousine à moi, qui maintenant est retournée en Algérie, elle n'est plus en France. Qu'est ce que je peux dire sur cette photo ? Donc, là je disais que j'étais toute contente, et tout, je pensais que c'était l'el Dorado... venir en France [...] moi je connaissais déjà, je venais souvent, mais oh... je dis que c'est... on a toujours l'idée de venir... tout est facile et puis... mais ce n'est pas le cas de tout. [...] Donc, moi j'étais venue pour faire des longues études mais eh... après, eh... j'ai fait quand même une année ? Mais après, après ce n'était pas possible parce que j'étais déjà hébergée chez une tante, la tante avait d'autres ambitions pour moi.

Flamant Nain : Ouais, (rires)... comme toutes les tantes.

Fauvette Orphée : Ouais. Donc, elle avait d'autres ambitions pour moi, c'était pas pour elle, eh. Les études non, tu restes à la maison, tu te trouves un mari, et tout. Ce n'était pas, ce n'était pas dans ma tête de venir pour me marier... J'ai dit dès le début que moi, mon père, jamais il ne m'a imposé ou m'a forcé, ou m'a dit d'aller me marier, j'ai eu un père très compréhensif, très ouvert d'esprit, ce n'est pas ma tante qui va me pousser à... [...] Donc, je suis partie de chez elle et je suis restée quelque temps chez ma cousine, puis chez une autre cousine, puis chez mon cousin. Après j'ai rencontré mon mari, je ne l'ai pas rencontré mais on me l'a présenté, c'est le destin. [...] C'est le destin et deux mois après j'étais mariée, ça n'a pas tardé et je suis encore mariée.

Flamant Nain : C'est vrai c'est hallucinant nos histoires de mariage, c'est un chapitre à part (rires), c'est vrai ah, on peut faire un film là dessus.

Fauvette Orphée : Après pour les deux premières années [...] les deux premières années, c'était très dur, la séparation avec mes parents.

Jaseur Boréal

Fauvette Orphée : Donc, ça c'est un chapeau. C'est un chapeau d'origine turc.

Flamant Nain : Chez nous c'est tout droit, mon père, il en avait un de son grand-père, comme ce *tarboush*.

Fauvette Orphée : Il y en a de toutes sortes. Donc, c'est les origines de la famille de Jaseur Boréal. Et c'est pour ça, donc, que la famille de Jaseur Boréal est aussi issue de la migration, parce qu'ils viennent de Turquie.

Flamant Nain : C'est beau... c'est vrai, chez nous on l'a gardé jusqu'à maintenant, il doit avoir plus de 100 ans notre chapeau.

*Sarcelle
Élégante*

C'est mon grand frère et ma grande sœur et mon père et ma mère. Ma grande sœur elle devait avoir quoi ? Quatre ans, cinq ans, je ne sais pas, et mon grand frère, je pense que... je ne sais pas si c'était... je ne sais pas, je ne pourrais pas dire... Deux ans... Cette photo c'était, non, il n'y a rien d'écrit, je ne sais pas quelle année c'était. Ma sœur elle est née en 71 et mon frère en 73, donc, ça doit être 75, il doit avoir deux ans lui... ils sont arrivés en France en 72. Et puis là, ça doit être une photo, voilà, une photo de famille prise chez des photographes. C'était un peu, un petit rituel, très structuré ; voilà il n'y a pas de sourire, ma mère ne sourit pas.

Flamant Nain : C'est comme les photos d'identité, c'est un peu officiel.

Fauvette Orphée : Ce n'était pas spontané.

Sarcelle Élégante : Non ce n'était pas spontané, c'était vraiment voilà... Voilà, c'était une seule fois. [...] Il n'y en a que deux comme ça, il n'y en a pas d'autres et c'est la seule qu'on a en famille... avec mon grand frère et ma grande sœur. Là il avait deux ans, ça devait être en 73, parce qu'après ma grande sœur, mon petit frère et mon grand frère ont été placés, parce qu'après ma naissance, ma mère est tombée malade. Elle est tombée malade et ils ont été placés en famille d'accueil. [...] Alors, je crois qu'elle avait accouché de mon grand frère Mohammed et qu'il a été en pouponnière à l'âge de presque un an, et il est resté

jusqu'à l'âge de ses sept ans parce que ma mère était malade. Et tous ont été placés. [...] Ça doit être une photo d'avant, avant qu'ils soient placés, avant que ma mère tombe malade de la tuberculose. C'était la tuberculose, après elle a été suivie à l'hôpital. Elle y est restée six mois, après les six mois, ça s'est transformée en maladie chronique, et il y a eu l'asthme. [...] Elle ne voulait pas se marier avec mon père parce qu'à l'époque, c'était ma tante, la sœur de mon père qui a dit oui, et ma mère elle n'a pas voulu, et elle a dit « moi je ne veux pas ». Parce que ma mère était jeune et elle n'avait pas fait d'études [...]. Il y a une grande différence d'âge... moi, ma mère elle avait quoi, allez, peut-être 19 ans, elle s'est mariée à 20 ans, je ne sais pas, elle était jeune ma mère...

Pririt à Collier

Tu vois le rapport avec la migration, parce que le jour de cette photo, on partait à une réunion parce que dans la ville où je suis née, nous sommes une association, on se rencontre tous les mois, une fois par mois, le deuxième dimanche, le deuxième samedi, ça dépend, après on fait une réunion avec tout le monde, on donne une cotisation de dix euros et on la met dans une caisse, au cas où il y aurait des problèmes dans le pays. Dans la ville où je suis née, s'il y a des problèmes d'eau, s'il y a des problèmes de médicaments, ou pendant, par exemple, le mois du Ramadan, qui est un moment très important, on sort l'argent du compte et on l'envoie à des personnes démunies. Pendant les fêtes aussi, on achète une vache ou un taureau, qu'on coupe et après on donne à les familles démunies qui n'ont pas les moyens d'acheter de la viande le jour de la fête. [...] Moi, je suis née au Mali, ce sont mes parents qui ont organisé mon mariage, je suis venue dans le cas du regroupement familial. [...] J'ai des sœurs ici. Mon mari a vu ma photo chez ma sœur et il a dit, « je veux me marier avec elle », on ne m'a pas demandé mon avis, et voilà (rires). J'étais préparé aussi à ça, parce que c'est culturel, j'ai mes sœurs qui se sont mariées comme ça. Voilà, un jour je viens de l'école, et mes parents me disent, « voilà tu vas te marier, il y a ton mari qui va venir de la France dans quelques jours », je n'ai jamais vu sa photo, je ne lui ai jamais parlé au téléphone. OK, dans

ma tête c'était normal. Quand je suis venue j'étais dans un appartement, seule avec une télé. Dans ma ville, il y avait la télé mais il fallait aller dans les familles qui avaient les moyens de la regarder, et, là, j'avais une télé pour moi toute seule. C'était impressionnant. [...] En plus, là où je suis née c'est le Sahel, où il y a des problèmes d'eau, quand on est jeune dans ces conditions, on connaît la sécheresse, il faut aller chercher l'eau, pour laver le linge et tout ça. Moi, ça me choque, même maintenant, j'ai du mal à gaspiller de l'eau. Quand je fais la vaisselle je ne peux pas laisser le robinet comme ça, chanter et tout. Il faut fermer l'eau parce que l'eau c'est impressionnant, nous on en a comme ça, mais il y des gens qui font des kilomètres pour aller chercher l'eau, et moi j'ai vu ça... et même mes enfants, je leur dis, quand ils vont se laver dans la douche, de fermer l'eau ! Mon fils me dit, on n'est pas au Mali, et je lui dis je m'en fous. Il faut fermer... L'eau, je ne peux pas la gaspiller. Donc, quand je prends ma douche, je ne dure pas des heures et des heures en chantant, voilà, une petite parenthèse.

*Serin à
Masque Noir*

En fait, moi quand je suis venue en Europe, mon objectif c'était de devenir docteur, je voulais faire des études et puis devenir docteur. Je suis d'abord arrivée en Suisse, mais j'ai eu des problèmes pour les papiers. Je suis venue en 1999, le 6 août, c'était mon anniversaire, et je suis tombée sur ma famille, je suis restée chez quelqu'un qui parle la même langue que moi et je commençais à lui parler parce qu'il m'a demandé « Toi, tu es venue pour faire quoi ? ». Je lui ai expliqué mon projet et il m'a dit « Eh ! toi tu es venu pour étudier ? Ici on vient pas pour étudier, on vient pour travailler, donc il faut chercher d'abord le travail ». Je dis « Je ne peux pas étudier ? », « Non, parce qu'il faut contribuer à la maison, tu peux pas rester comme ça, nous on paye le loyer, on paye tout, donc, tu dois contribuer ». Et je suis restée chez le monsieur là, alors je me suis dit « Je n'arrive pas vraiment à faire quelque chose, comment je vais travailler, je n'ai pas de papiers », et il me dit « Mais oui, je vais chercher quelqu'un qui a des papiers, qui va te les donner, et tu vas travailler ». Alors les papiers qu'on m'a donnés, c'était ceux d'une

dame vraiment plus âgée. À chaque fois que je faisais des démarches, que se passait-il ? La dame me demandait toujours « Madame, tu as quel âge ? » et je disais « Moi, je suis née en 51 », et tout le temps elle me disait « moi, je demande l'âge, je ne demande pas l'année ». Et ils n'ont pas accepté, et elle m'a dit « quand je te vois, tu n'a pas l'air d'avoir l'âge que tu me dis ». Quand j'ai réalisé, je me suis dit en moi-même, « il faut que je quitte ce pays et que j'aille en France », là c'était en Suisse. Je viens en France parce que à Paris il y avait toute ma famille. J'arrive à Montreuil, et c'est ma cousine qui est venue me chercher, je suis restée là, et elle m'a dit la même chose, « comme tu n'a pas de papiers, je vais te donner d'autres papiers pour que tu puisses travailler ». Et j'ai dit, « Mais non, moi, je ne suis pas venue pour travailler, moi je suis venue pour continuer mes études » et elle m'a dit, « Mais ici, on ne fait pas des études, nous, on est venu pour travailler et pour envoyer l'argent au pays parce qu'il y a les parents, tu sais ça ? » Et j'ai dit « Oui, je sais ». J'ai passé des moments très difficiles avec la famille. Il y avait un monsieur qui venait souvent à la maison et il m'a dit « Bon, je vais te ramener, il faut aller demander l'asile politique ». Et je lui ai dit « Mais je n'ai pas des problèmes politiques », et il dit « Oui, il faut inventer ». J'ai dit « comment je vais inventer ? » et il m'a dit « Bon, voilà, on va dire ceci : tu avais des problèmes avec un tel tel tel ». On a fabriqué les choses, jusqu'à que j'aille à la préfecture, j'ai demandé l'asile et après un mois et demi on m'a rejetée. Alors le monsieur m'a dit « Il y a la police partout, tu ne peux pas sortir parce qu'il y a la police ». Je dis « bon, est ce que je ne peux pas aller en Belgique ? ». Il m'a dit « Mais oui, tu peux aller aussi en Belgique ». J'ai dit « Bon, il faut que j'aille en Belgique et peut être là bas ça va marcher ». [...] J'arrive à Liège. J'ai rencontré un monsieur que j'avais connu au Congo. Et il m'a dit : « Moi, j'ai ma maison, si tu veux tu peux aller habiter avec moi ». Alors, j'ai dit « Mais moi, je ne suis pas venue pour un mariage, moi je veux étudier » et il me dit « Mais tu n'as pas des papiers, comment tu vas faire ? ». Et le monsieur m'a ramené dans un centre de formation, c'est là que j'ai commencé à apprendre, à étudier. C'est un peu compliqué, je n'aime pas trop dire ce que j'ai vécu, je n'aime pas trop.

Le partage du sensible

*Par les trous
nous pouvons
passer pour
vivre libres*

Caïque Chauve : J'ai pensé à ce détail de la robe de la petite, la dentelle, parce que c'est un détail, mais c'est une chose qui transforme la robe en une robe spéciale. Dans la dentelle il y a des trous et par les trous nous pouvons passer pour vivre libres, ces trous ont un rôle important dans l'espace, ils donnent de mouvement.

*L'idée de voler,
imaginer et de
réaliser notre
liberté*

Ara de Lear : Moi j'ai fait un petit oiseau, une chose qui bouge. Et l'idée qui m'a inspirée, c'est l'idée de la liberté, de connaître d'autres chemins inconnus et je pense que c'est un symbole intéressant. L'idée de voler, imaginer et de réaliser notre liberté.

Caïque Chauve : Quand tu as parlé de l'oiseau, pour moi il me semble que faire la relation avec l'enfant, notre enfant même... peut être amusante.

Flamant Nain : Pour moi, l'oiseau est l'enfant. C'est très symbolique parce que c'est un enfant et un jour il va voler de ses propres ailes comme un oiseau. Il va partir, comme Aigle de Legge, elle était là-bas, elle est partie en Suède, elle est venue à Paris, elle est partie vers d'autres sud, elle a volé.

Ara de Lear : Un enfant quand il a un morceau de bois il imagine un avion, par exemple, et il commence à voler immédiatement ; tous les enfants, ils ont la capacité de transformer la réalité très facilement. C'est facile pour un enfant d'imaginer d'autres choses, mais ce n'est pas seulement de l'imagination, il réalise le désir quand il commence à jouer.

Flamant Nain : Mais pour jouer... on ne joue pas à l'oiseau...il a besoin qu'on le motive, il ne vole pas encore par lui même. Pour le lancer, il faut lui donner une impulsion, il est tout petit pour voler tout seul, votre oiseau... C'est très philosophique Hum...

*Le noir &
le blanc*

Astrild Ondulé : Une image n'est pas triste, Aigle de Legge, elle n'est pas triste, mais moi en voyant l'image, ça m'a fait penser à la pauvreté, à la guerre... à la précarité...

Flamant Nain : Pas forcément, il y a une belle robe dedans... Il y a un contraste entre la belle robe et le cadre.

Sarcelle Élégante : Et tu vois les pieds nus...

Flamant Nain : Voilà, les enfants en général ils enlèvent leurs chaussures pour bien s'amuser... Ils s'amuse. Elle est en train de jouer, elle est contente de sa robe et c'est tout.

Astrild Ondulé : Ça me fait penser au pays (d'origine), comment on vit dans la grande ville, comment on vit dans la brousse, donc donc coup il y a la pauvreté, il y a tout, il y a la guerre.

Serin à Masque Noir : Le noir représente la pauvreté ?

Astrild Ondulé : Pour moi, le noir ce n'est pas quelque chose de beau.

Serin à Masque Noir : Non, mais... pour nous, c'est toujours négatif ?

Astrild Ondulé : Ça dépend.

Flamant Nain : Chez nous, le blanc, ça peut être une couleur du bonheur comme la robe de mariée, comme ça peut être une couleur de deuil ou ça peut être une couleur de recueillement. Par exemple en Afrique du Nord, une dame quand elle perd son mari elle met du blanc de la tête au pied, même les sous-vêtements, même les chaussettes... tout, pendant quatre mois et dix jours c'est le blanc. Ce n'est pas le beige, c'est du blanc...

Serin à Masque Noir : Pour moi, le noir ne signifie rien, je pense que le noir, ça peut expliquer autre chose que la misère, que la pauvreté, que le deuil, parce que pendant le deuil même on peut mettre du blanc comme tu viens de le dire... Chez-nous, on met pas le noir... Nous c'est pas le noir. C'est tout blanc, c'est à dire, même les enfants, la famille, ils mettent que le blanc, pas le noir, donc le blanc accompagne la personne dans le bonheur et dans tout. On ne va pas mettre le noir.

Flamant Nain : C'est la culture de chaque pays. Quand vous allez en Égypte, c'est le noir, ce n'est pas le blanc.

Prit à Collier : Même au Mali, par contre, une jeune fille quand elle se marie, après les noces, après une semaine, elle revient chez ses parents et elle met un truc noir, pas foncé, foncé, mais elle met un truc noir, et si c'est un truc blanc, elle a toujours un tissu noir sur la tête.

Serin à Masque Noir : C'est très joli, ce n'est pas sombre ni quelque chose qui fait peur.

Astrild Ondulé : Le noir c'est bien, hein ?

La solidarité du partage

Flamant Nain : Donc moi, c'est la terre. C'est l'argile que depuis toujours on utilise pour manger, pour faire plein de choses, pour fabriquer des choses utiles pour cuisiner, pour boire de l'eau. C'est hygiénique, c'est bio, avec des produits naturels, c'est fait à la main. Donc, là c'est en terre cuite. C'est toujours la terre, mais c'est en terre cuite. Donc là, ça ressemble à une cocote-minute qu'on utilise actuellement, parce qu'on la ferme et on ne met pas d'eau et ça cuit à la vapeur. On ne rajoute pas une goutte d'eau, on met tout en même temps, la viande, les légumes, tout ce qu'on veut, et on ferme. Et puis, en général, il y a comme un petit trou là, comme un diffuseur. Donc, dans chaque maison, jusqu'à maintenant, on trouve ça. Traditionnellement on l'utilise avec du charbon, qu'on appelle un brasero. C'est à dire, un plat où on met du charbon et ça cuit, très doux, naturellement. De nos jours quand tu vas au magasin il y a un petit diffuseur qu'on met sur le gaz. On ne peut pas mettre ça direct sur le gaz, ça peut éclater. On achète un diffuseur, comme un plat avec des trous qui absorbent la chaleur doucement. Donc, c'est très bon pour la santé. Dans le temps, il y avait de la pauvreté, il n'y avait pas beaucoup de vaisselle, pas de magasin, il y avait la guerre, les gens n'avaient pas les moyens d'acheter de la vaisselle, chacun son assiette, et c'est autour de ce plat que la famille s'installe pour manger avec du pain.

Prit à Collier : Pour moi, je n'interprète pas ça comme un signe de pauvreté. Par exemple au Mali on fait la même chose, on mange dans le même plat, ce n'est pas une question de pauvreté. Par exemple, si on est beaucoup dans la famille et si je n'ai pas de moyen de nourrir

ma famille, c'est mon frère, s'il a de moyens, qui va nourrir toute la famille. Il y a qu'une seule personne qui nourrit toute la famille, on mange tous ensemble.

Flamant Nain : C'est la solidarité du partage.

Pririt à Collier : Quand on mange ensemble chaque jour, demain par exemple, on est dix et on mange tout le jour, le matin je ne suis pas là jusqu'après-midi, mais si j'étais là, je mangerais. Et vous allez poser la question, « pourquoi elle n'est pas là ? » Je peux être malade, je peux partir quelque part. Tout ça pour dire, quand on dit que les gens occidentaux mangent chacun sur son assiette et tout ça, que quand on va au Mali et qu'on mange ensemble c'est de l'hospitalité, ce n'est pas de la pauvreté et c'est comme ça que chez nous on l'interprète. La question n'est pas « qu'on est pauvre ».

Flamant Nain : Et jusqu'à maintenant nous on mange, quand je fais le tajine avec mon mari et les enfants, il faut qu'on mange dans le plat tous ensemble. C'est quelque chose qui reflète la famille.

Pririt à Collier : Moi, dans ma maison on ne mange pas chacun dans son assiette, il y a des plats, des pâtes et tout, qui sont pas faciles à manger, chacun prend son assiette et tout, mais par exemple les plats traditionnels que je fais le samedi, on les mange ensemble dans le même plat, et si tu veux manger à la main aussi tu es libre, tu fais tout ce que tu veux.

Pririt à Collier : C'est pour ça que j'ai mis ça : partage, souffrance. Oui, il y a une souffrance, et il y a une survie. Partager, par exemple, l'immigration dans un pays comme le Mali, à cause de la faim. Avant, quand les gens partaient pour immigrer, c'était la famille qui décidait qui va partir. Ce sera le plus jeune ou le plus débrouillard, il faut que ce soit lui qui parte. La personne ne vient pas que pour elle. Elle vient pour la famille, elle vient pour toute la famille, quand elle vient c'est sûr que c'est la famille qui a cotisé pour qu'elle puisse venir, prendre son billet d'avion. C'est pour la famille, elle n'est pas là à dire « je suis francisé, je m'en fous de ce qui se passe au Mali, je viens juste pour moi ». Voilà, tout qu'il faut, il faut partager pour la famille, c'est la famille qui décide si tu viens. C'est vrai il y a un service, parce que nous tous sommes en service

et le salaire qu'on a il faut le partager avec les gens du pays, ça, c'est important... comme elle dit si tu n'envoies rien il y a quelque chose qui te manque. Déjà c'est ton budget, même si c'est peu, tu dois envoyer un tout tout petit peu, même si c'est le peu que tu as, il faut partager, tu dois partager. Voilà, survivre c'est la même chose... Quand j'ai vu l'image de Aigle de Legge ça m'a fait penser aussi à ma jeunesse, à la chance que je n'ai pas eu. C'est des cas, tu vois, il y a certains villages où on voit plein de trucs comme ça. Ça, c'est de la paille et ça, c'est de la terre, on fait le trou et tout et la paille est au-dessus et les gens dorment au-dessous. Dans l'immigration je trouve qu'il y a des gens qui choisissent, mais il y a des gens aussi pour qui c'est un peu une obligation quoi, parce que dans le pays... il n'y a pas de boulot, il y a des problèmes. Tu es jeune, tu as envie de rêver, tu as envie de venir. Ce n'est pas que pour toi. Il y a plein de gens qui partent, qui embarquent dans le bateau, dans des trucs comme ça, et savent qu'ils risquent leur vies... ils savent, ils ne sont pas bêtes en disant « non, mais... ». C'est un choix, ils vont partir, si un tente le coup, il le tente pour tout le monde, pour mourir aussi, c'est une souffrance et c'est comme ça.

Astrild Ondulé : Mais des maisons comme ça, c'est frais à l'intérieur, très frais, c'est comme si tu avais un climatiseur.

Prit à Collier : C'est à cause de la terre, de l'argile... je ne sais pas comme ils font avec la terre.

Flamant Nain : Un climatiseur naturel.

*Nous, on a des
beaux habits*

Prit à Collier : C'est en terre cuite et chez nous, au Mali, n'importe qui peut faire ça. Moi je le fais, j'en ai eu, mais la personne qui fait ça pour vendre c'est une autre culture. Ils font comme ça et, quand tu veux, tu le sèches et après tu le mets dans le feu, pour bien brûler et tout, et après tu achètes. Dans toutes les maisons il y a ça, au minimum. Ça commence à se moderniser, mais les gens... Et même les autres qui n'ont pas de four, ils achètent un truc plein de bois pour le faire brûler.

Flamant Nain : C'est l'argile, le vrai, c'est l'argile ; tu le mets au four et ça devient de la vaisselle.

Pririt à Collier : On peut cuisiner. Il y a des plats qui sont petits, il y en a aussi pour cuire à la vapeur, [...] il y a des trous, des trous comme une passoire. Comme le couscoussier... ma mère elle avait ça et tu fais cuire le couscous les trucs comme ça.

Serin à Masque Noir : On cuisine aussi avec des casseroles, déjà les casseroles... Mais par exemple, si je prépare des haricots dans un plat en terre cuite et qu'une autre personne prépare aussi les mêmes haricots dans un récipient en inox... ce n'est pas le même goût.

Flamant Nain : C'est comme le tajine, tu le fais dans une cocotte-minute ça n'a rien à voir. Chez nous, on a pris l'habitude avec le tajine, donc le reste c'est pour faire vite, la cocotte-minute, la casserole c'est pour faire vite, mais quand c'est les vacances, le week-end, il faut faire la cuisine doucement, assez doucement, tranquillement, la vraie cuisine.

Pririt à Collier : Ça, c'est pour faire des épices. Mais ce n'est pas de la terre c'est du bois, le mortier...

Flamant Nain : Chez ma mère c'est en cuivre, il pèse 20kg, elle l'a amené de chez grand-mère et il doit avoir plus de cent ans.

Pririt à Collier : On met le maïs, pour le piler mais c'est tout un truc à faire là.

Flamant Nain : C'est mieux que le mixeur. Quand tu prépares le poisson, par exemple, l'ail, le persil, le... tout avec les épices et quand je le fais avec le mortier c'est pas la même chose, pas le même goût, parce que ça laisse la saveur. Les grands cuisiniers utilisent le mortier hein, chef cuisinier...

Pririt à Collier : En 2013, je suis partie au Mali, j'en ai ramené un dans le sac à dos de mon fils et après un monsieur m'a demandé « mais pourquoi tu ne fabriques pas tout ça au mixeur ? ».

Caique Chauve : Et la poupée ?

Pririt à Collier : Oui, la poupée ! Ça, c'est Umo Djalo. On l'a fait ensemble (avec Jaseur Boréal). Ça, c'est les tennis de fête... Et ça c'est

un foulard. Nous, on a des beaux habits là, il faut que tu mettes un foulard... c'est très joli, c'est un accessoire et tu mets ton accessoire.

Flamant Nain : S'il n'y a pas le foulard... ça n'a pas de valeur.

Pririt à Collier : Ça dépend, mais si tu veux sortir avec un maximum d'élégance, c'est l'ensemble et tout. Quand tu fais, les tennis, le boubou et le foulard avec.

Astrild Ondulé : J'ai dit que le foulard c'est aussi le signe de la femme mariée.

Pririt à Collier : Mais tu vois, aujourd'hui tout le monde est voilé, tout le monde met le foulard. Mais au Mali, quand on était petite, une jeune fille, elle ne mettait pas le foulard... Une fois que tu te maries, tu dois mettre un foulard sur la tête. C'est le symbole du mariage. Ce n'est pas un hijab.

Flamant Nain : Et quand tu divorces, tu l'enlèves ?

Pririt à Collier : Non, on ne l'enlève pas. Ce n'est pas le hijab... moi, je me rappelle que quand je me suis mariée, au début ma belle-famille m'a couverte avec le foulard, parce que je n'avais pas l'habitude de le mettre et à chaque fois que j'étais dans la maison avec la tête découverte. A chaque fois que je disais bonjour à quelqu'un, ils me répondaient « bonjour, mais va mettre ton foulard d'abord et après tu me dis bonjour ». J'ai eu du mal à m'adapter, mais après...

Flamant Nain : C'est dur de mettre quelque chose sur la tête. C'est très dur là.

Astrild Ondulé : Même quand tu as accouché et tout, il faut mettre le foulard sur la tête, parce que si l'air rentre dans ta tête tu vas attraper des migraines.

Flamant Nain : Quand tu l'enlèves ?

Pririt à Collier : Quand tu accouches, mais après l'accouchement tu dois le porter.

Flamant Nain : Mais c'est ce qu'on avait coutume de dire au Maroc. Moi quand j'ai accouché, j'étais en mini-jupe, je pouvais sortir, j'étais en chemise, j'arrangeais mes cheveux, je les brossais à l'hôpital, je n'avais rien, en France. Mais quand j'ai dit que j'allais sortir comme ça, ils ont eu peur « non, mais tu es toute découverte, avec ta tête découverte ».

Astrild Ondulé : Mais regarde, déjà ici quand tu as accouché tu sors, mais au pays c'est 40 jours.

Flamant Nain : Oui, 40 jours. Elles se font chouchouter au Maroc, elles n'ont rien du tout et ce sont des princesses pendant 40 jours, on sait bien.

Pirit à Collier : Oui, mais c'est normal. Ça, c'est pour que tu te reposes, pour te reposer, tu t'occupes de toi...

Astrild Ondulé : Et du bébé, c'est fatigant.

La clôture

Jaseur Boréal : Moi, mon dessin représente une valise. Comme je ne suis pas issue de l'immigration, ça va être un peu dur d'en parler. Donc, moi j'ai pensé déjà à ça par rapport à la question de la clôture. En principe ceux qui émigrent, utilisent du cordage, ils serrent bien tout pour qu'il ne se passe pas quoique ça soit, et que ça s'effondre et tout. Souvent les gens quand ils venaient d'autres pays, quand ils avaient leurs valises en fait, ils entouraient leurs valises avec de la corde pour ne pas perdre leurs habits.

Des galères (embarcations)

Serin à Masque Noir : C'est l'immigration, les gens viennent parfois, bon, ces derniers temps il y a eu beaucoup de problèmes de transport aérien parce qu'il n'y a pas beaucoup de familles qui ont les moyens pour payer le billet, avoir le visa, le visa c'est difficile donc ils ont préféré venir avec... je ne sais pas le nom...

Jaseur Boréal : Ce sont des embarcations ?

Serin à Masque Noir : Les embarcations, voilà, ce sont des jeunes garçons, il y a aussi des mamans là-dedans et là c'est la mer...

Flamant Nain : Qui les entoure.

Astrild Ondulé : Le risque... est très grand...

Serin à Masque Noir : Et souvent les jeunes qui viennent agissent comme ça dans la famille, on cherche quelqu'un qui est courageux, quelqu'un qui va aider la famille, une fois on peut vendre... de la

vaisselle... des bijoux, quelque chose qui a de la valeur, il faut avoir les moyens pour pouvoir... venir en Europe. Et quand tu voyages comme ça, dans ces conditions-là, des conditions très très difficiles... on sait bien que, ou j'arrive ou je n'arrive pas. On accepte quand même de venir, il y en a qui arrivent, il y en a qui n'arrivent pas, vous savez déjà tout ce qui se passe maintenant. Moi je parle de la mer.

Astrild Ondulé : Comme elle le disait, c'est la famille qui choisit la personne qui vient, mais maintenant je vois qu'il y a quand même des bébés, des enfants de trois ans... Je ne sais pas pour quelle raison on prend le risque d'envoyer un enfant de trois ans, de sept ans pour le faire venir ici en Europe...

Prit à Collier : C'est peut-être dans les pays où il y a la guerre.

Sarcelle Élégante : Oui, mais c'est le problème dans des pays dont on sait qu'ils sont en guerre, mais quand on parle, par exemple, de « l'Afrique en elle-même », entre guillemets, je dis que c'est peut-être le manque de travail qui les fait venir ici, ils viennent parce qu'il y a la famille qui est ici et peut être, quand la famille est partie, ils veulent les suivre... Il y a tout un cheminement. Je pense que c'est ça, ce n'est pas le fait d'être un pays en guerre, c'est le fait qu'il y a une personne, deux personnes qui sont parties, donc ils ont besoin de les rejoindre et il y a tout ce processus et c'est pour ça que les gens prennent le risque de partir et de tout laisser derrière eux.

Prit à Collier : C'est vrai qu'il existe des endroits où il n'y a rien, l'agriculture ne marche pas, il n'y a pas de boulot, il y a plein de chômage. On ne va pas prendre une barque, celles qui sont larges et tout, mais en même temps il y a la communication, on voit tout ce qui passe, parce que ces gens-là ils savent que s'ils restent là-bas... ils n'ont rien à perdre... Parce que si tu n'as pas à manger dans ton pays, tu es dans un certain conditionnement, même si ce n'est pas le top, tu vas prendre une barque avec toute ta famille, tu sais que tu peux couler et tout.

*Jusqu' à un
autre rêve*

Sarcelle Élégante : J'ai juste pensé au chemin, au parcours, par rapport au départ, la distance parcourue du point de départ, par où on passe, je veux dire le schéma, jusqu'à un autre rêve, l'embarcation, là c'est tout un chemin, le départ c'est monter dans un bateau... la destination c'est tout un parcours quand on arrive ici on France et il y a tout un processus qui se passe. J'ai pensé à ça, mais pour le représenter je ne voyais pas... c'est pour ça que je préfère le dire avec la bouche, l'expression orale, le dire que c'est tout un... Voilà, c'est tout, c'est le chemin, entre guillemets, le chemin de Aigle de Legge par rapport au point de départ de son pays jusqu'ici et aussi par rapport au chemin qu'elle a vécu ici, tout ce qu'elle a fait par rapport à sa première venue en France. Tu vois, il y a plein de choses qui se sont passées, comme les personnes qui viennent d'autre pays en bateau, il y a plein de choses qui se sont passées à leur arrivée, pour arriver à destination il y a encore plein de choses à faire parce que l'on ne connaît pas le pays, comment ça se passe, qui on rencontre, avec qui on doit être aussi parce que comme elle disait tu peux venir ici et avoir de la famille, tu sais vers qui te tourner, mais les personnes qui n'ont personne qu'est-ce qu'elles font ? Qu'est-ce qu'elles font ? Je dirais « pars, oui, d'accord » ?

*L'immigration
c'est le lien*

Jacamar Tridactyle : J'ai pensé à un pont en relation avec l'immigration, parce que c'est un pont qui est aussi lié aux dessins de la photographie, parce qu'il y a des cordes et que ça donne un soutien, une structure comme la maison, c'est comme Jaseur Boréal disait aussi, le pont lie aussi, les rêves, ils lient aussi... parce que l'immigration c'est le lien, à mon avis tous viennent de l'immigration même celui qui n'a pas vraiment cette histoire, il y a le grand-père et l'immigration se fait d'une ville à une autre et est dans l'esprit de la vie.

Flamant Nain : C'est très symbolique le pont.

Jacamar Tridactyle : Et bon, ça c'est pour le pont, pour l'immigration, parce que quand tu passes, que tu fais la transition, tu ne sais pas exactement ce qui va se passer, c'est comme Aigle de Legge, quelqu'un a pris sa photo et peut-être que c'est la première fois que quelqu'un

prend sa photo, tu ne sais pas quoi faire. Elle était comme ça et l'immigration c'est ça, quand tu décides de partir, par choix ou peut-être qu'il y a un danger, ou pas, ou vous êtes dans l'eau tu ne sais pas exactement ce qui va se passer... plusieurs...

On a plein de terre là-bas

Aigle de Legge : J'ai pensé que quand on était petits, dans la maison, comme le dit Pririt à Collier, à l'intérieur, on dirait qu'on a la climatisation, à l'extérieur aussi on sentait le chaud, mais quand on est dans un autre pays l'extérieur est très très chaud et voilà. À l'intérieur on ne sent pas la chaleur, c'est très très frais à l'intérieur. On a plein de terre là-bas pour vivre, pour jouer, il y a l'espace... On peut marcher sans chaussures, la nature est propre. Et si on doit mettre les chaussures, on les attrape, sinon vers où ça va tout ça. Quand je suis passé, il y avait plein de terre et une petite maison et on était contents. On dort ensemble, toute la famille, si chacun s'endort dans sa chambre on ne sait pas ce qui se passe. Là-bas il y a une chambre, quand on est dans l'entrée il y a une seule porte, on dort ensemble. Là-dessus de tous les côtés le sable, c'est en sable, c'est de la terre, on mélange bien la boue, après on fait comme un mur avec la boue, en haut on met seulement les feuilles, ce n'est pas de la paille, ce sont les feuilles de noix de coco... oui voilà, c'est comme ça.

Jacamar Tridactyle : Une chose que j'ai oublié de dire c'est qu'ici sur la photo, Aigle de Legge n'est pas toute seule. Il y a quelqu'un et je pense que dans l'immigration nous ne sommes jamais tout seuls. Il y a toujours quelque chose, soit quelque chose qui nous motive, soit quelqu'un et ça aussi c'est des relations humaines et il y a quelqu'un là-bas...

Réfléchir sur le travail

*La précarité et
la souffrance
au travail*

« Une fois par mois on a ce qu'on appelle une analyse des pratiques avec un psychologue, on vide notre sac, on fait de la relaxation, et tout, pour oublier les problèmes... ».

« On peut dire déjà que nous, notre situation elle est précaire. Nous, les médiatrices, on a une situation précaire, parce qu'on habite pratiquement toutes dans le quartier, notre situation financière par rapport à nos salaires ça ne suit pas, donc, on touche le SMIC pour tout le travail qu'on fait. Quand on parle de notre situation, on nous dit, vous, les premiers, vous êtes précaires parce que votre situation est... bon. Nous, on est précaires et on reçoit des gens précaires, ce sont les deux choses qui pèsent sur notre travail. Notre vie personnelle aussi, parce que la médiation n'est pas un métier facile, parce qu'on reçoit beaucoup les misères des autres et on assume tout ça, chaque jour, des fois on craque et des fois on supporte. Des fois on est brisé, mais c'est très, très difficile. Heureusement, comme elle a dit, il y a des moments où on a l'analyse des pratiques, ça veut dire, la psychologue elle est là pour nous soulager un peu de ce lourd fardeau qu'on porte sur nous, parce qu'on porte les problèmes des autres aussi, les autres nous ramènent... c'est ça qui nous vide, après nous, comme professionnelles, on sait comment se ressourcer ailleurs, mais des fois c'est trop lourd. ».

« Dès fois ça passe pas et surtout les premiers temps. Les premiers temps pour la médiatrice, comme pour moi aussi, c'était très, très dur. Des fois on reçoit des gens dans des situations très difficiles, bon on ne le montre pas à la personne parce que sinon... c'est une question de travail, mais quand on rentre à la maison, démoralisée, on est fatiguée, on ne parle même pas avec la famille, on ne veut même pas qu'on nous parle, parce que sont des états très... ça joue beaucoup, mais après on a appris à surmonter tout ça, l'information et tout... ».

« Au premier temps tu n'es pas formé, on ne sait pas comment surmonter tout ça et maintenant on a eu plusieurs formations, donc on sait comment être... comment dire... on connaît, il ne s'agit pas de sympathie, mais c'est de l'empathie, on sait comment faire la part des choses, comment faire un jeu de mur entre nous et les cadres difficiles. ».

« On sait comment faire avec une dame qui vient en urgence, en pleurs, il faut envisager toutes les possibilités, le commissariat, l'hôpital et tout. On a fait face à des situations très, très difficiles. En même temps, il ne faut pas montrer ses émotions. Vous voyez quelqu'un qui vous raconte des choses très, très, très graves, mais il faut rester neutre, garder ses distances, on n'a pas le droit de montrer ses émotions, montrer qu'on a envie de pleurer, qu'on est triste... il faut rester neutre, c'est ça le plus difficile. Tu gardes ça en toi et ce n'est pas évident. ».

« Si, on peut dire ça, mais ce n'est pas possible. On s'identifie avec cette personne, on est obligé parce qu'on est des immigrés. On n'a pas le même parcours que cette personne-là, on a peut-être des parcours différents, mais elle vient d'un pays différent et nous aussi. Souvent ce sont des gens qui viennent du même pays, on a le même dialecte, on parle de la même chose, on mange la même chose, on a les mêmes problématiques parce qu'on vit dans le même quartier, on a les enfants qui vont à l'école ensemble, les problèmes de leurs enfants sont les problèmes de nos enfants aussi. Souvent, même entre collègues on sait que souvent elle dit 'j'ai leur frère à la maison', mais on ne montre pas à la personne parce qu'on sait que ça va pas. On a la même problématique, on a le même sentiment, mais vis-à-vis de la personne on n'est pas obligé de montrer ça. On peut comprendre la personne, on s'identifie intérieurement, mais on ne lui montre pas notre difficulté, parce que si on lui montre notre difficulté et un autre problème, est-ce qu'on peut l'aider ? Est-ce que cette personne peut venir nous voir ? ».

« Des fois c'est la même histoire que toi-même as vécue. Donc, tu ne peux pas le montrer, tu écoutes et s'il faut donner des conseils tu lui donnes des conseils, mais ça reste. Ça te touche en fait. Tu dis 'voilà, mais attendez, c'est la même histoire que moi', donc tu ne peux pas montrer ça, mais tu es là comme une personne neutre. On dit comme neutre, mais ça touche quand même. ».

« Tu passes à d'autres collègues. On a le sentiment, on vit la même chose ici... On est des humains, heureusement qu'on fait la formation pour apprendre à ne pas renvoyer sur soi les problèmes et le reste. Parce qu'il n'y a que des problèmes, c'est, comme tout le monde vient de dire, que dans le sac il y a plein de sacs qui viennent avec nous, donc il faut savoir comment vider ce sac-là, on ne peut pas ramener ça chez soi, on ne peut pas faire l'hypocrite, mais on est quand même des humains et c'est toujours comme ça. ».

« En même temps il y a des analyses pratiques, on travaille avec des psychologues une fois par mois, on raconte nos difficultés, on essaye de changer, de s'appropriier tout ça et ça aide. ».



*Description
des actions
réalisées par
les médiatrices
à Arifa*

Fauvette Orphée

Il y a des acteurs spécialisés et, sinon, ils ont les mêmes travaux pour tout le monde et toute la population... Et puis, après tout ça, on est souvent dans les cités à participer à des événements qui se déroulent sur le territoire quand on participe à des journées, on est toutes les steps présentes aussi sur le forum, pour informer les gens et pour discuter avec la population. On est là quand il y a des fêtes de quartier, des fêtes de voisins, des fêtes de deux quartiers, n'importe quel événement qui se produit dans le territoire, on y est présentes. Et là on travaille beaucoup avec le Bas-Clichy, pour régler les problèmes de logement sur le quartier. Donc là, on va faire du porte-à-porte, nous les médiatrices, on va monter dans les bâtiments pour frapper à chaque porte pour informer sur ce qui se passe, c'est une action qu'on va commencer la semaine prochaine. On peut dire que nos tâches sont vraiment énormes.

Assiette de vie

Atelier Vélo

Aigle De Legge

On accueille les gens, pas tout le monde dans la communauté, et j'ai fait l'atelier de cuisine : comment il faut manger un repas équilibré, il faut montrer aux gens, différents aliments, des plats traditionnels. On a fait d'autres ateliers aussi, atelier vélo, pour les gens qui ne savent pas faire du vélo, ou pour ceux qui en ont fait, comment améliorer. Il y a un but en relation avec la santé. Il y a un lien entre l'atelier Assiette de Vie et l'Atelier Vélo. La personne qui participe aux ateliers Assiette de Vie, elle participe aussi à l'Atelier Vélo.

Atelier Parcours Maternité et partenariat avec la Cnam
(Caisse Primaire d'Assurance Maladie) et la CAF (Caisse
d'allocations familiales)

Atelier Papothèque

Astrid Ondulé

Je fais l'atelier Parcours Maternité, c'est un atelier qui a un partenariat avec la Cnam, la Sécurité Sociale, c'est pour les femmes enceintes, le suivi de grossesse, de repos jusqu'à l'accouchement et prolongé jusqu'aux trois ans de l'enfant. Donc, on parle de tout ce qui concerne le développement de la grossesse. Le jour de l'atelier on parle aussi de la Cnam et des droits. Il y a beaucoup de femmes ici qui sont jeunes et qui ne connaissent pas les droits que donne la sécurité sociale, et le rôle de la Cnam et de la CAF, qui interviennent sur tout ce qui relève du droit. Après aussi, la troisième partie de l'atelier, c'est le soin de sa propre personne avec une orthophoniste ou un médecin. Ça parle de tout ce qui se rapporte à l'alimentation pour la femme enceinte et pour les enfants, ainsi que du développement du langage pour les enfants de zéro à trois ans.

Atelier Papothèque

Goéland Cendré

C'est avec le psychologue de l'école, en présence de la médiatrice et de l'assistante sociale en vue de la réussite éducative... C'est une fois par mois sur des temps différents. C'est le premier sens de l'école française positive et bilingue. Chaque mois, il y a un thème différent choisi par les animatrices. Par exemple, la rentrée scolaire, la laïcité, l'école française, l'expérience des parents. Chacun est venu de son pays et raconte comment c'était à l'école primaire là-bas, comment ça fonctionne en France l'école française. Sur la propreté des enfants... par exemple, si les enfants qui sont au premier cycle viennent juste d'arrêter les couches et vont à l'école, il faut qu'ils soient propres. Cet atelier est

prévu dans plusieurs écoles différentes.. mais pour l'instant c'est dans une seule école... Parce que là-bas il y a beaucoup de communautés qui restent loin de l'école, ils ne peuvent pas aller à l'école, ils sont loin, c'est pour ça qu'on a préféré cette école-là.

Le planning

Fauvette Orphée

Moi je suis la coordinatrice, donc mon travail c'est de coordonner, ça veut dire observer tout le travail des médiatrices, et mon tâche consiste à établir un planning pour les médiatrices, parce qu'elles ont des permanences ailleurs, donc elles doivent voir chaque personne, où elle est ce jour-là. On a aussi les accompagnements. Il faut donc établir un planning pour chaque semaine, en fonction des accompagnements et des activités. Chaque médiatrice a son planning pour savoir où elle est et ce qu'elle fait. Après je prépare aussi les actions des médiatrices avec des partenaires, je vais dans des réunions, je réponds aux e-mails (courriels) des partenaires et à leurs demandes... en gros, c'est ça.

Engie et partenariats

La Poste et partenariats

Prit à Collier

L'atelier Engie c'est en partenariat avec l'Engie, chargée de la gestion de l'électricité, du gaz et tout ça. Avant c'était Gaz de France maintenant ça devient Engie. Nous on travaille sur l'accompagnement des familles pour la gestion de l'énergie en fonction de l'environnement. Par exemple, les familles viennent nous voir, quand ils ont des factures gonflées, ils ont du mal à payer... on essaye de faire un atelier pour tout ce qui concerne l'énergie. Quand tu es piégé, qu'il ne faut pas dépasser la facture de chauffage il faut nettoyer les conduits d'aération, il faut aussi des lampes énergétiques et tout, voilà on travaille sur ça. J'ai des

tableaux, on a des films et comme ça les gens regardent et on a des quizz aussi quand les gens posent la question : quand fait-on cuire la pâte ? Quand on doit la laisser à l'air ? Doit-on la laisser à l'air libre ? Par exemple, dans les machines à laver, qu'est-ce qu'il faut mettre à 90 degrés ? Certains mettent à 60... Pour que la facture soit un peu plus légère... Il y a des gestes à faire à la maison qui sont très simples et qui peuvent faire baisser la facture, et aussi être bon pour l'environnement. Il y a des choses qu'ils ne connaissaient pas et ils essayent maintenant de faire à la maison. Des fois ils ont des problèmes avec la facture... pour certains ils n'envoient pas la facture, on fait une estimation, ils paient 50 euros par mois, mais à la fin de l'année ils font les calculs. Peut être que tu as consommé plus, tu vas payer un peu plus, si tu as consommé moins ils te remboursent. Un peu de souci pour apprendre aux gens à maîtriser tout ça et à savoir comment lire la facture, comment appeler le numéro du référent et tout ça. Voilà. On travaille aussi à la poste, nous tous. On fait des permanences en plus, parce que maintenant, avec l'informatique, tout est devenu numérique et dans le public qu'on a ici, en général, il y a ceux qui savent lire, mais la majorité ne sait pas lire pour utiliser les automates. On est là-bas quand, par exemple, tu fais un dépôt de chèque, quand tu fais un chèque en ATM, quand tu vas faire un *western-union*, parce qu'il y a beaucoup de gens qui envoient de l'argent au pays. Et là dans cet atelier, je travaille avec un groupe aussi qui fait le cours de français. J'imprime le *western-union*, la commande, je leur donne pour qu'ils écrivent, parce que maintenant à la poste, personne n'écrit, il faut tout faire tout seul et si les gens ne savent pas, ça devient plus compliqué. Je fais des photocopies pour les commandes et les donne et après on écrit expéditeur et destinataire, je leur explique, ils écrivent, ils mettent leurs adresses. Et il y a d'autres ateliers où je les amène à la poste, leur apprends comment retirer de l'argent, combien d'argent sur le compte, ils amènent le CAT (compte de dépôt à terme) parce que maintenant à la poste si tu veux avoir de l'argent il faut avoir la carte, quelques heures pour l'accueil et tout ça. S'ils veulent déposer c'est simple, ils vont aller à la machine, je leur montre comment il faut déposer de l'argent, comment il faut déposer un chèque. Et on a 15 personnes, une fois par mois. Et vraiment ils sont contents.

Permanences – Aide aux personnes pour leurs demandes
Serin à Masque Noir

Moi je suis nouvelle dans l'Association Arifa, je fais des permanences comme ma collègue vient de dire, comme tout le monde..., j'aide les personnes pour leurs demandes de CMI (carte mobilité inclusion), ils ne savent pas comment remplir le formulaire, donc moi je suis là pour remplir le formulaire, étudier leurs demandes... parfois, certains viennent me voir pour leur expliquer des courriers qu'ils ont reçus, de la CAF, de La Poste, de la Préfecture... Donc je suis là pour leur expliquer. Je prends aussi des rendez-vous à la Préfecture pour les gens qui veulent renouveler leurs pièces d'identité... Je ne fais que des permanences. À la poste, je les fais comme tout le monde, donc on a pris notre place... Personne ne parle. Ce sont des machines maintenant qui posent les questions... Les gens vraiment ils ont beaucoup de difficulté pour... juste pour envoyer une lettre... pour acheter un timbre, pour remplir... Même si c'est pour une demande, même pour acheter de la nourriture, c'est toujours sur internet et il y a trop de commandes, comment commander les choses, prendre un rendez-vous... toujours sur internet. Mais quand même la population a beaucoup de difficultés pour s'adapter sur l'instant et moi je suis là pour aider ces personnes.

Accès aux droits
Bruant Auréole

Elle est très axée sur le droit, donc elle ne fait plus d'atelier du tout, elle fait beaucoup d'accompagnement... elle participe à la PMI (Centre de Protection Maternelle et Infantile). C'est un endroit où les femmes, dès qu'elles savent qu'elles attendent un bébé, sont suivies jusqu'à cinq mois ou six mois avant d'accoucher. Après elles ramènent leur bébé dans ce centre pour qu'il soit suivi jusqu'à l'âge de six ans. Oui, c'est pour le vaccin, avec le pédiatre et même la maman, elle est aussi suivie avec la gynécologue pour la suite des couches, ça veut dire

que, une fois qu'elle a accouché, pour voir comment elle va et tout, donc ça, c'est au centre de PMI. Bruant Auréole, une fois par mois elle est sur place à la PMI et une fois on rencontre des gens qui viennent de la CPMI pour qu'on discute, c'est un dialogue avec eux, pour voir s'il y a des problèmes ou d'autres questions.

Sorties Culturelles

Temps Parents

Cramif (Caisse Régionale d'Assurance Maladie d'Ile-de-France)

Flamant Nain

Il y a l'atelier « Temps parents », alors, c'est un temps pour les parents, c'est très intéressant, c'est avec un psychologue, c'est pour valoriser le rôle des parents en France, donc les parents, ils ont vécu dans un autre pays et puis ils éduquent leurs enfants dans un milieu français, donc c'est pour valoriser leurs rôles de parents, les droit et devoirs en tant que parents en France. Et après il y a l'atelier Cramif. Cramif c'est connaître ses droits et ses devoirs au niveau de la santé et des soins en France. En dehors de ça, on fait la médiation auprès du public, on les accueille, pour l'accès au droit... La « Sortie culturelle » c'est un rendez-vous mensuel, donc on sensibilise les gens pour découvrir la richesse de la France. Donc, il y a des gens qui sont en France depuis pratiquement trente ans, mais ils n'ont jamais vu un musée, un lieu culturel, il y en a qui ne savent pas comment y aller. Donc, il y a la découverte et en même temps il y a l'acquisition d'une autonomie pour qu'ils puissent revenir une autre fois pour faire découvrir à leur famille. Ils ne savent pas comment utiliser, par exemple, le transport... Il y a tout un objectif dans la Sortie culturelle, il y a la sortie elle-même, mais il y a plein de choses autour : comment y aller, qu'est ce qu'on fait là-bas, qu'est-ce qu'on apprend, il y a tout un travail autour. Donc, il y a l'avant, pendant et après. Avant on explique ce qu'on va voir, c'est quoi, pourquoi on y va, c'est quoi la thématique qu'on va travailler parce qu'on ne fait pas une visite touristique, on travaille là-dedans pendant

une heure et demie. Parfois avec une conférencière, parfois on est toute seule et on travaille. On fait un travail culturel. On respecte l'histoire des autres et on essaie de l'utiliser pour arriver à quelque chose, on ne peut pas ignorer l'histoire de la personne. Voyez, il y a des choses qui ne sont pas évidentes, par exemple, on ne peut pas... quand on est partie vers Notre Dame de Paris on n'a pas pu leur imposer de rentrer à l'église, il y a des musulmans, donc on respecte ça. Il y en a qui sont rentrés et les autres ils en ont profité pour faire d'autres choses, pour que ça soit respectueux, voyez. C'est ce genre de chose par exemple.

Atelier Numérique à Defi (Développement de l'Emploi et de la Formation dans l'Industrie)

Sarcelle Élégante

Moi je suis de l'atelier numérique à Defi. C'est un atelier numérique monté par la CAF... (les allocations familiales) et c'est pour expliquer aux gens, comme elle l'a dit, le numérique. Comment il faut utiliser l'internet, aller sur son compte CAF, demander des nouvelles prestations... Pour consulter un compte il faut apprendre, s'il y a des messages de la CAF, comment envoyer des messages à la CAF et comment la CAF répond négativement de fois, quand ils disent « tu n'as pas le droit » et tous les messages qui sont sur le site de la CAF, qui sont importants et que les gens doivent savoir... Pour qu'ils soient autonomes, agir tout seul, aller sur leur compte, voir leur téléphone.

Secrétariat

Jaseur Boréal

Moi je suis la secrétaire de l'Association Arifa.

Proposition d'actions

Oui, c'est une bonne idée.

On ramène tous, demain, quelque chose de nos ateliers et on fait...

Ce partage et un enregistrement même pour montrer aux gens.

Des plaquettes, des photos, des recettes, de Aigle de Legge de « Assiettes de Vie »...

Des photos de dossiers

Les plannings ?

Oui

Bonne idée !

Tout le monde est d'accord ?

Oui, oui.

« Moi je pense que l'exposition parlera plus que... même le catalogue, c'est pas mal, mais après il y a la discussion... oui, ça passerait par une discussion, forcément parce qu'ils sont... même eux... par le fait d'avoir fait ce travail-là, ça leur parle aussi, donc il y aurait forcément quelque chose, il y aurait quelque chose qui les relierait forcément, il y aurait des choses que nous forcément... ça pourrait être une étincelle, quelque chose qui les ferait se ressembler quand ils sont arrivés, par leurs parcours, comment ils vivent chez eux, comment nous on vit ici, les problèmes qu'on rencontre, tout ce qui se passe quand on est dans un pays qu'on ne connaît pas. Comme on disait au début, quand on parlait de nous, quand tu viens dans un pays que tu ne connais pas, avec, en plus, le problème de se faire comprendre, c'est compliqué aussi. Donc, je pense que c'est ce qui les relie quand ils arrivent parce qu'il y aura quand même des liens. »

« C'est juste... mais sinon, je suis dans les ateliers des oiseaux. Mais c'est bien l'atelier des oiseaux. Oui, des ateliers des oiseaux, des pigeons, des perroquets... »



Referências

DIDI-HUBERMAN, G. La Emoción no dice “yo”: Diez fragmentos sobre la libertad estética. In: JAAR, Alfredo. *La política de las imágenes*. Santiago do Chile: Ediciones Metales Pesados, 2008.

FREIRE, P. *Cartas a Cristina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GENETTE, G. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Éd. du Seuil, 1982.

HEIDRICH, Á. L. Esquema para dialogar com descartógrafos. In: WASHINGTON, Claudia; ARAÚJO, Lúcio de; GOTO, Newton. *Recartógrafos*. Curitiba: Edição do autor, 2010.

HOEFEL, M. G. L.; SEVERO, D. O.; *et al.* O Projeto Vidas Paralelas Indígena e a construção da interculturalidade na formação em saúde: um estudo de caso. *Revista Tempus: Actas de Saúde Coletiva*, Brasília, v.6, p. 23-35, 2012.

HOEFEL, M. G. L.; SEVERO, D. O. Movimentos sociais e participação em contexto de conflitos socioambientais: uma proposta de matriz de análise. *Revista Tempus: Actas de Saúde Coletiva*, Brasília, v.8, p. 27-45, 2014.

HOEFEL, M. G. L. *et al.* PET-Saúde indígena UnB: construindo redes interculturais em saúde. *Revista Tempus: Actas de Saúde Coletiva*, Brasília, v. 9, n. 1, p. 43-63, 2015. Disponível em: <http://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1691/1398>. Acesso em: 28 mar. 2019.

HOEFEL, M. G. L.; SEVERO, Denise O.; GARCIA, Yannick; GAZUI, Julien. Projeto Vidas Paralelas no Brasil e França: imagens, olhares e saberes a partir da ótica dos trabalhadores. In: ALVES, Wanderson Ferreira; MACHADO, Maria Margarida (org.). Campinas: Mercado de Letras, 2016. p. 255-294.

SEVERO, D. O.; HOEFEL, M. G. L.; SHIMIZU, H. Redes Sociais, Facebook e debate político: olhares dos movimentos sociais. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, v. 53, p. 194-201, 2017.

HOEFEL, M. G. L. *Document d'orientation de la méthodologie du Projet Vies Parallèles Migrantes à Paris* (Capes-Cofecub). 2017.

MADÉLIN, B. Le rôle des femmes-relais: En Seine-Saint-Denis, avec Profession banlieue. *Informations sociales*, v. 5, n. 141, p. 120-127, 2007. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-informations-sociales-2007-5-page-120.htm>. Acesso em: 28 mar. 2019.

MADÉLIN, B. Dossier Femmes relais – femmes médiatrices. Médiation sociale et culturelle: le rôle des Femmes – Relais. *Plume: La revue du CLICOSS 93 – Direction de la Prévention et de l'Action Sociale*, Seine-Saint Denis, n. 52, p. 4-11, Mars 2010.

MADÉLIN, B. *Médiation sociale: l'émergence d'un métier*. Les cahiers du Développement Social Urbain, n. 65, p. 1-16, 2017.

MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HOEFEL, Maria G. L.; SEVERO, Denise O. *Projeto Vidas Paralelas Migrantes: perspectivas Brasil-França*. Candidatura 2015, Capes-Cofecub. UnB; UERJ; Université Paris Descartes; Université Paul Valéry.

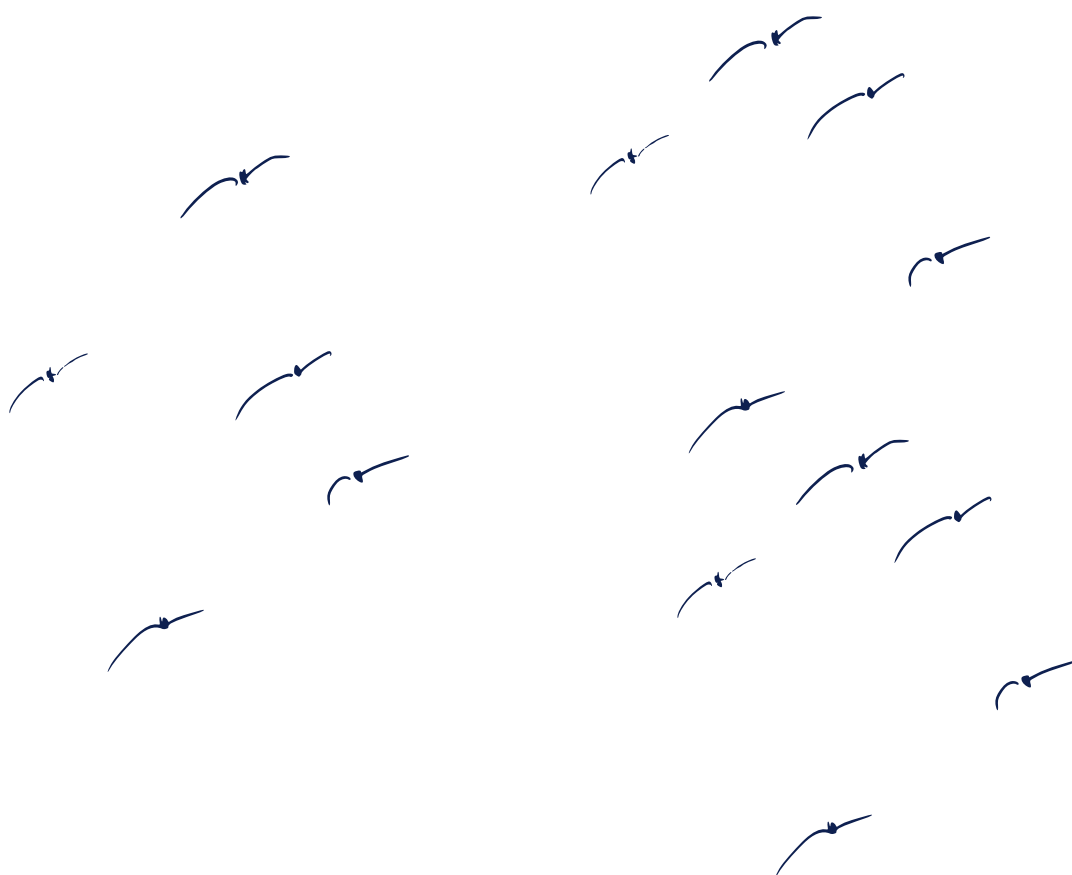
PROJET VIES PARALLÈLES MIGRANT: PERSPECTIVES BRÉSIL - FRANCE. Université de Brasília; Faculté de Sciences de la Santé; Département de Santé Collective; Laboratoire de Santé du Travailleur et Santé Indigène, 2016.

RANCIÈRE, J. *O espectador emancipado*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

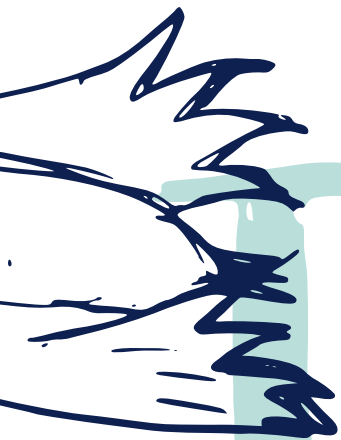
RANCIÈRE, J. El teatro de imágenes. In: JAAR, Alfredo. *La Política de las imágenes*. Santiago, Chile: Ediciones Metales Pesados, 2008.

RANCIÈRE, J. *Le partage du sensible: esthétique et politique*. Paris: La Fabrique éditions, 2005.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1986.







Ficha técnica

PROJETO VIDAS PARALELAS MIGRANTES CAPES/COFECUB

Projeto Vidas Paralelas Migrantes Cape/Cofecub Brasil-França Universidade de Brasília, Brasil

Coordenação geral	Maria da Graça Luderitz Hoefel
Coordenação	Denise Osório Severo
Programa de pós-graduação em Saúde Coletiva	Ximena Pamela Díz Bermúdez
Doutorado- sanduíche	Claudia Washington (PPG-Arte/UnB)

PROJETO VIDAS PARALELAS MIGRANTES CAPES/COFECUB FRANÇA / UNIVERSIDADE PARIS 13, FRANÇA

Projeto Vidas Paralelas Migrantes – Oficinas de direitos humanos e fotografia

Maria da Graça Luderitz Hoefel
Denise Osório Severo
Claudia Washington



Associação Arifa / Clichy-sous-Bois, França

Conselho administrativo

Bénédicte Madeleine (copresidente)

Guy Depelley (copresidente)

Monique Legrand (copresidente)

Nathalie Scortattor (tesoureira)

Monique Delaugère

Lydie Rappaport

Karima Felouki

Philippe Basse

Fatima Baghdadi

Nadia Zaid

Direção

Tatiana Jennings

Coordenação

Fawzia Ouzine

Secretaria

Jennifer Yazici

Mediadoras socioculturais

Léa Anton

Ayse Batur

Aissata Doucouré

Sengul Conen

Pinda Kanne

Setti Laradji

Fouzia Nebzry

Marie-Claire Songa

Fotografias, desenhos, objetos e relatos	Léa Anton Ayse Batur Aissata Doucouré Sengul Gonen Tatiana Jennings Pinda Kanne Setti Laradji Fouzia Nebzry Fawzia Ouzine Marie-Claire Songa Jennifer Yazici Claudia Washington Lúcio De Araújo Jean-Michel Ladoire
Transcrição de áudio	Lorraine Maciel Camelo Reategui Angela Upegüi
Tradução das falas das mediadoras	Claudia Washington
Revisão do francês	Marguerite Rollinde
Criação e design gráfico	Claudia Washington Ayse Batur
Curadoria da Exposição l'atelier des oiseaux	Claudia Washington Tatiana Jennings Maria Da Graça Luderitz Hoefel Léa Anton Ayse Batur Aissata Doucouré (<i>in memoriam</i>) Sengul Gonen Tatiana Jennings Pinda Kanne Setti Laradji Fouzia Nebzry Fawzia Ouzine Marie-Claire Songa Jennifer Yazici

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.



A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro, Active e Alegreya Sans/Serif.



Vidas paralelas Migrantes

Este livro retrata uma experiência de cooperação internacional de pesquisa, intitulada Projeto Vidas Paralelas Migrantes, inserida no âmbito do Programa Capes/Cofecub. Esse programa, ativo desde 1978, representa a mais antiga parceria estabelecida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e, como tal, reflete um histórico solidário e profícuo no que tange à produção científica compartilhada entre o Brasil e a França. Nesse escopo, evidenciamos a centralidade da dimensão cultural dos processos de cooperação que propiciam a partilha de valores de respeito, trabalho em equipe e reconhecimento da autonomia. No bojo dessas relações, o programa oportunizou o desenvolvimento desta pesquisa-ação, que teve como base as experiências do Projeto Vidas Paralelas (PVP), desenvolvido desde 2008 pela Universidade de Brasília. As perspectivas teórico-metodológicas que ancoram esse projeto apresentam três elementos centrais: a) a importância da centralidade do olhar dos próprios sujeitos da ação; b) a linguagem imagética como elemento metodológico norteador dos processos; e c) a perspectiva da educação popular com base em Paulo Freire. Assim, o presente livro busca refletir sobre os caminhos possíveis de construção coletiva de processos emancipatórios a partir das perspectivas teórico-metodológicas desenvolvidas pelo PVP Migrantes em conjunto com mediadoras socioculturais vinculadas à associação Archives de l'Immigration Familiale (Arifa).

